

**Entre a Idade Média e a Época Moderna no Hospital Real de Todos-Os-Santos: os contextos do poço de T1 da Praça da Figueira (Lisboa)**

**Ana Isabel Antunes Barradas**

**Dissertação**

**de Mestrado em Arqueologia**

**(Versão corrigida e melhorada após a sua defesa pública)**

**Volume I**

**Setembro de 2017**

Declaro que esta dissertação é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

---

Lisboa, .... de ..... de .....

Declaro que esta dissertação se encontra em condições de ser apreciado pelo júri a designar.

O orientador,

---

Lisboa, .... de ..... de .....

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção  
do grau de Mestre em Arqueologia, realizada sob a orientação científica do  
Professor Doutor Rodrigo Banha da Silva.

## Agradecimentos

De início quero agradecer ao Professor Rodrigo Banha da Silva, nomeadamente pela sua ajuda na escolha do tema da dissertação, assistência no período de trabalho prático e nas dúvidas finais. Ao Centro de Arqueologia de Lisboa (CAL) pelo acesso aos materiais arqueológicos do poço T1.

Em relação à identificação da fauna e respetivo apuramento das espécies do contexto agradeço à investigadora Cleia Detry, bolseira de Pós-Doutoramento FCT.

Quero também agradecer aos meus amigos e colegas, que sabem exatamente quem são, pelo apoio e motivação nas horas de trabalho e escrita. Valorizei bastante a troca de teorias sobre o estudo dos materiais e contextos.

Agradeço o apoio incondicional da minha mãe acompanhado com paciência, compreensão e incentivo durante o todo este período de trabalho na dissertação.

Mesmo não estando presente tive sempre em mente o meu pai, que no passado me apoiou e motivou durante a licenciatura, inclusive no período de transição para o mestrado.

Entre a Idade Média e a Época Moderna no Hospital Real de Todos-Os-Santos: os contextos do poço de T1 da Praça da Figueira (Lisboa)

Ana Isabel Antunes Barradas

Palavras Chaves

Escavação arqueológica, Hospital Real de Todos-Os-Santos, Praça da Figueira, Arqueologia Urbana, Época moderna.

Resumo

O Hospital Real de Todos-Os-Santos é tema de frequente publicação e investigações em múltiplas vertentes, destacando-se-lhe a relevância histórica, o papel chave para a evolução das práticas médico-terapêuticas portuguesas da época da expansão, mas também as estruturas e materiais arqueológicos recuperados em sucessivas ocasiões, entre 1960 e 2001. No presente estudo abordou-se um conjunto selecionado de cerâmicas recolhidas num contexto fechado datado da época moderna, equivalente ao enchimento de um poço ovalado medieval das «Hortas de S. Domingos», depois integrado no tardóz do Hospital, escavado na intervenção arqueológica de 2000/2001. Esta dissertação lida com as produções regionais e forâneas.

Keywords

Archaeological excavation, Hospital Real de Todos-Os-Santos, Praça da Figueira, urban archeology, 16th century.

Abstract

Hospital Real de Todos-Os-Santos was the subject for various publications and researches in several areas, highlighting its historical relevance, the key role for the evolution of the Portuguese medical-therapeutic practices in the Age of European

Expansion, but also the structures and archaeological materials recovered on successive occasions between 1960 and 2001. The present paper approaches a set of selected ceramics recovered from a closed context dating from the 16th c. A.D., equivalent to the filling of a medieval oval well belonging to the vegetable-garden of the Dominican Convent, later reused by the hospital. This excavated in the archaeological intervention of 2000/2001. The study deals with glazed ceramics of regional origin, and their respective evidences of production, and also approached the portuguese productions and foreign productions.

## Índice

### Volume I

1. Nota introdutória – contexto histórico e geográfico .....	10
2. Arqueossítio e suas intervenções arqueológicas .....	14
3. Objetivos e metodologia .....	16
4. O poço T1 e a sua estratigrafia .....	21
5. A cultura material .....	23
5.1 Tipologia e nomenclaturas .....	
5.2 Fabricos .....	28
5.3 Os grupos cerâmicos .....	35
5.3.1 Os grupos cerâmicos endógenos .....	36
5.3.1.1 Cerâmica comum .....	
5.3.1.2 Cerâmica comum vidrada .....	49
5.3.1.3 Cerâmica fina e modelada .....	52
5.3.1.4 Cerâmica “pedrada” .....	57
5.3.1.5 faiança portuguesa .....	58
5.3.2 Os grupos cerâmicos forâneos .....	61
5.3.2.1 Porcelana chinesa .....	
5.3.2.2 Majólica italiana .....	65
5.3.2.3 Produções de Sevilha .....	67
5.4 Outros materiais .....	70
5.4.1 Vidros .....	
5.4.2 Restos de produção da cerâmica comum vidrada .....	72
5.4.3 Materiais de construção .....	73
5.4.4 Imagens religiosas e outros objetos trabalhados em osso e	
Madeira .....	74
5.4.5 Metais .....	75

6. Fauna .....	76
7. Interpretação dos dados .....	77
8. Considerações finais .....	86
9. Fontes e bibliografia .....	90
9.1 Bibliografia	
9.2 webgrafia .....	100
10. Anexos .....	101
Apêndice I: Contexto histórico – planta e localização	
Apêndice II: Sítio arqueológico – Praça da Figueira .....	105
Apêndice III: Estrutura – Poço T1 .....	106
Apêndice IV: Estratigrafia .....	109
Apêndice V: A cultura material – tabelas e gráficos .....	112
Apêndice VI: Os grupos cerâmicos – formas e variantes .....	121
Apêndice VII: Fauna – tabelas .....	211

## Volume II

Apêndice VIII: Inventário da cultura material .....	219
Cerâmica comum .....	220
Cerâmica comum vidrada .....	356
Cerâmica fina e modelada .....	553
Cerâmica “pedrada” .....	594
Faiança .....	595
Porcelana chinesa .....	597
Majólicas .....	599
Produções de Sevilha .....	600
Vidro .....	602



## Lista de abreviaturas

ENP – Elementos não plásticos

MNI – Máximo número de indivíduos

NMI – Número mínimo de indivíduos

IPPAR - Instituto Português do Património Arquitectónico

## 1. Nota introdutória – contexto histórico e geográfico

A cidade de Lisboa foi alvo de constantes mudanças arquitetónicas e urbanas, nomeadamente durante a ocupação islâmica em que a cidade se centrou no Castelo e sua colina. No final deste período, a parte baixa cresceu exponencialmente. Após um curto lapso de tempo de retração, esta última zona ganhou de novo importância no final do século XIII, comprovada pela construção de muralha no reinado de D. Dinis, para, no século XIV, o crescimento urbano entretanto verificado levasse à ereção de nova cerca, a muralha fernandina, localizada mais a sul da anterior. Esta dinâmica foi acompanhada com um aumento da população, que levou a contra medidas nos séculos XV-XVI (CARITA, 2015: 31-35).

A Lisboa do século XVI ficou associada ao período dos descobrimentos marítimos que atingiram o seu apogeu com a descoberta do caminho marítimo para a Índia em 1497-98. Esta nova realidade terrestre e marítima impulsionou novamente transformações no quotidiano e tecido urbano da cidade (MOITA, 1994: 139).

No âmbito de instituições hospitalares, até ao século XV os hospitais funcionavam mais como instituições sociais assistenciais e de solidariedade, por conseguinte empenhadas na ajuda à pobreza e em dar abrigo àquele que mais necessitava, ao contrário do que se atingiu no século seguinte, em que a infraestrutura hospital desenvolveu de sobremaneira a componente de cuidados médicos (SALGADO, 2015: 17).

O Hospital Real de Todos-os-Santos foi edificado a partir de 1492 por decisão do D. João II, que pretendia fundar um estabelecimento de inspiração renascentista, baseando-se em exemplos de Itália. Um dos objetivos era centralizar os serviços hospitalares e de assistência em Lisboa, o que consequentemente levou ao encerramento dos hospitais de menor dimensão (CARMONA, 1954: 160). O seu nome surgiu da concentração dos bens dos inúmeros hospitais dispersos pela cidade, nomeados pela invocação de diversos santos.

A centralização efetuou-se devido do facto que no final do século XV a assistência à saúde pública era precária e dispersa. Também este fator foi acompanhado pelo aumento da população na cidade de Lisboa, como resultado do comércio marítimo, tornando sensível a falta de uma instituição de apoio à população local aos forasteiros adoentados, estes últimos presentes na capital portuguesa sobretudo em resultado dos negócios desenvolvidos na capital portuguesa (RAMOS, 1993: 337).

A construção do hospital foi apoiada pelo papado. Todavia, tratou-se de um processo de autorização que durou, aproximadamente, 13 anos. A primeira autorização foi concedida pelo Papa Sixto IV, mas o falecimento deste pontífice, em 1484, levou a um segundo pedido de autorização, sendo esta renovada pelo Papa Inocêncio VIII. As obras estavam supostamente adiantadas em 1495 (SALGADO, 2015: 63-65; CARMONA, 1954: 51-52), mas o essencial da construção teve lugar somente com o monarca seguinte, D.Manuel I, e o testemunho presencial de Jan Taccoen Van Zillebeke, em 1514, indicia que embora funcional, os trabalhos de construção decorriam ainda nesta data (STOLS; *et al*, 2015: 3).

O hospital foi erguido no antigo espaço de cerca conventual que pertencera ao mosteiro de S. Domingos, área localizada no lado oriental do Rossio. Este terreno tinha sido doado ao convento dominicano pelo rei D. Afonso III, com o objetivo de mais tarde o retomar (MOITA, 1992: 21). Sobre ele recaiu a escolha do local para instalação do Hospital Real, com base nas suas características de fácil acessibilidade, escoamento e acesso a águas. Consequentemente, houve lugar à instalação de sistemas de drenagem, de captação e circulação, fatores importantes para o estabelecimento de uma infraestrutura hospitalar. Além do mais, era uma zona que se tinha tornado bastante aclamada devido à quantidade de residências nobiliárquicas próximas, e à recente instalação do Paço dos Estáus no topo norte do Rossio, durante a regência do Infante D.Pedro (BARGÃO, 2015: 3).

O essencial da obra foi terminada no reinado de D. Manuel I, cerca de 1502. A sua finalização coincidiu com este reinado que teve um papel importante para a mudança urbanística de Lisboa, ao realizar reformas de organização na cidade. Constatou-se a transferência do poder político para junto do rio Tejo e a execução de mudanças físicas na malha urbana do centro económico de Lisboa, que se iriam manter até 1755. Verificou-se, também, a abertura de novas ruas, o surgimento de um novo traçado urbano com a construção do Bairro Alto, e a transformação do Rossio num dos núcleos de centralidade urbana da cidade (CARITA, 2015: 31).

Segundo as fontes manuscritas, o desenho da primitiva arquitetura do Hospital Real de Todos-Os-Santos foi construído a partir de uma planta cruciforme, com a cruz rodeada por quatro claustros, tendo cada um deles um poço ao centro. Esta forma de planta foi inspirada nos modelos hospitalares italianos, especificamente nos de Siena e Florença, nestas cidades foram construídos grandes edifícios como o hospital de Santa Maria Nuova de Florença (SALGADO, 2015: 63) (Apêndice I, imagem 1).

À semelhança dos modelos italianos, foi erguida uma igreja no edifício hospitalar para que os doentes pudessem ouvir missa, mesmo estando nas camas das enfermarias. A fachada do hospital era de estilo manuelino, tendo uma escadaria de nove degraus que dava o acesso à igreja. Esta escadaria foi uma das primeiras descobertas arqueológicas do hospital durante obras num restaurante perto do Rossio, na década de 1950 (SALGADO, 2015: 73).

O hospital era composto por enfermarias para homens e mulheres, áreas de residência para a equipa administrativa, médica e auxiliar. Possuía também quartos para doentes de estatuto social elevado e respetivas zonas de cozinha e refeitório. Nas áreas exteriores ao hospital também se localizava a horta, que possivelmente abasteceria a boticária. Igualmente existiria outra cozinha e a casa da fazenda (SARDINHA, 1990-1992: 502).

Em 1530, no reinado de D. João III, a administração do hospital pertencia à congregação de S. João Evangelista. Todavia mais tarde, no ano de 1569, a administração foi entregue à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa pelo Regente Cardeal D. Henrique (CARMONA, 1954: 251).

Em 1601 o hospital sofreu um forte incêndio, que destruiu o interior da igreja. Posteriormente, no ano de 1750, ocorreu uma nova tragédia, com o fogo a deflagrar nas dependências do hospital. Foram planeadas remodelações nas zonas mais destruídas, mas as obras nunca chegaram a ocorrer devido ao grande terramoto de 1755. O hospital funcionou até à década de 1770, após ter sofrido alterações arquitetónicas consequentes das catástrofes de 1755 (LEITE 1993: 6).

Como foi antes mencionado, o edifício sofreu várias alterações e ampliações ao longo do tempo. A iniciativa dessas transformações arquitetónicas surgiu por mão da Coroa, preocupada em dar resposta aos problemas do hospital, como o aumento do número de pacientes, que atingiu o seu máximo no século XVIII (LEITE, 1993: 8-9; RAMOS, 1993: 338). No entanto, as razões para estas mudanças também poderão ter tido por base na ideia de reabilitar e valorizar o edifício hospitalar, espaço privilegiado de representação de poder (LEITE 2010: 21).

O edifício acabou por encerrar com base numa decisão tomada em 1769, articulada com o desenvolvimento do plano pombalino de reconstruir a cidade de Lisboa, sendo demolido e utilizado como pedreira para outras construções das imediações a partir de 1770-1773 (BOAVIDA, 2012a: 135).

A escolha do terreno para a edificação da infraestrutura hospitalar foi bastante ponderada. A consulta das gravuras de época da cidade de Lisboa, entre os séculos XVI a XVII, permite reunir várias representações do Hospital Real de Todos-os-Santos, da datada do século XVI de J. Bráunio (Apêndice I – imagem 2), onde se representou o hospital como uma estrutura arquitetónica de grandes dimensões, com destaque para a grande escadaria frontal que conduzia ao portal manuelino, dominando o complexo a ampla praça de formato retangular, altamente significativa na organização urbana da capital.

Como se referiu anteriormente, a reforma pombalina originou o desmantelamento do edifício hospitalar. Consequentemente, este espaço passou a ser utilizado para outras construções contemporâneas.

O poço estudado nesta dissertação foi detetado na intervenção arqueológica da Praça da Figueira entre 1999 e 2001, localizado na quadricula T1. Esta estrutura hidráulica foi identificada na zona NE do espaço escavado (Apêndice I – imagem 3), perto da traseira do hospital, ao contrário dos restantes que se situavam no interior dos claustros, ou sob o remanescente do complexo.

## 2. Arqueossítio e suas intervenções arqueológicas

A Praça da Figueira foi alvo de intervenções arqueológicas entre meados do século XX e o início do século XXI.

A primeira intervenção arqueológica concretizou-se em 1960 pela olisipógrafa Irisalva Moita, do Museu da Cidade, com o objetivo de supervisionar a instalação da estação do metro do Rossio no subsolo da Praça da Figueira, ocasião em que se estabeleceu um primeiro e amplo contacto com os vestígios das ruínas do Hospital Real de Todos-Os-Santos. A ação arqueológica demorou aproximadamente um mês, implicando a respetiva suspensão das obras (MOITA, 1993: 20-23). Foi então posta a descoberto parte da fachada, um dos quatro claustros e uma secção ampla do cano real de S. Domingos (LEITE, 2013: 25-27). Esta intervenção marcou o desenvolvimento do interesse e desejo de proteção de achados arqueológicos na cidade de Lisboa (Apêndice II, imagem 1).

Só em 1999/2001 ocorreu a segunda grande intervenção arqueológica também realizada pelo do antigo Museu da Cidade, com o intuito de salvaguardar o património a afetar pela construção de um parque de estacionamento subterrâneo de vários pisos, elemento integrante de um projeto municipal de reabilitação do espaço público.

A intervenção arqueológica decorreu em três etapas, tendo sido dirigida pelo arqueólogo Rodrigo Banha da Silva, mais tarde coadjuvado por um curto período por Marina Carvalhinhos: a peritagem das sondagens geotécnicas, o acompanhamento parcial da instalação da estrutura definitiva de contenção, e a escavação arqueológica que pôs a descoberto as principais evidências arqueológicas (BARGÃO, 2015: 13).

Uma das primeiras medidas a serem implementadas foi a abertura de sondagens geotécnicas, a pedido do IPPAR, com o intuito de avaliar o impacto da construção do estacionamento automóvel nos sistemas hidráulicos subterrâneos na zona da Praça da Figueira. O espaço alvo das sondagens foi delimitado pelas zonas mais relevantes que encerrariam estruturas do hospital (BOAVIDA, 2012a: 135) (Apêndice II, imagem 2), tendo decorrido em março de 1999.

A componente intrusiva inicial da obra do estacionamento, relativa às estruturas de contenção, teve início em julho de 1999. Porém, não foi supervisionada por um arqueólogo nos seus primeiros momentos e até fins de setembro daquele ano (SILVA, *et al.*, 2015: 1; BARGÃO, 2015: 12), e mesmo depois disso forneceu resultados fortemente limitados.

Os trabalhos de escavação propriamente ditos tiveram início em finais de 1999 e decorreram até 11 de março de 2001. Neles foram achadas estruturas, contextos e materiais dos séculos XVI a XVIII, incluindo as ruínas do Hospital Real de Todos-Os-Santos, de que se identificaram os quatro claustros e quatro poços. Também foram postos a descoberto um troço do cano real de S. Domingos, do reinado de D. Manuel I, e um outro mais tardio, já do reinado de D. Maria I, posterior ao edifício hospitalar, e as condutas subterrâneas que lhes estavam associadas. Por conseguinte, estas descobertas permitiram perceber com mais pormenor o sistema funcional e arquitetónico do hospital (BOAVIDA, 2012a: 135).

### 3. Objetivos e metodologia

Inicialmente estabeleceu-se como um dos primeiros objetivos, a participação nos projetos arqueológicos e patrimoniais da Câmara Municipal de Lisboa, destacando-se pela sua importância as intervenções do Hospital Real de Todos-os-Santos, na atual Praça da Figueira.

O segundo patamar a atingir era o de contribuir para o conhecimento das vivências materiais da época moderna, especificamente entre o final do século XV e o século XVII, a partir de um contexto de um poço erguido na Idade Média localizado no tardo do edifício hospitalar e seu material associado. Neste âmbito pretendia-se, de igual modo, conseguir apurar o perfil cerâmico do contexto de proveniência da amostragem e, a partir daí, determinar a sua conexão com o quotidiano do hospital e as fontes de aprovisionamento de olaria.

O estudo do conjunto cerâmico iria, noutro sentido, contribuir para identificar a periodização do enchimento do poço, ocorrido no quadro da dinâmica histórica do edifício hospitalar.

O objetivo final o de era efetuar a comparação entre o perfil da amostragem e os próprios artefactos que o compõem com os de outros contextos arqueológicos da época moderna, incluindo também contextos de colmatação de poço, tentando aferir perfis arqueológicos de composição funcional e tipológica.

A primeira abordagem de trabalho consistiu na realização de uma vasta pesquisa bibliográfica sobre o Hospital real de Todos-os-Santos, concretamente no que respeitava à sua história, arquitetura, intervenções arqueológicas e estudos de materiais provenientes das escavações realizadas no arqueossítio. De notar que desde os anos 90 até hoje surgiram variados estudos acerca do hospital que beneficiaram o presente trabalho na compreensão do percurso histórico-arqueológico deste arqueossítio.

Referente à história e intervenções arqueológicas do Hospital Real de Todos-Os-Santos consultaram-se as obras de Irisalva Moita que ajudaram ao entendimento do processo de descoberta das ruínas do hospital durante a intervenção de 1960. De seguida, também surgiram estudos sobre os achados arqueológicos de então, contribuindo para a reflexão acerca da variedade material do século XV-XVI e espólio associado ao funcionamento e administração do hospital (LEITE, 2012: 1993).



No que diz respeito ao trabalho prático sobre a amostragem, o mesmo iniciou-se pela marcação dos fragmentos seguindo o modelo: “*PF00/número da unidade estratigráfica/nº da camada – nº do fragmento*”. A colocação do verniz para a marcação foi introduzida no interior das peças de forma fechada, no exterior caso das peças de forma aberta e relativamente a fundos marcou-se na sua superfície exterior.

A Colagem foi realizada durante a separação das formas, tipos de cerâmicas e também na elaboração do inventário. Ao analisar em pormenor o fabrico das pastas conseguiu-se identificar cerâmicas com a mesma tonalidade e elementos não plásticos, facilitando a constatação de colagens. Recorreu-se à observação macroscópica dos elementos não plásticos.

Após as marcações dos achados efetuou-se a separação dos fragmentos cerâmicos pelas tipologias e fabricos, em que foram detetados vários grupos: cerâmica comum, cerâmica comum vidrada, cerâmica fina modelada e cerâmica “pedrada”. Identificaram-se três grupos cerâmicos forâneos: a porcelana chinesa, majólica italiana e loiça de Sevilha. Além disso, foram detetados materiais de construção, estatuária de iconografia religiosa, vidros, vestígios osteológicos e fauna.

Seguiu-se o inventário dos grupos cerâmicos (Apêndice VIII, tabela 1) anteriormente indicados onde se registou numa tabela a categoria cerâmica, forma e variante, isto no caso de existir variantes. De seguida foi apontada a denominação e descrição morfológica dos bordos, asas e fundos. Foi detalhado o fabrico das pastas recorrendo à tabela de Munsell, útil na identificação das suas tonalidades. A decoração, revestimento e os acabamentos também foram registados consoante o seu modo de emprego. Por fim indicou-se a cronologia, as medidas em *cm* e referenciadas as cerâmicas desenhadas e fotografadas. Acrescentou-se um espaço para observações.

Para cada artefacto foi estipulado a sua funcionalidade, distribuída pelo serviço de mesa, confeção de alimentos, higiene, combustão, armazenamento e transporte, industrial, lúdico e materiais ligados a outros aspetos do quotidiano.

Durante a elaboração do inventário apuraram-se as tipologias dos grupos cerâmicos que se basearam, essencialmente, na informação prévia constante de obras, monografias ou catálogos específicos, alguns dos quais referidos em seguida.

Efetuiu-se, também, uma pesquisa sobre o uso da nomenclatura nas obras científicas. A respeito do léxico de época recorreu-se à consulta de um estudo que analisou em pormenor o livro de cozinha da Infanta D. Maria. Esta obra era constituída por descrições detalhadas de receitas culinárias e dos utensílios cerâmicos usados para a sua confeção. O autor realçou a funcionalidade de cada uma das peças cerâmicas na elaboração destas receitas (GOMES, 1996).

Outro estudo relevante para o entendimento da evolução das formas e respetivas nomenclaturas, corresponde à tese sobre a loiça preta em Portugal que evidenciou o uso das peças cerâmicas entre os séculos XII e XVIII (FERNANDES, 2012).

Durante décadas notou-se um aumento da quantidade de estudos sobre a cerâmica comum de época moderna, devendo destacar-se aqui a dissertação *Ilhas de Arqueologia: o quotidiano e a civilização material na Madeira e nos Açores (séculos XV-XVII)* (SOUSA, 2011), que permitiu obter noções tipológicas, funcionais e da importância das produções cerâmicas, no caso na vida económica e social dos arquipélagos. Entre a restante bibliografia destaca-se os quatro volumes de *Actas das jornadas de cerâmicas medieval e pós medievais* de Tondela (1992-2000), com inúmeros artigos com estudos de espólio de época medieval e moderna, mostrando a dinâmica arqueológica de várias zonas do país e consequentemente facilitando o apuramento de paralelos.

A respeito do grupo da cerâmica comum vidrada de produção endógena e forânea, foi benéfica a consulta do artigo das *Cerâmicas vidradas e esmaltadas, dos séculos XIV a XVI, do poço de Silves* (GOMES; GOMES, 1996). Os autores apresentaram um conjunto de cerâmicas de diferentes proveniências, formas e respetivas particularidades decorativas, facilitando a distinção de produções esmaltadas.

O conjunto de cerâmica fina e modelada foi o segundo grupo cerâmico com mais variedade de fontes e artigos, sendo a sua maioria de contexto conventual, como o artigo *Cerâmica modelada ou requinte à mesa do antigo convento de São Francisco em Lisboa* que denotou uma dinâmica tipológica desta produção (RAMALHO; DEOLINDA, 1997). Paralelamente, surgiram outros estudos sobre cerâmicas finas provenientes de contextos quotidianos, entre eles, o artigo sobre as *Cerâmicas de cronologia moderna do edifício do Aljube em Lisboa* (SANTOS, 2008).

No grupo da cerâmica “pedrada” foi crucial a consulta do estudo das *Olarias pedradas portuguesas* (SARDINHA, 1990-1992) que aliás pública os fragmentos provenientes da intervenção arqueológica de 1960 no Hospital Real de Todos-os-

Santos, por Irisalva Moita. Nesta obra põe-se em evidência a origem alentejana, nomeadamente de Nisa, sendo uma produção que se destacava pelas suas características decorativas.

Foi consultada a obra *Marks on Pottery & Porcelain* (BURTON; HOBSON, 1909), composta por uma inventariação de múltiplas marcas de oleiro, entre elas, a tradução de caracteres e símbolos dos pratos de porcelana chinesa, compreendendo as inscrições específicas de reinados da dinastia Ming.

A produção cerâmica de Sevilha sempre foi alvo de estudo devido à sua abundância nos contextos arqueológicos lisboetas. No entanto também se destaca aqui a investigação *A importação de cerâmica europeia para os arquipélagos da Madeira e dos Açores no século XVI* (SOUSA, 2012), que tratou fragmentos de cerâmica esmaltada sevilhana. Este artigo contribuiu para a confirmação de paralelos decorativos e de fabrico do poço T1. Igualmente importante para o estudo pormenorizado da loiça de Sevilha é o artigo das Cerâmicas de Andalucía Occidental (1200-1600) que destaca a evolução desta produção ao longo da Idade moderna (PLEGUEZUELO; LAFUENTE, 1995).

As produções de Itália, nomeadamente a majólica de Ligúria e de Montelupo, foram de fácil identificação graças à sua presença significativa nos contextos arqueológicos de Lisboa, entre eles o conjunto de majólicas recolhidas na intervenção arqueológica do Terreiro do Trigo. Estes resultados arqueológicos foram publicados num artigo (GONZALEZ, 2012) em que se exibiram as várias características decorativas e de fabrico destas produções italianas. Entre a variada bibliografia existente destaca-se a obra *Pottery exported from Northwest Italy between 1450 and 1830: Savona, Albisola, Genoa, Pisa and Montelupo*, que estabelece a evolução consoante a região da Península Itálica e as suas respectivas tipologias e elementos estilísticos, nomeadamente a técnica *berettino* de Ligúria (BLAKE, 1981).

Para o conjunto de fragmentos vítreos destacaram-se pequenos artigos que desenvolveram o estudo e análise da produção de peças de vidro no século XVI e respetivos ambientes palacianos. A respeito do Hospital Real de Todos-os-Santos realizou-se um estudo do espólio vítreo propondo cronologias a peças de serviço de mesa (BOAVIDA, 2012a), todavia mais tardias do que as aqui tratadas. A respeito do fabrico e das decorações típicas do século XVI, destaca-se o artigo *O espólio vítreo do núcleo arqueológico da Rua dos Correiros* (MEDICI, 2011).

Na comparação do conteúdo material do poço T1 com outras realidades arqueológicas semelhantes, foi analisado o poço SE do Claustro NE do hospital (BARGÃO, 2015). Incluíram-se também outros contextos arqueológicos de Lisboa, do resto do continente e ilhas, alguns dos quais referidos anteriormente. Ao mesmo tempo foram apuradas as formas cerâmicas ausentes que também indicaram fatores importantes sobre a diversidade do entulhamento do poço T1 e da cerâmica nele presente.

Após a inventariação foi calculado o número mínimo de indivíduos dos grupos cerâmicos, este método permite calcular com maior rigor o número de peças e respetivas variantes existentes no contexto arqueológico (ARCELIN; TUFFREAU-LIBRE, 1998).

#### 4. O poço T1 a sua estratigrafia

A intervenção arqueológica de 1999/2001 adotou uma metodologia mista de escavação, em que se privilegiou a *open area* preconizada por Barker-Harris, mas adaptando-a aos condicionalismos do terreno e à formação dos escavadores, pelo que foi utilizada uma malha quadriculada de 5 x 5 m para referência espacial e pontualmente também realizado o registo vertical de unidades estratigráficas (BARGÃO, 2015: 13-14).

O poço oval em estudo foi identificado na zona NE da intervenção. De construção baixo medieval, situava-se na quadrícula T1, na zona do tardóz do edifício hospitalar (Apêndice III, imagens 1 a 4).

Numa perspetiva estratigráfica geral do contexto arqueológico, a zona T-U/1-3 mostrou um interface de corte U.E. [3005] que obliterou a sequência formada durante a ocupação islâmica do denominado "bairro da Praça da Figueira". Foi esta cavidade ampla enchida por unidades horizontalizadas, que a colmataram por completo. Estas foram, por seu turno, cortadas pela instalação do poço U.E. [3000].

A cota superior sobrevivente do poço [1523] foi, por sua vez, cortada pelos trabalhos de reforma das traseiras do hospital, aquando da substituição do muro primitivo por um outro, localizado um pouco mais para leste, assente parcialmente em estacaria de madeira (Apêndice IV, imagem 2).

A estrutura hidráulica T1 permaneceu a uso por detrás do muro primitivo das traseiras do complexo, mas viria a ser invalidado por uma campanha de ampliação que o anulou, sendo desmantelado por um novo muro da fachada do tardóz, que se lhe sobrepôs parcialmente.

O poço T1 apresentava uma forma oval, erguido com blocos de forma retangular de padrão de construção regular unidas por um ligante de argamassa esbranquiçada rica em cal, muito dura e heterogénea.

O topo setentrional do poço foi cerceado pela implantação da parede de contenção periférica do parque de estacionamento, mas conseguiu-se restituir um diâmetro maior na ordem dos 2,10 m. O seu diâmetro menor era de 1,26 m.

Por razões de segurança (risco de colapso) a totalidade do interior não foi integralmente escavada, tendo-se exumado arqueologicamente o seu preenchimento

entre as cotas absolutas c. 7,00 m e 4,80 m, e posteriormente identificado o limite inferior à cota 4,34 m (Apêndice IV, imagem 1).

Verificou-se que o seu interior fôra preenchido com uma única UE, [1523], como também por intrusões provocadas pela obra do parqueamento, nomeadamente bolsas de bentonite (betão em calda, que foi injetado a alta pressão pela obra). [1523] equivalia a um depósito composto por um sedimento heterogêneo, de coloração castanha escura, matriz areno argilosa, medianamente compacto, com abundantes inclusões de cerâmica de construção e comum (abundante), pedra de pequena dimensão, “picos” de carvão e pequenos nódulos de argamassa.

A homogeneidade e elevada potência da UE [1523], superior a 2,60 m, relacionam-se com um momento de formação único, resultante de uma ação curta no tempo, que se reconheceu como de entulhamento deliberado do poço após a sua desuncionalização. Tratava-se, por consequência, de um contexto fechado, sincrónico, relacionável com uma profunda reformulação da parte traseira do edifício hospitalar.

## 5. A cultura material

### 5.1 Tipologia e nomenclaturas

Foi atribuída uma nomenclatura às peças deste contexto de época moderna que se dividem em grupos, consoante a sua morfologia, tipologia e funcionalidade. Algumas formas podem abranger dois ou mais grupos funcionais, dada à sua versatilidade funcional.

Esta problemática de apurar tipologias já foi abordada em vários estudos, onde se destacaram os vários limites na investigação das evidências da época que aqui interessa (BARGÃO, 2016: 95-97).

O uso da nomenclatura pode variar consoante a investigação o que resulta do facto de não ter sido, até ao momento, estipulada uma nomenclatura específica, consensualizada, o que dificulta por vezes a atribuição de uma tipologia. No entanto, este obstáculo não corresponde a todas as épocas históricas, pois há certas áreas onde esta já está criada e desenvolvida, como o exemplo no âmbito do estudo de cerâmica de período romano, nomeadamente o estudo de ânforas que são tipologicamente divididas por tipos e subgrupos (PIMENTA, 2005: 38).

No estudo da cerâmica de época moderna há diferentes abordagens à definição de tipologia, sendo uma delas a utilização do léxico antigo coevo. Todavia, também esta tem limites, em razão de a nomenclatura de época poder variar consoante a região. Temos o exemplo do estudo que analisa em pormenor o livro de cozinha da Infanta D. Maria, que era constituída por descrições detalhadas de receitas culinárias e dos utensílios cerâmicos usados para a sua confeção (GOMES, 1996: 94).

Outra opção metodológica é o recurso a uma terminologia contemporânea. Contudo, também esta encerra limitações, para além dos regionalismos atuais, dado por vezes a funcionalidade da peça na época não equivaler à atual.

Deve-se fazer notar, também, que acrescem aos fatores citados a circunstância de algumas formas serem caracterizadas pela sua multi funcionalidade, pelo que um mesmo objeto poderá receber diversa nomenclatura.

O contexto arqueológico associado ao poço de T1 revelou um vasto conjunto material que permitiu destrinçar variadas morfologias e fabricos. Optou-se, aqui, por enunciar as formas em função do seu grupo funcional, sendo deste modo o grupo

destinado a outros aspectos do quotidiano, o primeiro conjunto de maior expressão numérica.

A peça em destaque deste grupo funcional é o alcatruz que tem uma forma fechada composto por um corpo cilíndrico com várias carenas, tendo fundo plano, por vezes de tendência côncava, e alguns apresentam ônfalo. Servia para transportar água no quadro de engenhos de fontes ou poços.

O mealheiro, é uma forma completamente fechada e apresenta fundo em pé alto.

O alguidar é uma forma aberta multi funcional, sendo utilizado quer para amassar pão como para a higiene pessoal, podendo ter ou não decoração em vidrado. Na maioria dos exemplares o perfil é troncocónico e os bordos mais espessos, arredondados ou semi-circulares.

Certas formas cerâmicas eram utilizadas como utensílios de medição para calcular o peso de certos alimentos ou líquidos. Um destes exemplos é o copo de medida, sendo uma forma aberta de tendência cilíndrica com uma pega vertical no bojo e composto por fundo plano de tendência convexa. Na sua superfície exterior tem incisões que seriam marcas de medição.

Os utensílios conectados com a confeção ou aquecimento de comida encerra características específicas, mostrando bordos invertidos e fundos de tendência convexa, para evitar derrames de alimentos de base líquida ou liquefeita, tendo sido possível distinguir no seu interior as morfologias a seguir descritas.

Em primeiro lugar, temos a *panela*, forma fechada, por norma de corpo esférico com uma ou duas asas a partir do bordo que terminam abaixo do colo, sendo de orientação vertical ou horizontal. Apresentam fundos planos de tendência convexa.

O *tacho* corresponde a uma forma aberta, que é formatada para aguentar temperaturas elevadas. Pode ter asas triangulares ou horizontais de tipo fita que partem do bordo. Apresentam fundos convexos.

A *tampa* ou *testo* é uma forma aberta que morfologicamente é semelhante aos pratos, tendo fundo plano, bordos arredondados e complementados por uma pega central que na maior parte dos casos é esférica ou cilíndrica. São associadas às panelas, potes ou aos fogareiros, porque serviriam para proteger o conteúdo ou para impedir o verter de líquidos durante o seu transporte, no caso do *pote*. Esta forma também serviria para manter as altas temperaturas durante a cozedura.



A *frigideira* é uma forma aberta, semelhante ao tacho, tendo a mesma funcionalidade. Todavia são mais baixas, permitindo outro tipo de cozinhados. Tem asas triangulares de orientação horizontal que partem do bordo e apresentam fundos planos de tendência convexa.

O grupo de contentores de fogo são objetos que incluem zonas com vestígios evidentes de combustão, nomeadamente o *fogareiro* que apresenta uma forma troncocónica e colo semi-circular, uma fornalha de combustão composta por uma entrada e zona de “estrangulamento” com uma grelha. Estas peças destinavam-se à confeção e preparação de alimentos em outro recipiente, colocado na sua zona superior.

Segue-se o grupo ligado ao serviço de mesa, constituído por várias formas, expostas na mesa para servir os alimentos, especiarias e líquidos, durante as refeições. No caso de servir alimentos, as formas seriam abertas, ao contrário do serviço de líquidos ou bebidas normalmente fechados.

A *taça*, forma aberta de diâmetros variados, por norma tem fundos mais altos de tipo anelado ou em pé alto. Em certas produções podem apresentar uma carena, como no caso das produções esmaltadas de Sevilha. Esta forma desenvolve-se para uma utilização individual à mesa.

*Escudela*, é uma forma aberta semelhante à taça tendo fundo anelado ou de pé alto. Apresenta uma asa horizontal decorativa estando associada à produção de faiança portuguesa e as produções de Sevilha.

O *prato* é de forma aberta tendo bordos e diâmetros variados e fundos planos, anelares ou em ônfalo. A sua decoração varia consoantes as produções. Tem uma utilização individual.

A *tigela*, também nomeada de malga, pode apresentar diâmetros variados, mas os fundos são invariavelmente em bolacha ou disco. Serviam para cozinhar ou servir alimentos de consumo individual. Era comum serem usadas no serviço de mesa, embora também pudessem ser utilizadas no aquecimento ou preparação de alimentos, dado alguns exemplares apresentarem marcas de fogo.

O *púcaro* consiste numa forma globular variando de tipo de pasta, podendo também existir em cerâmica fina ou modelada. Na maior parte dos casos apresenta sempre só uma asa que parte do bordo e termina abaixo do colo. Servia para a utilização

individual no serviço à mesa de líquidos, mas também podem ter vestígios de queimadura indicando a sua utilização na cozinha.

O *jarro*, também denominado *infusa*, é uma forma fechada de corpo globular ou ovóide, de gargalo ou colo alto e fundo plano. Tem uma asa que parte do colo e termina abaixo deste. Costuma ter uma espessura mais fina sendo utilizado no serviço de mesa.

De seguida apresenta-se o grupo de transporte e armazenamento de líquidos ou outros alimentos, estas eram formas fechadas para evitar fugas do seu conteúdo.

A *garrafa* é uma forma fechada de corpo esférico ou oval de gargalo estreito tendo bordo de pequena dimensão ou de tipo aba. Tem duas asas que partem do bojo. Servia para transportar líquidos ou armazená-los.

O *pote* é uma forma fechada de corpo esférico ou de tendência troncocónica tendo fundo plano ou convexo. Apresenta duas ou uma asa de orientação vertical ou horizontal, estas podem partir do bordo ou do colo. É rara a presença de marcas de fogo na sua superfície.

O *cântaro*, forma fechada que apresenta corpo de média ou grande dimensão em forma oval ou globular, tem um colo alto seguido do bordo e duas asas de orientação vertical de tipo fita. Utilizado no transporte de água ou simplesmente armazenar líquidos.

A *bilha* é constituída por um gargalo estreito que prolonga para um corpo globular, usada no transporte de líquidos.

A *talha* é uma forma associada ao armazenamento de líquidos, uma peça de grandes dimensões, sendo maior que comparada com o cântaro.

A *peça de jogo* é um utensílio lúdico com forma circular de pequena dimensão, usado em possíveis jogos de tabuleiro.

No grupo de materiais de construção existe a *telha*, que é constituída por uma forma plana ou concâva. Eram utilizadas nas coberturas das casas ou outras estruturas arquitetónicas.

O *tijolo* é composto por uma forma retangular, utilizado na construção de estruturas.

O *azulejo* é um elemento decorativo de forma quadrangular que permite criar um padrão decorativo nas superfícies de edifícios ou outras construções.

No grupo que denominámos como formas industriais existe a *trempe*, que tem um corpo com três pernas. Este utensílio suportava peças durante a cozedura no forno. Alguns exemplares podem ter escorrimentos de vidrado, proveniente de cozedura de produções que incluíam decorações a vidrado.

A *estatuária* de terracota de tema religioso era utilizada como decoração. Apresenta uma superfície plana que teria o objetivo de auxiliar a sua fixação numa parede, interior de nicho ou suporte de outra natureza como madeira. No contexto deste poço surgiu uma iconografia típica de frades.

## 5.2 Fabricos

### Cerâmica comum

A produção de cerâmica comum é o grupo cerâmico com variedade de tipos de pastas. Apresentando características das produções de Lisboa e do resto do país.

Identificaram-se quatorze tipos de pastas:

Oxidante de cor laranja avermelhado (M 7,5YR 5/8), dura com enp de média percentagem constituído por micas brancas e outros pequenos elementos.

Oxidante de cor vermelha acastanhada (M 7,5YR 6/4) dura com micas brancas de tamanho médio e outros elementos de pequena dimensão.

Oxidante de cor laranja acastanhado (M 7,5YR 7/8), dura com enp de média com enp de pequena dimensão.

Oxidante de cor laranja (M 7,5YR 7/6) dura com micas brancas e outros elementos de pequena dimensão. O conjunto de cântaros é caracterizado por este tipo de pasta.

Oxidante de cor castanha (M 5YR 7/6) dura com micas brancas e outros elementos de média dimensão.

Oxidante de cor laranja rosado (M 7,5YR 7/4) dura com micas brancas, quartzo de média dimensão e elementos de cor cinza de pequena dimensão. Outra pasta que engloba os cântaros.

Oxidante e redutora de cor vermelha (M 7,5YR 6/6) e cinza (M 7,5YR 7/1) dura com quartzo de pequena e media dimensão, micas brancas e outros elementos grande dimensão, correspondendo à forma de bilha e alcatruz.

Oxidante e redutora de cor laranja (M 7,5YR 7/6) e cinza (M 7,5YR 7/1), dura com micas brancas, elementos cinza de pequena dimensão e quartzos pequenos. Esta pasta foi identificada no conjunto de fogareiros, cântaros, jarros, panelas e tigelas.

Oxidante e redutora de cor laranja (M 7,5YR 7/6) e cinza (M 7,5YR 6/1) arenosa bastante rolada, com micas de dimensão média e outros elementos de pequena dimensão. Esta pasta só é identificada no conjunto de tachos.

Redutora de cor castanha (M 7,5YR 5/4) dura com micas brancas e outros elementos de média dimensão. Este fabrico foi só identificada no grupo dos pratos.

De seguida foi identificada o fabrico dos alcatruzes, caracterizadas por serem mais grosseiras tendo alta percentagem de elementos não plásticos, no total estipularam-se dois fabricos.

Oxidante de cor castanha clara (M 7,5YR 8/6) dura com quartzo, micas brancas e elementos cinza de pequena dimensão.

Redutora de cor cinza escuro (M 7,5YR 5/1) dura com micas brancas e quartzo de média dimensão. Único fragmento de alcatruz com esta pasta.

Em relação à quantificação das pastas da cerâmica comum destaca-se em primeiro lugar a pasta oxidante de cor laranja avermelhado (M 7,5YR 5/8) com 89% abrangendo a maioria das tipologias desta produção. Em segundo lugar encontra-se o fabrico oxidante castanho claro (M 7,5YR 8/6), com 5,4%, tendo só sido identificado nos alcatruzes. Os restantes tipos de fabricos obtiveram uma percentagem menor entre 0,1 a 2,2% (Apêndice V, Tabela 6).

#### Cerâmica comum vidrada

As pastas vermelhas das cerâmicas vidradas são semelhantes às pastas da cerâmica comum, este fator pode indicar que os dois grupos cerâmicos seriam produzidos na mesma olaria da região de Lisboa ou de outras regiões do país. No total foram identificadas cinco pastas.

Oxidante de cor vermelha (Munsell 5R 5/16) dura com quartzos e micas de pequena dimensão. Este fabrico destacam-se os conjuntos de alguidares, pratos, púcaros, potes, tigelas, servidores e taças.

Oxidante de cor castanho-vermelho (Munsell 5 YR 7/6) dura com micas brancas muito finas.

Oxidante de cor bege claro (Munsell 7,5YR 8/6) dura com elementos muito finos.

Oxidante de cor bege escuro (Munsell 5YR 8/4) dura com micas brancas de média dimensão.

Redutora de cor cinza escura (Munsell 7,5YR 4/1) dura com micas brancas de pequena dimensão. Este fabrico corresponde a um único pote.

A respeito da quantificação das pastas da cerâmica comum vidrada reconhece-se uma maior percentagem do fabrico oxidante de cor vermelha (Mussell 5R 5/16) correspondendo a 84,6%. De seguida destaca-se a pasta oxidante castanha vermelha (M 5YR 7/6), com 9,9%, incluindo as restantes formas vidradas. As demais três pastas obtiveram percentagens menores, entre 0,6 a 3% (Apêndice V, Tabela 7).

A respeito ao vidrado de revestimento, este era conseguido através da utilização dos óxidos alcalinos que vitrificam com a exposição a altas temperaturas, com este vidrado seria utilizado para a impermeabilidade da peça (OLIVEIRA, 2012: 23).

O vidrado é constituído por várias tonalidades, no entanto o verde e amarelo melado os tons mais usados nestas produções cerâmicas. Existem algumas peças vidradas com a mesma cor em ambas superfícies, todavia em alguns fragmentos verifica-se uma alternância da superfície interior e exterior. Constatam-se casos específicos como dos alguidares que só apresentam vidrado verde na superfície interior.

Foram detetadas nove variações decorativas.

Amarelo melado – verde ; Amarelo – verde; Amarelo – verde escuro; Amarelo; Verde; Verde escuro; Verde – verde escuro; Verde - verde e Castanho – verde

#### Cerâmica fina e modelada

Esta produção cerâmica é de pastas de tons vermelhos e laranjas ativos, sendo dura e mais fina que a cerâmica comum. Apresentam características de produções de Lisboa e possível de outras zonas do país.

Foram identificadas sete grupos de pastas:

Oxidante de cor vermelha (M 5R 5/12) dura com micas brancas e elementos finos de calcário, destacando-se nas taças, potes, potinho e púcaros.

Oxidante de cor laranja avermelhada (M 7,5YR 6/6) dura micas brancas e outros elementos finos.

Oxidante de cor bege claro (M 7,5YR 8/6) dura com micas brancas e outros elementos finos.

Oxidante de cor laranja acastanhado (M 7,5YR 5/6) dura com micas brancas finas e de média dimensão.

Oxidante e redutora de cor vermelha (M 5R 5/12) e cinza escura (M 5YR 7/3) dura com micas brancas de pequena dimensão.

Oxidante e redutora de cor laranja avermelhada (M 7,5YR 6/6) e cinza (M 7,5YR 6/1) dura com micas brancas de pequena dimensão.

Redutora de cor castanha (M 5YR 7/3) dura com micas brancas e outros elementos finos.

A quantificação das pastas da cerâmica fina é constituída por uma maior percentagem de indivíduos do fabrico oxidante de cor vermelha (M 5R 5/12), correspondendo a 66,9%. De seguida com 25,3% reconhece-se a pasta oxidante laranja avermelhada (M 7,5YR 6/6) que inclui várias tipologias de taças. As restantes pastas obtiveram uma percentagem baixa, em que se destaca o púcaro (Apêndice V, Tabela 8).

Estas peças mostram grande variedade de decorações que são elaboradas através da modelação que corresponde à maioria dos exemplares do contexto do poço T1.

Do conjunto analisado a decoração mais frequente é de digitação que foi encontrada em grande quantidade em sítios arqueológicos datados do século XVI, esta decoração era efetuada através da pressão dos dedos do oleiro na peça, originando pequenos orifícios circulares na superfície exterior (SANTOS, 2008: 325-327).

A outra decoração é a incisão que é composta por várias orientações, nomeadamente, as verticais, horizontais, semi-circulares, diagonais, ondulações e em “V”.

A utilização da punção também foi identificada embora só existe um único indivíduo com esta técnica decorativa.

Algumas formas têm decorações específicas, como no caso da *taça*, que maior parte dos casos é composta por caneluras perto do fundo e no colo, entre essas duas caneluras é acrescentada outros tipos de decoração.

Foi reconhecido decoração em sítios específicos das peças como os bordos que apresentam ondulações e impressões diagonais. Outra decoração também característica da cerâmica modelada são as asas torcidas dos púcaros e das taças, esta decoração já

apresenta datação do final do século XVI e inícios do século XVII (RAMALHO, et al, 1997). Foram reconhecidos dois indivíduos PF00/1614-25 e PF00/1578-103.

### Cerâmica “pedrada”

Apresenta um único tipo de pasta dura e fina de produção portuguesa. Sendo uma pasta oxidante de cor alaranja avermelha (M 7,5YR 6/6) dura com micas brancas e elementos muito finos de quartzo.

A decoração é constituída por quartzos de pequena e média dimensão que em alguns fragmentos formam padrões, todavia como não foi encontrada uma peça de perfil completo não se consegue reconstituir os padrões decorativos.

As pedras de quartzo são acompanhadas por incisões horizontais e verticais, tornando-se também um dos elementos estilísticos deste grupo cerâmico (SARDINHA, 1990-1992).

### Faiança Portuguesa

No conjunto de fragmentos de faiança foram identificados dois tipos de pasta.

Oxidante de cor bege amarelada (M 5Y 9/6) de tendência porosa, com elementos não plásticos finos de óxidos de ferro vermelho e micas. Sendo classificada como de origem lisboeta englobando as formas do especeiro, taça com carena, tigelas e pratos.

A segunda pasta relevante foi a oxidante de castanho avermelhada (M 7,5YR 6/4) dura com micas brancas, quartzo, e existência de óxidos de cor vermelha de pequena dimensão. Foi identificada as formas de tacinha, prato e tigela.

A respeito do revestimento da faiança deste contexto é esmaltada a branco ou de cor creme claro, não apresentando qualquer tipo de decoração estilística (CASEMIRO, 2013).



### Porcelana chinesa

A porcelana apresenta uma pasta vitrificada, de cozedura a altas temperaturas de tonalidade branca (M 7,5YR 8/1).

Variedade decorativa com azul cobalto sobre o branco, típica decoração do século XVI, correspondendo à dinastia Ming.

Ao observar todos os fragmentos uma análise geral foram detetadas várias decorações.

Elementos vegetativos: folhas, flores (flor de lótus) e frutos (pêssegos) que no caso dos frutos representam a prosperidade;

Vaso com aves;

Paisagem constituída com árvores e montes;

Animais: inseto e o Grou que é considerado pela cultura chinesa como a ave que representa a longevidade (GOMES; GOMES, 1996: 196).

Pergaminho que poderá ter ligação com a religião budista.

### Majólicas italianas

Identificadas três tipos de pastas de majólicas italianas.

Oxidante de cor bege amarelada (M 5Y 8/12) de tendência rugosa com elementos não plásticos muito finos, tendo o maior número de indivíduos.

Oxidante de cor bege rosa (M 5YR 8/4) dura com elementos não plásticos muito finos.

Oxidante de cor bege claro (M 7,5YR 8/6) textura suave praticamente de percentagem baixíssima de elementos não plásticos, sendo extremamente depurada.

Foram detetadas dois tipos de decoração de fabrico de origem diferentes da Península Itálica.

Azul sobre azul, a técnica *berettino*, típica da região da Ligúria cujos motivos decorativos são o cruzamento de linhas e elementos fitomórficos (folhas e ramos) (BLAKE, 1981: 112).

Amarelo-azul com motivos decorativos em pequenos arranhões/medalhões em azul, com acrescentos em amarelo. Decoração proveniente da região do Montelupo.

### Produções de Sevilha

Foi detetada uma única pasta sendo oxidante de cor bege clara (M 7,5YR 8/4) dura com elementos não plásticos finos.

A decoração e revestimentos são variados com um total quatro variantes.

Azul – branca; Verde; Esmalte branco e Esmalte branco com linhas azuis concêntricas no bordo.

### Vidro

Foram identificadas cinco tonalidades de vidro.

Semi-translúcido, verde claro (M 5G 7/4)

Semi-translúcido, cinza (M 5R 7/1)

Translúcido, verde (M 5G 7/6)

Translúcido, azul (M 10PB 6/16)

Translúcido, verde amarelado (M 5YG 6/16).

A única decoração identificada foi num fragmento de bordo de garrafa que apresenta uma aplicação de fios de cor branca verticais, na superfície exterior do vidro, estas são aplicadas em relevo. Esta decoração é conhecida como *filigrana* de origem italiana (MEDICI, 2011: 332).

### 5.3 Os grupos cerâmicos

A quantificação geral do máximo número de indivíduos (adiante MNI) corresponde a 5931. Destes, 83,8% (4971 MNI) equivalem a fragmentos de cerâmica comum, o grupo com maior percentagem. O segundo grupo cerâmico com mais representatividade é a cerâmica fina e modelada com 10% (595 MNI), seguido da cerâmica comum vidrada com 3,7% (218 MNI).

Os restantes grupos apresentam percentagens bastante baixas, visto que são os de menor número de fragmentos. Os materiais de construção, grupo composto por um conjunto de telhas, tijolos, azulejos e estuque, detém 0,6% (34 MNI). Abaixo deste, a faiança portuguesa (23 MNI), a cerâmica sevilhana (25 MNI) e o vidro (22 MNI), estes com uma percentagem de 0,4% (MNI), seguidos da cerâmica “pedrada” com 0,2% (9 MNI). A porcelana chinesa atinge somente 0,2% (13 MNI) e as majólicas italianas 0,2% (11 MNI). Foram também identificados três fragmentos de estatuária religiosa, correspondendo a 0,05% (MNI). Os fragmentos indeterminados correspondem a 0,1% (7 MNI) (Apêndice V, tabela 1).

A quantificação geral do número mínimo de indivíduos (adiante NMI) corresponde a 1061 elementos.

A cerâmica comum é o grupo que apresenta a maior percentagem de NMI com 851 indivíduos (80,2%), seguida da cerâmica fina e modelada com 92 (8,6%). A cerâmica comum vidrada apresenta 38 (3,6%), os materiais de construção com 34 (3,2%), seguidos pela faiança portuguesa que detém 9 (0,8%). O primeiro grupo de cerâmica forânea é o de produção de Sevilha, com 11 (1,0%), seguida dos indivíduos de vidro 5 (0,5%) e as produções de majólica italiana 4 (0,4%).

Os grupos cerâmicos de menor percentagem são os da cerâmica “pedrada”, com 2 NMI (0,2%), seguido da porcelana chinesa, com 6 NMI (0,6%), e por último, dois elementos distintos em terracota de estatuária religiosa (0,2%) (Apêndice V, gráfico 1).

### 5.3.1 Os grupos cerâmicos endógenos

#### 5.3.1.1 Cerâmica comum

A cerâmica comum é o grupo com maior diversidade de formas, pastas e variantes, e também o de maior representatividade numérica de fragmentos, quer de MNI quer de NMI.

De modo geral, o grupo de cerâmica comum permitiu somar um total de 4971 MNI fragmentos cerâmicos e constaram-se 851 NMI.

Das formas identificadas há uma maior percentagem de alcatruzes (63,4%) correspondendo a 359 NMI, seguidos das panelas (8,5%). Os tachos apresentam 5,3%, seguindo-se as tigelas com 4,6%, jarros com 4,1% e os púcaros, com 3,4% (NMI).

Os Alguidares, bilhas, cântaros, fogareiros, frigideiras, mealheiros, tampas, garrafas, talhas e taças foram as formas com menos percentagem rondando valores entre os 0,2 e 2,2% (NMI).

O prato, o copo de medida e a peça de jogo são as formas com um único indivíduo, equivalente a 0,1% do total da amostragem (Apêndice V, gráfico 2).

Reconheceram-se fragmentos de peças cerâmicas de diversos aspetos do quotidiano passando pela sua multi funcionalidade, recolha de água e apuramento de medidas. Este conjunto é composto pelos alcatruzes, mealheiro, alguidar e copo de medida.

Deste grupo funcional o *alcatruz* foi a forma com mais percentagem numérica, tendo 539 indivíduos, também divididos em variantes no total quatro, de A a C, estas formas têm um diâmetro de bordo que varia entre 8 a 11 cm. Das três variantes, a A obteve um maior número de indivíduos com um total de 299 NMI. Recipiente associado à retirada de água dos poços.

A variante A (PF00/2640-17) é composta por um bordo de orientação reta de tipo de espessamento para o exterior, de secção triangular. Corpo constituído por duas carenas no colo. Tendo diâmetro de bordo de 11 cm e espessura de bojo entre 0,4 a 0,8 cm.

A variante *B* (PF00/2640-55) apresenta um bordo de orientação reta de tipo de espessamento redondo para o exterior e colo curto. Apresenta um bordo mais arredondado comparando com as outras variantes. É composto por um diâmetro de bordo 8,5 cm e espessura de bojo entre 0,3 a 1,1 cm.

Por fim é reconhecida a variante *C* (PF00/2727-57) que é composta por bordo de orientação reta de tipo de espessamento para o exterior, bisel externo. Colo curto, diâmetro de bordo de 11 cm e espessura de bojo entre 0,4 a 1,3 cm.

Não foram encontrados quaisquer paralelos para as variantes indicadas a cima.

Este vasto conjunto de fragmentos de alcatruzes também variam no tipo de fundo. Um dos exemplares é um fundo de tipo plano (PF00/2541-11) de diâmetro de 7,5 cm e corpo de tendência troncocónica. O segundo tipo de fundo é constituído por um corpo cilíndrico (PF00/2736-82) com fundo plano com tendência côncava de diâmetro 10 cm.

O fundo (PF00/2451-22) poderá ser um tipo de fundo de datação mais antiga devido ao facto de existirem fragmentos bastante rolados e de menor dimensão comparados com os outros fundos. Este fundo (PF00/2451-22) é plano com tendência côncava e com ressalto perto fundo de diâmetro 9 cm. Foi lhe reconhecido um paralelo com os vestígios recolhidos na intervenção arqueológica no Convento de São Domingos e do claustro da Igreja de São Francisco, em Évora, sendo um contexto do século XVI (TEICHNER, 2003: 517).

Por último foi reconhecido um único exemplo de fundo de tipo ponta (PF00/2541-6) que apresenta decoração com excisões de linhas horizontais ao longo de todo o bojo e espessura de bojo entre 0,3 a 2 cm.

Outra forma é o *mealheiro* que tem 5 NMI, este recipiente costuma ter um orifício no bojo. Foi reconhecido um fundo (PF00/1578-296) com pé tendo diâmetro de fundo de 4,6 cm e espessura de bojo de 0,5 cm. Não foi encontrado paralelo formal.

O seguinte conjunto de fragmentos pertence a vários tipos de funcionalidades sendo atribuída o nome de uso complementar ou multi funcional. A forma destacada é o *alguidar* com três variantes, de *A* a *C*.

A variante *A* (PF00/2737-46) tem orientação exvertida com espessamento de tipo bisel externo. Apresentando um diâmetro de bordo de 40 cm e espessura de bojo entre 0,7 a 1 cm. Encontrados vários paralelos formais e de diâmetro como no beco dos

inválidos em Cascais sendo do 2º e 3º quartel do século XVI (CARDOSO; RODRIGUES, 1999: 200). Segundo paralelo formal foi reconhecido na Torre dos sinos no convento velho S. Domingos em Coimbra, contexto arqueológico datado entre o século XIII a XVI (ALMEIDA, et al, 2012: 487). Também encontrado paralelo formal no poço SE do hospital Real de Todos-os-Santos (BARGÃO, 2015: 251). Por último foi identificado um no Palácio Pragana em Almada, contexto datado pelas moedas do reinado de D. Sebastião (1557-1578) (SABROSA, 1994: 41). Esta variante de alguidar corresponde à maior amostra tendo 11 NMI.

A variante *B* (PF00/1578-130) é composta por um bordo de orientação exvertida com espessamento de tipo redondo para o exterior. Apresenta um diâmetro de bordo 38 cm e espessura de bojo entre 0,5 a 1,6 cm. Encontrado paralelo em Setúbal, numa intervenção arqueológica na Av. 5 de outubro nº67-69, sendo escavados contexto de lixos domésticos do século XVI-XVII com grande número de cerâmica comum domestica entre elas várias morfologias de alguidares (DUARTE; SILVA, 2014: 221).

Por fim a variante *C* (PF00/2736-83) apresenta um bordo de orientação exvertida com espessamento de secção troncocónica. A decoração tem incisões em ondulações no colo na superfície exterior. Composto por um diâmetro de bordo de 28 cm e espessura de bojo entre 0,6 a 1,6 cm. A variante *C* é uma forma de alguidar que apresenta um diâmetro de bordo menor dimensão comparada com as outras variantes, que variam entre 38 a 40 cm.

Foi reconhecido um utensílio de medição sendo o *copo de medida* (PF00/1572-39) de perfil completo com bordo de orientação reta de tipo de espessamento direito. Asa de tipo fita de orientação vertical e fundo convexo marcas de medida, composta por uma incisão vertical na superfície exterior. De diâmetro de bordo de 7 cm, fundo de 6,4 cm e espessura de bojo entre 0,2 a 0,3 cm.

Outro grupo funcional em destaque é o conjunto de utensílios de cozinha, compreendendo as panelas, tachos, frigideiras e tampas. Estas morfologias mostram evidencias da sua utilização, com a existência muito frequente de marcas de fogo nas suas superfícies externas, estando deste modo comprovadamente ligadas à confeção de alimentos com exposição a lume.

A forma cujo NMI apresenta a maior percentagem é a *panela*, possuindo um total de 72 indivíduos. Foram identificadas no seu interior cinco variantes, nomeadas de A a E, em que os bordos variam entre 12 a 14 cm de diâmetro.

A variante A é uma panela (PF00/2743-271) com bordo de orientação invertida de tipo de espessamento para o exterior, de secção trapezoidal. Apresenta duas incisões na superfície exterior, nomeadamente no colo. É constituída por um diâmetro de bordo de 14,5 cm e espessura de bojo entre 0,5 a 1,2 cm. Foram encontrados vários paralelos formais e com a mesma de tonalidade de pasta laranja. Um dos primeiros a ser identificado foi o bordo de panela dos quarteirões dos Lagares na Mouraria, sendo um contexto relacionado com a produção oleira datado do século XVI (NUNES, et al, 2012: 146). O segundo paralelo foi reconhecido no contexto arqueológico do Poço SE do Hospital Real de Todos-os-Santos, sendo uma panela de perfil completo a morfologia de bordo semelhante, datada entre os finais do século XV a inícios do século XVII (BARGÃO, 2015: 243). Também foi reconhecido outro paralelo formal no vasto conjunto de materiais originários da intervenção arqueológica do Palácio dos Condes da Guarda, em Cascais, sendo um contexto datado entre o século XV a XVII (CABRAL, et al: 239). Na intervenção arqueológica na Rua de São Nicolau, n.ºs 107/111, em Lisboa, surgiu também esta morfologia de bordo, pertencendo ao conjunto de loiça de cozinha datado da 2.ª metade do século XV ao 1.º terço do século XVI (DIOGO; TRINDADE, 2000: 247). Por último, foi identificado outro paralelo em Setúbal, numa intervenção arqueológica na Av. 5 de outubro n.º67-69, sendo escavados contexto de lixos domésticos do século XVI-XVII com grande número de cerâmica comum domestica entre elas várias morfologias de panelas (DUARTE; SILVA, 2014: 221).

De todas as variantes, a A corresponde à morfologia de bordo que obteve mais indivíduos tendo um total de 36 NMI.

A variante B (PF00/2743-68) apresenta orientação invertida de tipo de espessamento para o exterior de secção triangular. É visível marcas de fogo na sua superfície exterior, comprovando a sua utilização para a confeção de alimentos. Possui um diâmetro de bordo de 13 cm e espessura de bojo entre 0,3 a 1,2 cm. Para esta variante constataram-se dois paralelos formais, um deles proveniente da intervenção arqueológica no Beco dos Inválidos em Cascais, contexto datável do 2.º e 3.º quartel do século XVI (CARDOSO, et al, 1999: 200). O segundo encontrado em Setúbal, durante a escavação da Av. 5 de outubro n.º67-69, à semelhança da variante A (DUARTE; SILVA, 2014: 221).

A variante *C* é composta por um bordo de panela (PF00/2728-46) de orientação invertida de tipo de espessamento para o exterior, em aba. Apresenta duas caneluras no colo como decoração. É constituída por um diâmetro de bordo de 14 cm e espessura de bojo entre 0,3 a 0,9 cm. Encontrados três paralelos formais, sendo o primeiro proveniente das escavações do Museu do Neorealismo, em Vila Franca de Xira, datável dos inícios do século XVI (MENDES, et al, 2008: 24 e 26). O segundo paralelo foi encontrado no Palácio dos Condes da Guarda, em Cascais (CABRAL, et al, 2009: 238) e, por último, foi reconhecido um bordo proveniente de um contexto do terramoto de 1531, na Rua dos Correeiros, tendo vastos exemplares de cerâmica comum, entre eles esta variante de panela (DIOGO; TRINDADE, 2000: 231).

A variante *D* (PF00/1578-448) corresponde a um bordo de panela de orientação invertida de tipo de espessamento redondo, na superfície exterior é visível incisões decorativas perto do bordo e marcas de fogo. Apresenta um diâmetro de bordo de 14 cm e espessura de bojo entre 0,4 a 1 cm. Foram reconhecidos dois paralelos formais, sendo o primeiro no antigo paço episcopal de Coimbra, onde foi identificada uma panela de perfil completo de duas asas, tendo o bordo de espessamento redondo (SILVA, 2012: 889). O segundo paralelo foi reconhecido numa casa pré-pombalina na Rua dos Correeiros, cuja datação é atribuída para o século XVI-XVII (BUGALHÃO, 2015: 35).

Por fim a última variante, *E* tem um bordo (PF00/08/06-12) de orientação invertida de tipo de espessamento direito, de secção retangular. Ressalto no colo com excisão perto do bordo. Apresentando um diâmetro de bordo de 12 cm e espessura de bojo entre 0,4 a 0,8 cm. Encontrado paralelo formal na escavação do museu neorealismo de Vila Franca de Xira, tendo sido datado dos inícios do século XVI (MENDES, et al, 2008: 23).

Outra forma de cozinha é o *tacho* sendo a segunda forma mais representativa com a identificação de 45 NMI, com cerca de sete variantes, de *A* a *G*, que variam bastante o seu valor de diâmetro de bordo.

A variante *A* é composta por um *tacho* de bordo de orientação invertida de tipo espessamento redondo para o interior, no entanto foram detetadas duas variantes: *A1* e *A2*.

A variante *A1* (PF00/2742-174) corresponde a um *tacho* com espessamento arredondado para o interior, com asa de tipo fita de orientação vertical e fundo plano. Esta variante apresenta o maior diâmetro de bordo, correspondendo a 38 cm, de todas as



formas de tacho. Tem fundo com Ø32 cm e espessura de bojo entre 0,7 a 1,4 cm. Sendo o único indivíduo desta variante *A1*.

A variante *A2* (PF00/2736-84) é composta pelo tipo de bordo já referido acima todavia apresenta uma asa de tipo triangular de orientação horizontal. É constituído por um diâmetro de bordo de 23 cm e espessura de bojo entre 0,5 a 1,7 cm. Foi reconhecido 4 NMI desta variante. Mostra semelhanças formais e de tipo de pasta com um tacho de perfil completo retirado da escavação do beco dos inválidos em Cascais, embora o diâmetro apresente uma ligeira diferença. Apresenta cronologias do 2º e 3º quartel do século XVI (CARDOSO; et al, 1999: 203).

A variante *B* corresponde a um bordo de orientação invertida tipo de espessamento redondo para o exterior, esta variante foi lhe reconhecida 16 NMI, tendo duas variantes, *B1* e *B2*, representando também a morfologia de bordo com maior número de indivíduos.

A variante *B1* (PF00/2743-17) é composta por um exemplo de tacho de perfil completo com bordo de espessamento redondo para o exterior e duas asas de tipo triangulares com orientação horizontal. Fundo plano com tendência convexa. Na superfície exterior apresenta duas incisões horizontais debaixo do bordo e marcas de fogo em ambas superfícies. É constituído por um diâmetro de bordo de 13,1 cm, fundo de 10,5 cm e espessura de bojo entre 0,2 a 0,9 cm. Reconhecido um paralelo formal e de fabrico com um tacho de perfil completo do poço SE do Claustro do Hospital Real de Todos-os-Santos, cuja datação é de 1475 a 1525 (BARGÃO, 2015: 236).

A variante *B2* (PF00/8/06-68) é uma variável com asa de tipo fita de orientação horizontal. O bordo tem diâmetro de 17 cm e espessura de bojo entre 0,4 a 1 cm. Encontrado paralelo formal e de fabrico com um bordo proveniente da escavação da Encosta de Santana, Lisboa, sendo um contexto do século XVI/XVII (CASEMIRO, 2011: 708).

A variante *C* é composta por um bordo de orientação invertida de tipo espessamento duplo redondo, tendo sido reconhecidos 10 NMI, com duas variantes *C1* e *C2*.

A variante *C1* (PF00/2684-59) apresenta uma asa de tipo fita de orientação horizontal e constituída por um diâmetro de bordo 20 cm e espessura de bojo entre 0,4 a 1,1 cm. Já a variante *C2* (PF00/1589-2) apresenta uma asa de tipo triangular de orientação horizontal e fundo plano de tendência convexa. Esta variante apresenta um bordo maior do que a anterior, sendo Ø31 cm, fundo de Ø28 cm e espessura de bojo

entre 0,7 a 2 cm. Desse modo esta forma aberta tem características de maior dimensão ligadas a sua função de confeção de alimentos. Destaca-se o pormenor da existência de vestígios de cal na superfície interna. Não foram encontrados paralelos para a as variantes relativamente aos dois tipos de asas, só foi encontrado paralelo de peça com o tipo de bordo espessamento redondo duplo, proveniente do conjunto material extraído nas sondagens arqueológicas de diagnóstico no antigo convento das Bernardas em Tavira, este conjunto de materiais tem uma ampla datação entre o século XVI a XVIII, devido ao período ativo do convento (COVANEIRO; CAVACO, 2009: 652).

A seguinte variante é a *D* (PF00/1578-441) que é constituída por um bordo de orientação invertida de tipo espessamento redondo e diâmetro de bordo de 18 cm e espessura de bojo entre 0,6 a 1 cm. Apresenta marcas de fogo na superfície interior e foram encontrados 3 NMI para esta variante.

A variante *E* (PF00/8/06-96) é constituída por um bordo de orientação invertida de tipo espessamento redondo para o exterior. Na sua superfície exterior é visível marcas de fogo e especificamente no bordo a existência de uma saliência que dificultou o apuramento exato do bordo, tendo cerca de Ø 15,5 cm e espessura de bojo entre 0,8 a 1,3 cm. Desta variante foram reconhecidos na totalidade 3 NMI.

A variante *F* (PF00/) é composta por um bordo de orientação invertida de tipo espessamento direito, de secção trapezoidal. Apresenta o menor diâmetro de bordo de todas as variantes de tacho, sendo 11,5 cm e espessura de bojo entre 0,3 a 1,1 cm. Reconhecidos 4 NMI.

Por último há a variante *G* (PF00/2727-315) composta por um bordo de orientação invertida de tipo espessamento de secção triangular. Tem marcas de fogo na superfície exterior e interior. Apresenta diâmetro de bordo de 24 cm e espessura de bojo entre 0,4 a 1 cm. Foram reconhecidos 4 NMI na totalidade. Foi encontrado paralelo formal na escavação que decorreu no ano 2000 em Setúbal, nomeadamente na Rua António Maria Eusébio, cujo espólio foi datado do século XVI (SILVA; et al, 2004: 149).

Associada aos potes e às panelas surge a forma da *tampa*, que também pode ser intitulada como *testo*, reconheceram-se duas variantes, *A* e *B*. Na totalidade foram identificadas 17 NMI de tampas.

A variante *A* (PF00/1578-431) corresponde a um bordo de orientação exvertida de tipo de espessamento de bisel interno e fundo plano. Ausência da asa devido à

fragmentação dessa zona central da tampa. Apresenta um diâmetro de bordo de 11 cm, espessura de bojo entre 0,5 a 0,7 cm e fundo de 3,9 cm. Reconhecido um paralelo morfológico de bordo com uma tampa de perfil completo no Poço SE do Hospital Real de Todos-os-Santos, do conjunto cerâmico comum encontrado foi datado entre 1425 a 1525, nomeadamente as tampas, embora estas apresentem diâmetro menor (BARGÃO, 2015: 259). A variante A obteve no total 9 indivíduos, tendo um maior NMI comparada com a variante B.

A variante B (PF00/1578-180) é composta por um bordo de orientação exvertida de tipo de espessamento de bisel externo e diâmetro de bordo de 18 cm e espessura de bojo de 0,5 cm. Desta variante foram identificados 4 NMI e encontrados vários paralelos formais, sendo o primeiro de Vila franca de Xira (MENDES, et al, 2008: 30) e o segundo Cascais na intervenção no Beco dos Inválidos (CARDOSO, et al, 1999: 199) ambos contextos datados do século XVI. Outro paralelo encontrado num contexto do terramoto de 1531, na Rua dos Correeiros, que se recolheu vasto exemplares de cerâmica comum, entre eles esta variante de tampa (DIOGO; TRINDADE, 2000: 227). Por último encontrou-se um paralelo na intervenção arqueológica realizada no Palácio Pragana em Almada, contexto datado com existência de 3 moedas de D. Sebastião, cujo reinado entre 1557-1578 (SABROSA, 1994: 40).

Foi reconhecido outro fragmento de tampa sendo um fundo (PF00/2726-67) de tipo plano e com a típica asa de forma cilíndrica e ponta circular. É constituída por um diâmetro de fundo de 6 cm e espessura de bojo de 0,5 cm.

A maioria destas tampas não apresenta marcas de fogo, portanto poderão também ter sido utilizados em potes.

Por último, o grupo das formas de confeção de alimentos também foi incluída a forma *frigideira*, tendo na totalidade 6 NMI.

Um desses indivíduos (PF00/1578-514) apresenta um bordo de orientação invertida de tipo espessamento redondo para o interior e tem asa de tipo triangular de orientação horizontal. Composto por um diâmetro de bordo de 15,2 cm e espessura de bojo entre 0,3 a 1,2 cm. Identificado uma *frigideira* com o mesmo bordo arredondado, todavia a asa triangular é menor comparando com o deste contexto. O paralelo foi reconhecido na escavação de 2000/2001 da Praça da Figueira em Lisboa, nomeadamente a intervenção do poço SE do claustro do Hospital real de Todos-os-Santos, esta forma de frigideira foi datada entre 1475 a 1525 (BARGÃO, 2015: 190).

No grupo de contentores de fogo foi reconhecida uma forma que era utilizada também para a confeção de alimentos, o *fogareiro*, de que se estimaram 9 indivíduos.

Neste contexto encontrou-se um bordo com asa (PF00/8/06-18) de orientação invertida com tipo de espessamento para o interior, de secção semi-circular. A Asa é de tipo fita com orientação vertical. Na superfície exterior apresenta vestígios de fogo. É composto por um diâmetro de bordo 26 cm e espessura de bojo entre 0,6 a 1,7 cm. Encontrado paralelo formal na torre dos Sinos no antigo convento velho de S. Domingos, Coimbra, contexto datado entre o século XVI a XVII (ALMEIDA, *et al*, 2012: 487).

De seguida destaca-se um fundo (PF00/1611-1) de forma troncocónica, sendo um fundo plano e com o "estrangulamento" associada a grelha de orientação côncava. A respeito da decoração apresenta na superfície exterior uma incisão horizontal concêntrica perto do fundo. É constituído por um diâmetro de fundo 14 cm e espessura de bojo entre 0,4 a 1,3 cm. Reconhecido um paralelo formal e decorativo no poço SE do Hospital Real de Todos-os-Santos, onde foi estudada uma grelha com a mesma orientação e um fundo com a mesma incisão horizontal na superfície exterior. A respeito a datações não foi especificada, mas provavelmente será do século XVI devido ao contexto estratigráfico ser desse período (BARGÃO, 2015: 246-247).

Detetou-se um conjunto de materiais que correspondem à funcionalidade de utensílios de mesa, passando pelas tigelas, jarros, púcaros, taças e pratos.

O primeiro conjunto com mais NMI, 39, são as *tigelas* que se distribuem por quatro variantes, nomeadas de A a D, com 13 a 16 cm de diâmetros do bordo.

A variante A (PF00/1589-1) é composta por um exemplar de perfil completo com bordo de orientação invertida de tipo de espessamento redondo e fundo de tipo disco. Apresenta um engobe vermelho na superfície interior e uma excisão de linha horizontal debaixo do bordo na superfície exterior. É constituída por um diâmetro de bordo de 13,3 cm, fundo de 6,4 cm e espessura de bojo entre 0,4 a 1,1 cm. Encontrou-se paralelo formal com o mesmo bordo arredondado no poço SE do Hospital Real de Todos-os-Santos, sendo referido o auge desta forma no século XVI (BARGÃO, 2015: 250). Outro paralelo formal e de fabrico foi encontrado em Cascais, especificamente no Beco dos Inválidos, sendo datado do 2º e 3º quartel do século XVI (CARDOSO, *et al*, 1999: 203). Por último, foi identificado outro paralelo formal também em Cascais, no

Casal do Geraldo, onde se pôs a descoberto uma habitação quinhentista, pelo que o material arqueológico dali extraído foi datado dos séculos XV-XVI (CARDOSO, 1983: 80). A variante A corresponde à morfologia de bordo mais representada no conjunto de tigelas, com um total de 19 NMI.

A variante B (PF00/2726-50) indica um perfil completo com bordo de orientação invertida de tipo de espessamento, de secção semi-circular e fundo de tipo disco. A respeito da decoração, esta é composta por uma excisão de linha horizontal debaixo do bordo na superfície exterior. Mostra um diâmetro de bordo de 13,8 cm, fundo de 7 cm e espessura de bojo entre 0,4 a 1,1 cm. Encontra paralelo formal com uma taça de perfil completo exumada na intervenção arqueológica no Palácio de Mogo de Melo, em Torres Novas, no ano de 1999, sendo um contexto arqueológico datado do século XVI (CARREIRA, 2005: 27).

A variante C (PF00/2735-227) permitiu observar o perfil completo, sendo o bordo de orientação exvertida, de tipo de espessamento em bisel interno, e o fundo da peça de tipo disco. A decoração apresenta duas excisões horizontais debaixo do bordo, na superfície exterior, e o diâmetro do bordo situa-se nos 15,4 cm, fundo de 7,6 cm e a espessura de bojo entre os 0,4 cm e 1 cm. Foram encontrados três paralelos, sendo o primeiro no Museu do Neorealismo de Vila Franca de Xira, sendo este paralelo similar a uma tigela, também indicada como malga, apresentando o mesmo bordo. Trata-se de contexto arqueológico datado dos inícios do século XVI (MENDES, et al, 2008: 54). O segundo paralelo morfológico tendo também a incisão perto do bordo, foi identificado na intervenção arqueológica realizada no Palácio Pragana, em Almada, contexto datado a partir de 3 moedas de D. Sebastião, cujo reinado teve lugar entre 1557-1578 (SABROSA, 1994: 41). Por último, existe um paralelo encontrado no núcleo antigo da vila de Alcochete, datado do século XV/XVI (CORREIA, 2014: 377).

A variante D (PF00/2736-28) apresenta um bordo de orientação invertida de tipo de espessamento redondo para o exterior. A decoração apresenta uma excisão de linha horizontal debaixo do bordo na superfície exterior. É composto por um diâmetro de bordo de 16 cm e espessura de bojo entre 0,3 a 1 cm.

Do conjunto de tigelas, 3 dos 39 indivíduos apresentam queimaduras de fogo, podendo também terem sido utilizadas na confeção, aquecimento de alimentos ou, em alternativa, terem sido alvo de queimaduras posteriores.

Foram detetados 35 NMI da forma de *jarro*, com três variantes de A a C, estas variam entre 8 a 10 cm de diâmetro.

A variante A (PF00/2747-182) corresponde a um jarro de perfil completo, tendo um bordo de orientação reta de tipo redondo apresentando também uma asa de orientação vertical de tipo fita e fundo plano, revela um corpo ovoide e colo cilíndrico. Em respeito à sua decoração tem três incisões no colo. Composto por um diâmetro de bordo de 8,5 cm, fundo de 8,6 cm, altura de 19,4 cm e espessura de bojo entre 0,3 a 0,5 cm. Identificado paralelo na intervenção arqueológica no palácio de Mogo de Melo em Torres Novas no ano de 1999, cuja datação é do século XVI (CARREIRA, 2005: 26). Também reconhecido outro paralelo no museu neo realismo de Vila Franca de Xira, tendo sido datado dos inícios do século XVI (MENDES, et al, 2008: 50).

A variante B (PF00/2743-214) é composta por um bordo de orientação exvertida de tipo de espessamento para o exterior, de secção retangular. Tendo três incisões no colo, diâmetro de bordo 10 cm e espessura de bojo entre 0,2 a 0,9 cm. Encontrado um único paralelo formal no Beco dos inválidos em Cascais sendo do 2º e 3º quartel do século XVI (CARDOSO; RODRIGUES, 1999: 205). Esta variante de jarro obteve o maior número de indivíduos, correspondendo a 27 NMI.

Por último a variante C (PF00/2735-6) tem bordo de orientação reta de tipo de espessamento redondo para o exterior e apresenta três incisões no colo. Composta por um diâmetro de bordo de 10 cm e espessura de bojo entre 0,2 a 0,9 cm. Identificado um paralelo formal proveniente da Rua visconde da luz, em Cascais, sendo contexto do século XVI (CARDOSO, et al, 1999: 205).

Foi reconhecida a forma típica de conter líquidos na mesa, o *púcaro*, que obteve 29 NMI.

A esta morfologia pertence um indivíduo (PF00/2537-3) dotado de duas asas, de perfil completo, com bordo de orientação direita de tipo de espessamento direito, asa de orientação vertical de tipo fita e fundo com pé alto. A respeito da decoração existe uma incisão horizontal perto do bordo na superfície exterior. Apresentando um corpo esférico e colo cilíndrico. É composto por um diâmetro de bordo de 5,8 cm, fundo de 3,8 cm e espessura de bojo entre 0,1 a 0,2 cm. Para este caso foram encontrados vários paralelos formais, sendo o primeiro de uma escavação no antigo Palácio Episcopal de Coimbra, onde se exumaram contextos datados de meados do século XV ao XVI. Contudo, o colo da peça deste contexto de Coimbra é mais baixo que o colo extraído no

poço T1. O contexto arqueológico específico foi datado dos meados do século XV (SILVA, 2012: 832). O segundo paralelo foi encontrado num contexto do terramoto de 1531, na Rua dos Correeiros, tendo um vasto número de exemplares de cerâmica comum, entre eles um púcaro similar (DIOGO; TRINDADE, 2000: 232). Por último, foi reconhecido um paralelo na Rua dos Fanqueiros em Lisboa nºs 51-57, datado do século XV (TEIXEIRA; et al, 2015: 132).

Foram identificados vários tipos de fundo de púcaro, destacando-se um fundo de púcaro (PF00/1572-10) de tipo disco com onfalo e diâmetro de fundo 6,8 cm e espessura 0,3 a 0,6 cm. De seguida também foi reconhecido um fundo (PF00/2537-232) em pé, com diâmetro de Ø 4,5 cm e espessura de bojo de 0,3 cm. Por último no grupo dos fundos identificou-se um (PF00/2537-232) com pé tendo diâmetro de 4,5 cm e espessura de bojo de 0,3 cm.

No grupo de serviço de mesa foram identificadas formas que só atingiram um ou dois indivíduos. É este o caso da *taça*, tendo dois fundos. Todavia, devido ao seu estado avançado de fragmentação, não foram encontrados paralelos, tendo sido só identificado morfologicamente um fundo em anel.

De seguida destaca-se a forma de *prato* (PF00/1578-446) tendo um fundo em anel, apresentando um esmaltado a vermelho na superfície interior como revestimento. Detém um diâmetro de fundo de 6 cm e uma espessura de bojo variando entre os 0,5 cm e o 1 cm.

O seguinte conjunto de materiais pertence ao grupo funcional de armazenamento e transporte de líquidos ou outros alimentos, sendo constituído por cântaros, garrafas, bilha e talha.

A segunda forma mais representativa deste grupo funcional é o *cântaro*, com 18 NMI. Não foram encontrados bordos tendo só exemplares de fundos, que variam entre 9 a 11 cm de diâmetro de fundo.

O fundo (PF00/1589-15) de tipo plano e arranque de asa de orientação vertical de tipo fita. A respeito da sua decoração apresenta incisões de duas linhas horizontais ao longo do colo. A base é de forma cilíndrica e corpo ovoide. É composto por um fundo de Ø 9,6 cm e espessura de bojo entre 0,3 a 0,6 cm.

O segundo tipo de cântaro apresenta um fundo (PF00/1589-12) de tipo plano de base de forma cilíndrica de tendência troncocónica, como só existe metade do bojo pode

finalizar numa forma mais esférica. Tem fundo Ø 11,7 cm e espessura de bojo entre 0,3 a 0,6 cm, portanto apresenta medições maiores comparando com o cântaro (PF00/1589-15).

A *bilha* (PF00/2727-189) é uma das formas de armazenamento com 9 NMI, tem um bordo de orientação reta de tipo de espessamento redondo direito. A respeito à decoração apresenta duas carenas no colo. Composta por um diâmetro de bordo de 9 cm e espessura de bojo entre 0,2 a 0,4 cm. Identificados dois paralelos sendo o primeiro na Rua Augusto Cardoso, nº 69 em Setúbal, foi indicado o século XV como a sua datação (SOARES, *et al*, 2005-2007: 92). O segundo paralelo encontrado num contexto do terramoto de 1531, na Rua dos Correeiros, incluindo vasto exemplares de cerâmica comum, entre elas esta bilha, embora seja indicada com nomenclatura de *jarro* (DIOGO; TRINDADE, 2000: 230).

A penúltima forma do grupo de armazém e transporte é a *talha*, com 2 NMI sendo bojos com 1 a 1,5 cm de espessura.

O bojo (PF00/2728-1) tem decoração em excisão de padrão circular na superfície exterior, enquanto o bojo (PF00/2728-149) apresenta uma excisão linear. Ambos estão em mau estado de conservação.

A última forma de funcionalidade de armazenamento é a *garrafa* que é constituída por duas variantes, a *A* e *B*, que variam entre 3 a 4,4 cm de diâmetro de bordo.

A variante A (PF00/2640-368) é composta por um bordo de orientação exvertida de tipo de espessamento redondo para o exterior sendo visível o início do gargalo. Apresenta um diâmetro de bordo de 4,4 cm e espessura de bojo entre 0,3 a 0,5 cm.

A variante B (PF00/2734-45) ao contrário da outra apresenta um bordo de orientação reta de tipo de espessamento bisel externo para o exterior. Visível o início do gargalo estreito e canelura decorativa perto do bordo. Composta por um diâmetro de bordo de 3,7 cm e espessura de bojo entre 0,3 a 1 cm. Encontrado paralelo formal no poço SE do Hospital Real de Todos-os-Santos (BARGÃO, 2015: 234).

Também foi reconhecido uma garrafa que mostra como seria a sua forma ovoide (PF00/2736-63) e com asa de tipo fita de orientação vertical. Espessura de bojo entre 0,3 a 0,4 cm.



A respeito de objetos lúdicos foi identificada uma *peça de jogo* (PF00/2728-159) de forma circular de pasta oxidante de cor amarela esbranquiçada (M 5Y 9/4) e espessura de 1,2 cm. Identificado paralelo com as mesmas medidas na Rua Augusto Cardoso, nº 69 em Setúbal, sendo o contexto arqueológico com um conjunto maioritário de cerâmica quotidiana do século XVI (SOARES, et al, 2005-2007: 92).

#### 5.3.1.2 Cerâmica comum vidrada

A cerâmica comum vidrada surge com bastante frequência nos contextos arqueológicos de Lisboa e o poço T1 não é exceção, os fragmentos possuem características das produções de olarias portuguesas do final do século XV e inícios do século XVI.

Vários autores e investigadores indicam o século XVI como o seu apogeu, em virtude da existência de uma maior produção de formas de confeção de alimentos e de armazenagem, nesse período.

Destacou-se uma progressiva expansão deste fabrico na centúria de quinhentos, embora algumas formas tenham perdurado até ao século XVII (OSÓRIO, 1995: 290).

Em 1982, pela primeira vez em Portugal, foi escavado na Mata da Machada, Barreiro, um forno do século XV, o qual permitiu perceber a sua estrutura, nomeadamente da câmara. Dali, igualmente, surgiram centenas de trempes, vestígios de cerâmica comum vidrada e por vidrar, comprovando a existência de produção no local deste tipo de cerâmica (TORRES, 1982: 127).

Através de referências documentais, manuscritas, identificaram-se vários malegieiros que produziam cerâmica comum vidrada noutros sítios do território nacional, como nas cidades de Coimbra e Porto (OSÓRIO, 1995: 286).

A respeito do contexto do poço T1, o grupo de cerâmica comum vidrada obtém um total de 218 MNI e 38 NMI.

Das formas identificadas há uma maior percentagem de *alguidares* e *potes* (29% NMI) seguidos pelas *tigelas* (18,3% NMI). Os *servidores*, *pratos* e *taças* totalizam percentagens baixas rodando entre 5,3 e 7,9% (NMI). O *púcaro* é a forma menos representada, com 2,6%/NMI (Apêndice V, gráfico 3).

Acerca dos grupos funcionais o conjunto de serviço de mesa é constituído por uma maior percentagem de NMI, englobando as formas de taça, tigela, prato e púcaro, cujo intuito era o de servir líquidos ou alimentos liquefeitos.

- *Taça*

A *taça* (PF00/1578-375) apresenta dois NMI sendo constituída por um perfil completo de bordo de orientação exvertida de tipo de espessamento redondo para o exterior, e um fundo de pé alto anelar. O revestimento tem um vidrado amarelo na superfície interior e a verde na superfície exterior. Possui um diâmetro de bordo de 14 cm, fundo de 6 cm e espessura de bojo que varia entre 0,3 a 1,2 cm. Encontrado paralelo formal na escavação arqueológica no centro do Porto, ocorrida nos anos de 1984 e 1994, cujos materiais foram datados do século XV-XVI (OSÓRIO, 1995: 287-290).

- *Tigela*

De seguida reconhece-se uma peça mais fina, um fragmento de *tigela* (PF00/1578-439) de orientação exterior de tipo espessamento redondo para o exterior. O bordo desta tigela revela semelhanças à taça referida anteriormente, no entanto dada a ausência do fundo, este possivelmente seria de tipo disco ou bolacha com menor altura, sendo o elemento diferenciador. Composta por um revestimento em vidrado a verde em ambas as superfícies, constituída por um diâmetro de bordo de 15 cm e espessura de bojo entre 0,4 a 0,5 cm. Com 7 NMI esta é a forma de serviço de mesa é a mais representativa do conjunto da cerâmica comum vidrada, também apresentou paralelos com as produções vidradas comuns recolhidas no centro do Porto (ÓSORIO; SILVA, 1995: 302). Em suma, a *taça* e *tigela* partilham a mesmo período de datação.

- *Prato*

Outra forma que marca presença na mesa, destacando-se um fundo com pé (PF00/1578-308) morfologicamente maioritário nos pratos vidrados. O revestimento é composto por vidrado a amarelo na superfície interior. Tem um fundo de diâmetro de 7 cm e espessura de bojo entre 0,4 a 0,9 cm. Totalizam-se 3 NMI sendo atribuído paralelo morfológico no resultado da escavação arqueológica no Convento Velho de S. Domingos, em Coimbra, onde se estimaram datações entre o século XVI e os inícios do século XVII para as produções cerâmicas de mesa (ALMEIDA, 2012: 487).

- *Púcaro*

No grupo de formas cuja função é conter líquidos, reconhece-se um bordo (PF00/2743-130) de orientação reta e de espessamento redondo interno, sendo o único indivíduo. Apresenta um vidrado a amarelo melado na superfície interior e vidrado a verde na superfície exterior tendo também três excisões perto do bordo. Possui um bordo de diâmetro de 8 cm e espessura de bojo de 0,3 a 0,6 cm.

- *Servidor*

De seguida constata-se o servidor (PF00/2742-110) constituído por bordo de orientação reta, de tipo espessamento em aba para o exterior. O revestimento é composto por vidrado a verde na superfície exterior e no interior. Tem diâmetro de bordo de 17 cm e espessura de parede entre 0,4 a 0,5 cm. Contabilizam-se 3 NMI, que têm paralelo na intervenção arqueológica realizada na cisterna quinhentista do antigo Convento de São Francisco da Cidade, em Lisboa, onde se exumou um servidor cuja datação foi estimada para o terceiro quartel do século XVI (TORRES, 2011: 48-49).

- *Potes*

A respeito das formas de armazenamento, identifica-se uma única forma, o pote, que é composto por um bordo de orientação reta de tipo espessamento para o exterior, bisel externo.

Distinguem-se duas variantes definidas pela forma de colocação das duas asas de fita: A1 (PF00/1614-133), horizontal, e A2 (PF00/1572-36), vertical. Ambas as variantes apresentam um revestimento de vidrado a verde manchado de amarelo na superfície exterior e bordo direito com espessamento para o exterior e bisel externo, variando entre 10 e 11 cm de diâmetro.

A variante A1 obteve paralelo de fabrico e morfológico com um pote vidrado a verde de perfil completo, este foi extraído na intervenção do Convento da Nossa Senhora da Piedade, Cascais, cujo espólio foi datado de entre 1600 a 1625. A nível funcional, esta forma serviria para guardar mel ou outras conservas (CARDOSO; RODRIGUES, 1999: 196 e 210).

Por último reconhece-se um fundo de pote (PF00/2743-23) de tipo plano com onfalo e revestimento em vidrado a amarelo escuro na superfície interior, e verde na superfície externa. Apresenta um diâmetro do fundo de 10 cm e uma espessura situada

entre os 0,4 cm e os 1,2 cm, sendo possível que seja inspirada nas produções valencianas, também caracterizadas por estas particularidades morfológicas.

- *Alguidar*

Por último, no grupo da cerâmica comum vidrada destaca-se o alguidar, morfologia cerâmica de múltipla funcionalidade. Esta peça aberta (PF00/2734-117) é constituída por um bordo de orientação exvertida, de tipo espessamento redondo para o exterior. Apresentando um vidrado a verde na superfície interior, um diâmetro de bordo de 50 cm e com uma espessura de bojo que ronda os 0,8 cm a 1,4 cm. Contabilizam-se apenas 11 NMI, e encontrou-se um único paralelo formal na escavação no Beco dos Inválidos, nº BIV 1478.90, em Cascais, que mostrou características datáveis do 2º e 3º quartel do século XVI (1528-1578) (CARDOSO, *et al*, 1999: 200).

Igualmente constata-se a existência de outro fragmento de alguidar, um fundo (PF00/1611-9) plano com revestimento em vidrado a verde na superfície interior, com medidas de diâmetro de fundo de 40 cm e espessura de bojo de 0,9 cm.

### 5.3.1.3 Cerâmica fina e modelada

A cerâmica fina, algumas vezes intitulada como cerâmica *modelada* ou *moldada*, teve o seu apogeu no século XVII, porém também houve algumas produções no século XVI. As mudanças de nomenclatura resultaram do modo de fabrico destas peças, dado que algumas eram efetuadas em molde, originando a nomenclatura *moldada*. As restantes eram-lhes acrescentadas decorações de incisão ou de outra técnica estilística, originando o nome de *modeladas*.

As peças mais abundantemente produzidas eram as taças, púcaros, pratos e pequenos potes, que tinham a principal função de conter líquidos. Esta precedência morfológica verificou-se no século XVII, em que era corrente beber-se água pelos *púcaros* de cerâmica fina (BARGÃO, *et al*, 2013: 1051).

Através dos arquivos históricos e arqueossítios intervencionados comprovou-se que existiam encomendas pedidas à capital de cerâmica fina de barro avermelhado, nomeadamente para o convento da Ordem de Santiago, em Palmela. Os dados destas fontes permitiram confirmar que estas produções eram elaboradas em Lisboa (FERNANDES, 2012: 512).

De modo geral o grupo de cerâmica fina e modelada identifica-se com um total de 594 MNI e 92 NMI.

Das formas identificadas há uma maior percentagem de *púcaros* (57,5%/NMI), seguidas pelas *taças* (24%/NMI) e *potes* (10,8%/NMI). As *garrafas* são constituídas por percentagens baixas rodando 2,2% (NMI). O *jarro*, *jarrinha*, *potinho*, *taça de “cesto”* e *taça de pé alto* são as formas com um único indivíduo, com valores de 1,1% (NMI) (Apêndice V, gráfico 4). Identificam-se aqui dois grupos funcionais: o serviço de mesa e o armazenamento ou transporte.

- *Púcaros*

A respeito ao grupo do serviço de mesa reconhece-se uma maior percentagem de *púcaros* com 53 NMI. Estes dividem-se em duas variantes: *A1* e *A2*, com diâmetros do bordo situados nos 7 a 8 cm.

A variante *A1* (PF00/2642-100) tem bordo de orientação exvertida de tipo espessamento redondo para o exterior, também apresentando um ressalto no colo, asa tipo fita com orientação vertical e fundo em disco com onfalo. Forma aberta, nela o bojo é esférico e o colo troncocónico, possuindo um diâmetro de bordo de 6,7cm, espessura das paredes de 0,1 a 0,3 cm e fundo de 4,2 cm de diâmetro. Este *púcaro* tem três paralelos formais, sendo o primeiro da escavação arqueológica da Rua do Benfornoso, em Lisboa, cujo material arqueológico foi datado do século XVI (MARQUES, et al, 2012:128). Igualmente, o segundo paralelo foi encontrado em Lisboa, no poço SE do Hospital Real de Todos-os-Santos, datado do século XVI, embora se indique que esta forma também podia existir no século XVII (BARGÃO, 2015: 264). Por último, foi reconhecido um paralelo morfológico no Palácio Pragana, em Almada, num contexto datado por moedas do reinado de D. Sebastião (1557-1578) (SABROSA, 1994: 42).

A variante *A2* é um *púcaro* (PF00/2743-305) composto por um bordo exvertido com espessamento redondo para o exterior, e uma pequena canelura no colo, que proporciona ao bojo uma forma mais oval. Apresenta diâmetros de bordo de 8 cm, de fundo nos 4 cm e espessura de bojo nos 0,2 a 0,5 cm.

De seguida identifica-se um fundo de *púcaro* (PF00/2742-306) de tipo plano, tendo um diâmetro de 4,6 cm e espessura de bojo entre 0,2 a 0,6 cm.

- *Taças*

Trata-se da segunda forma com mais indivíduos, somando 22 NMI. A respeito das variantes reconhecem-se três, nomeadas de *A* a *C*, que variam entre 8 a 12 cm de diâmetro de bordo.

A variante *A* (PF00/1611-48) é constituída por um bordo de orientação exvertida e de tipo espessamento em bisel exterior para o exterior. A respeito da sua decoração é composta por uma canelura de ondulações perto do bordo, inclusive a abaixo dessa canelura encontram-se sete incisões diagonais. Apresenta um diâmetro de bordo de 12 cm e espessura de bojo entre 0,3 a 0,8 cm. Foi repertoriado um paralelo decorativo correspondendo um fundo de taça com as mesmas incisões diagonais, proveniente do antigo Convento de S. Francisco, em Lisboa. Este espólio de cerâmica modelada resultou da intervenção arqueológica da cisterna do século XVI, correspondendo a material cerâmico datado do século XVII (RAMALHO, et al, 1997: 260). Outro exemplar da variante *A* (PF00/2743-145) é um bordo que revela um revestimento em vitrado amarelo já bastante desgastado e três impressões a digitação na sua superfície exterior. É o único exemplar no grupo da cerâmica fina e modelada com este tipo de revestimento. Tem 10 cm de diâmetro e uma espessura da parede nos 0,2 a 0,9 cm.

De seguida a variante *B* (PF00/1608-109) possui um bordo de orientação exvertida de tipo de espessamento redondo para o exterior, asa de tipo fita com orientação vertical e fundo plano. Tem um diâmetro de bordo de 8 cm, fundo de 6 cm e espessura de bojo entre 0,3 a 0,4 cm.

Destaca-se outro exemplar decorativo da variante *B* (PF00/1608-2), constituído por sete incisões diagonais no colo e outras de menor dimensão no seu bordo. Foi encontrado um paralelo com um perfil completo de *taça* com decorações semelhantes exumada na intervenção arqueológica do antigo do convento de S. Francisco em Lisboa, referida anteriormente (RAMALHO; FOLGADO, 1997: 258). A variante *B* corresponde à morfologia de taça com o maior número de indivíduos.

A variante *C* (PF00/2743-143) tem um bordo de orientação exvertida de tipo de espessamento direito de secção retangular. A decoração é composta por duas incisões lineares e semi-circulares na superfície exterior. Revela um diâmetro de bordo de 9 cm e espessura de parede entre 0,2 a 0,5 cm. Foi identificado um único paralelo formal originário da intervenção arqueológica do edifício do Aljube, em Lisboa, dado que entre

o espólio recolhido encontrou-se um bordo de secção retangular semelhante à variante C. Este contexto foi datado da segunda metade do século XVI (SANTOS, 2008: 330).

Seguidamente destaca-se um conjunto de fundos de taças de diversas decorações e todos compostos por um diâmetro de 6 ou 7 cm e uma espessura de parede que ronda os 0,1 a 0,6 cm.

Primeiramente denota-se um fundo (PF00/1611-18) de tipo plano e asa de orientação vertical de tipo fita, tendo incisões onduladas que estão entre duas caneluras. Encontrado paralelo formal e decorativo proveniente da cisterna do antigo Convento de S. Francisco de Lisboa, cuja peça foi datada do século XVII (RAMALHO; FOLGADO, 1997: 259).

O segundo fundo (PF00/2726-43) também é de tipo plano e com carena perto do fundo, tendo uma asa de tipo fita de orientação vertical. A decoração é composta por seis impressões digitadas na superfície exterior.

Por último o fundo (PF00/1572-57) de tipo plano e de asa de orientação vertical de tipo fita. Apresenta uma carena no colo e seis incisões verticais na superfície exterior.

- *Taça de “cesto”*

Destacam-se outros exemplos de taças características das produções finas e modeladas. Um desses exemplos (PF00/1572-56) tem um bordo de orientação exvertida de tipo de espessamento redondo para o exterior. É decorada com incisões ondulares entre caneluras do bojo. Ostenta uma ondulação que deforma o bordo, em consequência não se consegue identificar a sua medição, esta deformação teria um propósito decorativo. A espessura do bojo é de 0,3 cm tendo sido identificado um único NMI cujo paralelo formal e decorativo foi reconhecido no depósito moderno do antigo Paço Episcopal de Coimbra. Entre o espólio ali recolhido foram identificados grupos cerâmicos datados do final do século XVI (1578-1592), entre eles uma taça de “cesto” de perfil completo constituída pelas ditas ondulações no bordo (SILVA, 2012: 285).

- *Taça de pé alto*

Apresenta-se uma terceira forma de serviço de líquidos, sendo um fundo (PF00/2684-66) de tipo pé alto em onfâlo, no entanto este fragmento encontra-se em más condições de conservação dificultando a medição precisa do fundo, que deve rondar os Ø8 cm e espessura de bojo entre 0,4 a 1,2 cm. Constatou-se um paralelo

formal na escavação do edifício do Aljube, referida anteriormente, onde os artefactos revelam semelhanças com o fundo mencionado (SANTOS, 2008: 332).

- *Jarrinha*

Reconhece-se um único bordo desta forma (PF00/1572-58), com orientação reta de tipo espessamento redondo direito, arranque de asa de orientação vertical e fundo de disco com onfâlo. É visível no seu colo treze digitações decorativas e possui um diâmetro de bordo de 7,8 cm, fundo de 5 cm e espessura de parede de 0,3 cm. Tem paralelo decorativo em peças provenientes de coleções de cerâmicas barrocas de vários sítios arqueológicos de Lisboa, Tomar e Sintra. Entre elas encontrava-se uma peça com semelhantes digitações datadas do século XVII (FERREIRA, 1997: 154).

- *Jarro*

Última forma associada ao serviço de líquidos, que apresenta um bordo (PF00/2743-231) de orientação exvertida de espessamento redondo, sendo o único indivíduo. Devido à ondulação do bordo não se consegue determinar com precisão o seu diâmetro. A espessura da parede situa-se nos 0,2 a 0,4 cm.

O grupo de cerâmica fina também é constituído por formas cujo propósito é o armazenamento, transporte de líquidos ou outros conteúdos alimentares.

- *Pote*

Forma mais representativa do grupo funcional de transporte e armazenamento de líquidos, tendo 10 NMI, que se dividem por três variantes, de A a C.

A variante A (PF00/2735-84) é constituída por um bordo de orientação direita, de tipo de espessamento redondo direito e arranque de asa de orientação vertical. Apresentando um diâmetro de bordo de 9 cm e espessura de parede de 0,4 a 0,8 cm. Esta variante corresponde a maior morfologia de bordos de potes tendo 11 NMI.

De seguida a variante B (PF00/2742-162) tem um bordo de orientação invertida, de tipo de espessamento para o exterior, de tendência redonda, possuindo ondulações decorativas no bordo, diâmetro de 13,8 cm e espessura de bojo entre 0,2 a 0,3 cm. Foi encontrado um único paralelo decorativo no poço SE do Hospital Real de Todos-os-Santos, Lisboa, datado do século XVI (BARGÃO, 2015: 283).



Por último reconhece-se a variante *C* (PF00/1578-515) composta por um bordo de orientação reta, de tipo espessamento de bisel externo, e ressalto no colo. Ostenta uma incisão vertical na superfície exterior, tendo um diâmetro de bordo de 10 cm e espessura das paredes de 0,5 a 1,8 cm.

- *Potinho*

Revela uma menor dimensão comparada com a forma anteriormente referida, cujo fundo (PF00/1578-447) apresenta um pé alto com respetivo onfâlo. Possui um diâmetro de fundo 4,4 cm e uma espessura das paredes de 0,3 a 0,9 cm.

- *Garrafa*

Última forma do grupo de armazenamento com um único NMI (PF00/2743-187) de bordo reto, tipo de espessamento externo com pequena aba, sendo uma forma fechada de diâmetro de bordo de 3,5 cm e espessura de parede de 0,5 a 1 cm.

#### 5.3.1.4 Cerâmica “pedrada”

Segundo um conjunto de obras a cerâmica “pedrada” é uma produção portuguesa proveniente dos centros oleiros de Estremoz, Évora e Nisa, no entanto com as intervenções arqueológicas recentes a sua origem de produtiva poderá ser mais diversificada, não estando restringida às áreas referidas anteriormente, englobando também Lisboa.

A referência mais antiga desta produção cerâmica corresponde ao último quartel do século XV e inícios do século XVI, embora o apogeu se situe entre os séculos XVI e XVII (SARDINHA, 2012: 789).

Na intervenção arqueológica de 1960, nomeadamente na estação do metropolitano do Rossio, dirigida pela olisipógrafa Irisalva Moita, foram também encontrados fragmentos de cerâmica “pedrada”. Estes, mais tarde foram analisados em pormenor, com a realização de um inventário dos padrões decorativos, por conseguinte apurou-se a decoração mais recorrente e a variação de tamanhos das pedras de quartzo aplicadas. As formas mais comuns desta produção eram os púcaros, pucarinhos, testos e talhas (SARDINHA, 1990-1992: 490-510).

De modo geral o grupo da cerâmica “pedrada” corresponde a um total de 9 MNI fragmentos cerâmicos, sendo 2 NMI. O *púcaro* e *tacinha* são compostos por um único indivíduo, ambas formas pertencem ao grupo de serviço de mesa.

- *Púcaro*

Reconhece-se um bordo (PF00/2726-15) de orientação exvertida, tipo de espessamento redondo com para o exterior. Tem diâmetro de bordo de 9 cm e espessura de parede entre 0,4 a 0,3 cm. A sua decoração é constituída com duas pedras de quartzo brancas de média dimensão, seis incisões verticais, três horizontais e adição de uma pequena pasta cerâmica em relevo de forma oval com pedras de quartzo de pequena dimensão. Estas decorações indicaram paralelos nas escavações arqueológicas da Igreja da Sé de S. Salvador da Baía, cujos púcaros foram encontrados com material do início do século XVII (SARDINHA, 2012: 793).

- *Tacinha*

Outra forma de cerâmica “pedrada” cujo bordo (PF00/2743-140) é reto com tipo de espessamento em bisel externo para o exterior. É composta por uma decoração com pedras de quartzo no bordo, todavia as pedras de quartzo estão ausentes, restando três orifícios. O bordo apresenta ondulações com propósito estilístico, em consequência não se consegue determinar o seu diâmetro. Possui uma espessura de parede entre 0,4 a 0,3 cm.

#### 5.3.1.5 faiança portuguesa

No século XVI surgiram as primeiras referencias da produção de faiança em Portugal. Inicialmente eram produzidas a branco sem qualquer decoração e influenciadas pelas formas espanholas, na altura eram bastante comuns no quotidiano português (TORRES, 2011: 53-57).

Entre o século XVI até ao século XVIII despontou a faiança azul e branca cuja produção englobava diversas cidades, como Lisboa, Porto e Coimbra. A partir destes centros produtores saíam peças que estabeleceram uma crescente globalização, consequentemente uma rede comercial que abrangeu as ilhas britânicas, assentamentos portugueses em África, portos na Ásia e América do Sul.

Em Lisboa, a produção de faiança foi realizada por volta do segundo quartel do século XVI, pelos malegieiros de loiça branca residentes na capital. As formas mais produzidas e exportadas eram as escudelas, pratos e taças. Por vezes podiam apresentar bojos com ou sem carena (SEBASTIAN, 2010: 193 e 214).

Em relação ao contexto do poço T1 identificam-se faianças brancas com um total de 23 MNI e 9 NMI. Das formas reconhecidas há uma maior percentagem de *pratos* e de *tigelas* (33,3%/NMI). O *especieiro*, *tacinha* e *taça* com carena são as formas com um único fragmento, com a percentagem de 11,1%/NMI (Apêndice V, gráfico 5).

Neste contexto só se exumou faiança branca sem qualquer tipo de decoração. Todas as formas são associadas à mesa, sendo o seu propósito servir ou conter alimentação, caldos ou especiarias.

- *Tigelas*

Reconhecem-se duas variantes, A e B, que variam entre 12 a 14 cm de diâmetro de bordo.

A variante A (PF00/1578-373) tem um bordo de orientação exvertida de tipo espessamento redondo para o exterior. O seu revestimento é composto por um esmaltado a branco em ambas superfícies. Tem um diâmetro de bordo de 12 cm e uma espessura de parede 0,5 cm. Apresenta um único NMI, todavia este fragmento está deformado devido ao facto de outro bordo de tigela estar fundido no seu colo, o que ocorreu durante a cozedura das duas peças, sendo muito provável que esta peça nunca tenha sido utilizada. Este pormenor confirma o modo de produção da faiança com a colocação de “torres” de peças a cozer.

A variante B (PF00/1572-41) é constituída por um bordo orientação exvertida de tipo espessamento de bisel interior. Esmaltada a branco, tendo um diâmetro de bordo de 14 cm e espessura de parede 0,5 cm. Desta variante existem 2 NMI, e a respeito a paralelos formais foi detetada uma *tigela* semelhante na escavação do antigo Convento de S. Francisco, em Lisboa, cujo material foi datado maioritariamente do século XVI, embora constem também algumas peças já do século XVII (TORRES, 2011: 334).

Identifica-se um fundo em anel (PF00/1578-371) com revestimento a branco (M-N 9,5) na sua superfície total. Tendo diâmetro de fundo de 8 cm e espessura de parede entre 0,4 a 1,3 cm.

- *Tacinha*

Forma com fundo (PF00/1572-51) anelar de menor diâmetro, se comparado com o das tigelas, sendo composto por um único indivíduo. Ostenta revestimento a esmalte branco em ambas superfícies, possuindo um diâmetro de fundo 4 cm e uma espessura de parede de 0,5 a 1,3 cm.

- *Taça carenada*

Surge outra *taça* (PF00/1614-97) cujo bordo é de orientação exvertida de tipo espessamento redonda para o exterior, salientando-se a carena no seu colo. Tem um diâmetro de bordo de 13 cm e uma espessura de parede entre 0,4 a 0,6 cm. Revelou um único NMI.

- *Prato*

Outra forma bastante comum no serviço de mesa é o *prato*. No contexto deste poço verificou-se o aparecimento de um bordo (PF00/1608-113) de orientação exvertida, de tipo espessamento redondo para o exterior. Esmaltado a branco em ambas superfícies, tem um diâmetro de bordo de 10 cm e uma espessura de parede de 0,4 cm. Dele foram identificados 3 NMI. Este prato pode apresentar um fundo de pé alto em anel (PF00/2735-79).

- *Especieiro*

Forma associada ao serviço de especiarias e condimentos à mesa, em alguns artigos é intitulada de salseira. Reconhece-se um NMI (PF00/8/06- 73), sendo o fundo em disco plano. Apresenta um revestimento esmaltado a branco na superfície interna, no entanto na superfície exterior revela somente um escorrimento de esmalte branco. O fundo possui 6 cm de diâmetro e parede com uma espessura de 0,4 a 1 cm. Da forma foi encontrado um único paralelo formal com um fundo de especieiro escavado no Beco das Barrelas, Alfama, num contexto arqueológico com materiais datados de entre o século XVI ao século XVIII (OLIVEIRA, 2012: 102).

### 5.3.2 Os grupos cerâmicos forâneos

#### 5.3.2.1 Porcelana chinesa

Durante a época dos Descobrimentos assistiu-se a uma proeminência da porcelana azul e branca. Os primeiros exemplares surgiram na dinastia Tang (618-907), contudo as produções denominadas por azul e branca dizem respeito à dinastia Ming, que se iniciou no século XIV e permaneceu até ao século XVII. Jingdezhen, região sul da China foi o principal centro produtor durante séculos, graças à sua riqueza em petuntsé e cobalto, conseguindo manufaturar elevado número de peças. O transporte das produções fazia-se através dos rios que passavam junto à cidade, sendo a porcelana depois deslocada até Cantão de onde seguia para o exterior (MATOS, 2003: 17-19).

Um dos fatores que contribuiu para a popularização da porcelana em Portugal foi a chegada dos portugueses à China, em 1517. Consequentemente, mercadores e marinheiros entraram em contacto com as porcelanas, levando-os a comprar peças de pequena dimensão devido ao seu menor custo. O seu regresso à capital desencadeou um desejo por estas peças asiáticas (SILVA; *et al*, 2012: 77).

A maioria da porcelana era adquirida pela família real, membros da corte ou famílias com poder de compra. Porém, a abertura dos portos em Macau permitiu a consolidação dos contratos oficiais entre Portugal e a China. Por consequência, ocorreu um aumento da percentagem de porcelana a entrar nos portos portugueses. Este fator criou alterações no preço, o que permitiu que a porcelana se tornasse acessível a outros estratos sociais do país (GRAÇA, 2005: 23-24; TORRES, 2011: 78).

De modo geral o conjunto de porcelana chinesa do poço T1 é composto por 13MNI e 6 NMI. Reconhecem-se duas formas: *prato* e *tigela*, pertencentes ao grupo funcional de serviço de mesa.

- *Pratos*

Forma aberta com 3 NMI que teria a função servir alimentos ou ser utilizado como decoração (CRUZ, *et al*, 2007: 72).

O primeiro exemplar apresenta um bordo (PF00/2743-137) de orientação exvertida e de tipo espessamento redondo para o exterior. Os seus dois fragmentos são compostos por uma decoração com acabamento em verniz com elementos estilísticos a

azul cobalto sobre branco. Na superfície exterior verificam-se duas linhas horizontais junto ao bordo e uma linha horizontal junto à base, formando uma faixa onde se delineiam os elementos vegetativos constituídos por frutos e folhas.

Na sua superfície interior apresenta duas linhas horizontais perto do bordo, uma linha horizontal perto da base, e um possível elemento vegetalista entre essas linhas. Possui um diâmetro de bordo de 21 cm e uma espessura de parede de 0,3 cm. Este prato pertence à dinastia Ming (1368-1644), especificamente ao reinado do imperador Zhengde (1506-1521), cujas características decorativas são os dragões, enrolamentos de lótus (um dos 8 emblemas budistas que simboliza a pureza) e outros tipos de elementos fitomórficos.

Este prato (PF00/2743-137) mostra semelhanças decorativas com uma peça exposta no Museu Britânico<sup>1</sup>. Possivelmente esta produção de porcelana foi das primeiras a que os portugueses tiveram acesso nos portos da China.

Foram identificados dois pratos do mesmo tipo, sendo o diâmetro o elemento de diferenciação.

O maior desta coleção (PF00/2684-75) é composto por o bordo de orientação exvertida de tipo espessamento redondo para o exterior e fundo em anel. A decoração é bastante variada sendo a superfície interior composta por um grou rodeado de flores, este considerado pelos chineses um símbolo da longevidade. O grou também é acompanhado por pássaros de pequenas dimensões. Destacam-se linhas concêntricas perto do bordo que criam uma zona que é preenchida com pêssegos e pergaminho entrelaçado com fitas (símbolo religioso).

A superfície exterior é constituída por um elemento estilístico principal, o pêssego, considerado como um fruto sagrado taoísta, também símbolo do casamento e imortalidade (TORRES, 2011: 81). Possui 21 cm de diâmetro de bordo, um diâmetro de fundo de 9 cm e uma espessura de parede de 0,4 cm.

Na superfície exterior, especificamente no fundo, identifica-se uma marca de produção que é composta por uma frase em caracteres chineses datada do século XVI: *“Fine vase for the rich and honourable”*. Esta frase é exclusiva do reinado do imperador Jianjing (1522-1566), que refere a importância do uso das porcelanas nas

---

1

[http://www.britishmuseum.org/research/collection\\_online/collection\\_object\\_details.aspx?objectId=3181116&partId=1&matcult=15502&page=1](http://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=3181116&partId=1&matcult=15502&page=1)

elites chinesas (BURTON, *et al*, 1909: 146). Foi reconhecido um paralelo decorativo proveniente do convento de Santana de Leiria, onde se obteve um vasto espólio datado do século XV a XVIII. Entre este encontrou-se um prato datado da dinastia Jiajing (1522-1566) cuja decoração se assemelha ao prato mencionado do poço T1 (TRINDADE, 2012: 535).

Por último constata-se a presença de um fundo (PF00/8/06-92) de tipo pé anelado. Composto por uma decoração variada, tendo na superfície interior uma paisagem com árvore e na superfície exterior com duas folhas perto do fundo. Acrescentadas duas linhas concêntricas na superfície exterior do fundo anelado. Apresenta um diâmetro de fundo de 8 cm e espessura de parede de 0,4 cm. Não foi identificado um paralelo, todavia esta peça possivelmente pertencerá à dinastia Ming.

- *Tigelas*

À semelhança do prato também se contabilizam 3 (NMI) tigelas.

A primeira destaca-se com um bordo (PF00/1578-2/3) de orientação exvertida, de tipo espessamento redondo para exterior. Salienta-se que o bordo apresenta ondulações de propósito decorativo. Os restantes elementos decorativos são a azul cobalto, tendo um recipiente (vaso) com pássaros acompanhados por uma flor de lótus na superfície exterior. Também se nota uma linha concêntrica a azul ao longo do bordo. Na superfície interior não apresenta qualquer vestígio de decoração. Possui um diâmetro de bordo 10 cm e uma espessura de parede de 0,2 a 0,3 cm.

De seguida, existe um bordo (PF00/1611-49) de orientação exvertida, de tipo espessamento redondo para o exterior. A superfície exterior é composta por elementos vegetativos: pêssago e folhas interligadas. Também inclui três linhas horizontais perto do bordo. Na superfície interior, especificamente no bordo, revela uma decoração linear horizontal a azul cobalto. Tem um diâmetro de bordo de 12 cm e uma espessura de parede de 0,2 cm.

Por último, foi reconhecido um bordo (PF00/1572-1) de orientação exvertida, de tipo espessamento direito redondo. Composta por uma decoração diferente das restantes tendo uma tonalidade azul escuro sobre um azul quase cinza. Apresenta elementos decorativos na superfície exterior constituídos por elementos vegetativos e duas linhas perto do bordo. Na superfície interior também ostenta por duas linhas concêntricas ao

longo do bordo. Apresenta um diâmetro de bordo de 13 cm e uma espessura de parede de 0,2 cm.

Estes exemplares de tigela pertencem à dinastia Ming, embora não se saiba especificamente o reinado em que foram produzidos.



### 5.3.2.2 Majólica italiana

A majólica italiana era proveniente da Toscana, região central da Península Itálica, uma das zonas territoriais com vasto percurso histórico e arqueológico. Em relação aos contextos arqueológicos portugueses surgem produções de outras regiões italianas, nomeadamente, de Deruta, Montelupo, da Úmbria e Ligúria (GONZALEZ, 2012: 849).

A respeito ao poço T1 identificaram-se produções da Ligúria, do noroeste de Itália, que se fizeram representar sobretudo por tigelas e pratos. Utilizavam a técnica “*a berettino*”, sendo a decoração típica azul sobre azul com elementos decorativos florais e geométricos (BLAKE, 1981: 112).

Outra região produtiva era Montelupo Fiorentino, cuja produção teve grande atividade entre os finais do século XV até ao século XVI. Neste mesmo período ocorreu um desenvolvimento tecnológico e decorativo desta cerâmica italiana. Montelupo era constituído por um grande porto que beneficiou a sua exportação cerâmica, dentro e fora da Península Itálica, passando por toda a área do Mediterrâneo, Noroeste Europeu e a ilhas do Atlântico (SOUSA, 2011: 263 e 267-268).

De modo geral, o grupo das produções italianas manifesta-se por um total de 11 MNI e 4 NMI. Reconhece-se uma única forma, o *prato*, elemento do grupo funcional de serviço de mesa.

A respeito do conjunto de produção da Ligúria constata-se 3 NMI. Esta produção do século XVI elaborava pratos de morfologia específica: bordo redondo para o exterior, um colo arredondado e um fundo em pé anelado (BLAKE, 1981: 112).

Um dos exemplares do poço T1 apresenta um bordo (PF00/8/06-94) de orientação exvertida, tipo de espessamento redondo para o exterior. Apresentando um diâmetro de bordo de 23 cm e espessura de parede 0,5 a 0,7 cm. A decoração, como referido anteriormente, é composta por tons de azul sobre azul com elementos vegetalistas e cruzamento de duas linhas na superfície exterior. Esta decoração obteve um grande número de paralelos decorativos, o primeiro paralelo corresponde a um prato que provém da escavação arqueológica do Terreiro do Trigo em Lisboa, cujos aterros do século XVI mostraram fragmentos arqueológicos de majólicas (GONZALEZ, 2012: 853). O segundo paralelo decorativo foi encontrado nas intervenções arqueológicas no

Palácio dos Condes da Guarda, em Cascais (CABRAL; *et al*, 2009: 216). De seguida, foram identificados fragmentos semelhantes nas escavações arqueológicas no Convento de Jesus de Setúbal, num contexto datado do século XVI (ALMEIDA, 2013: 1162). Por último, foi encontrado outro paralelo decorativo também em Setúbal, numa intervenção arqueológica na Av. 5 de outubro n.ºs 67-69, num contexto de lixos domésticos do século XVI-XVII com grande número de cerâmica comum e, em associação com esta, produções italianas datadas do século XVI (DUARTE; SILVA, 2014: 226).

Surge um fundo de pé anelado (PF00/2734-35) de diâmetro de 8 cm e espessura de parede de 0,7 cm., comprovando a morfologia específica desta produção.

Da região do Montelupo constata-se um único indivíduo (PF00/1614-91) sendo o bordo de orientação exvertida, de tipo espessamento redondo para o exterior. Na superfície interior a decoração é constituída por medalhões de cor azul preenchidos por amarelo e algumas ondulações a azul perto do bordo. Na superfície exterior não apresenta qualquer vestígios de decoração, só existindo a cor esbranquiçada. Possui um diâmetro de bordo de 22 cm e uma espessura de parede de 0,8 cm. A nível de paralelos decorativos, foram identificados dois fragmentos de majólica de Montelupo nas escavações na Santa Casa da Misericórdia de Santa cruz, na Madeira, e no Mosteiro de Jesus, na Ribeira Grande, nos Açores (SOUSA, 2011: 463 e 465).

### 5.3.2.3 Produções de Sevilha

No século XVI a região de Sevilha ganhou um lugar de destaque a nível comercial, passando a ser um dos principais portos comerciais de Castela. As produções acompanharam as necessidades materiais e humanas do século XVI. Foram formados bairros oleiros, como o de Triana, núcleos de produção que forneciam os consumidores locais e igualmente exportações para a América (VALENCIA; MARTÍN, 2014: 104). As produções de Sevilha teriam variadas formas, como os pratos em ônfalo e as escudelas carenadas (SOUSA, 2012: 799).

Relativamente às produções de cerâmica branca de Sevilha, estas detiveram preponderância nos séculos XV e XVI, chegando algumas destas produções ao século XVII. Este tipo de cerâmica poderia também ter sido produzida em Portugal, especificamente em Lisboa e no Algarve, devido à chegada de oleiros da Andaluzia (SEBASTIAN, 2012: 937-951).

De um modo geral, o grupo das produções espanholas identifica-se um total de 25 fragmentos cerâmicos e 11 NMI. A maior percentagem corresponde aos pratos (45,5%/NMI) e de seguida as taças (27,2%/NMI). O alguidar, a escudela e o pote são as formas cerâmicas com um único indivíduo, tendo a percentagem de 9,1%.

Verifica-se uma maior percentagem de cerâmicas cuja funcionalidade é de serviço de mesa, constituída pelas formas de prato e taça.

- *Prato*

Forma mais representada com 5 NMI, um deles constituído por um bordo (PF00/2742-64) de orientação exvertida de tipo de espessamento redondo para o exterior e fundo em ônfalo. Apresenta um revestimento em esmalte claro em ambas superfícies. Possui um diâmetro de bordo de 21 cm, uma espessura de parede de 0,6 cm a 1,2 cm e um fundo com 6 cm de diâmetro. Dele foi encontrado um paralelo formal e decorativo no poço de Silves, no Algarve, cujo entulho cerâmico foi datado dos finais do século XVI (GOMES; GOMES, 1996: 161-162).

Reconhece-se outro prato (PF00/1578-460) com o mesmo bordo referido anteriormente, mas a decoração é composta por duas linhas de cor azul ao longo do bordo, sendo uma variante decorativa conhecida como *linear azul*. Tem um diâmetro de

bordo de 21 cm e uma espessura de parede entre 0,6 cm a 1 cm. Constatou-se a existência de vários paralelos formais e decorativos, um deles no edifício do Museu do Neorealismo, em Vila Franca de Xira, contexto com artefactos datáveis do início do século XVI (MENDES; *et al*, 2008: 73). O segundo paralelo decorativo foi encontrado no poço SE do claustro do Hospital Real de Todos os Santos, com material datado do século XVI (BARGÃO, 2015: 291). Foi também apurado um paralelo na intervenção arqueológica na Rua António Maria Eusébio, em Setúbal, num contexto com artefactos do século XIV a XVII, em que as peças de produção de Sevilha foram indicadas como sendo do século XVI (SILVA, *et al*, 2004: 151). Por último, foi identificado um fragmento decorativo semelhante em Setúbal, na intervenção arqueológica na Av. 5 de outubro n.ºs 67-69, onde se escavou um contexto de lixeira (DUARTE; SILVA, 2014: 226).

- *Taças*

A segunda forma mais representada do serviço de mesa com 3 NMI. Existindo um bordo (PF00/1578-443), de orientação exvertida, de tipo espessamento redondo para o exterior. O esmalte é claro em ambas superfícies e ostenta vestígios de manchas castanhas na superfície interior. Tem um diâmetro de bordo de 15 cm e uma espessura de parede entre 0,8 cm a 1,3 cm.

Constata-se a presença de um fundo de taça (PF00/2735-257), morfologicamente de tipo côncavo. O revestimento em esmalte a claro na sua superfície total. Apresenta um diâmetro de fundo de 12 cm e uma espessura da parede de 0,5 cm a 1,3 cm.

- *Escudela*

Outra forma característica das produções sevilhanas, reconhecem-se 2 NMI desta forma no contexto.

Um primeiro exemplar com bordo (PF00/1572-2) reto, de tipo de espessamento redondo para o exterior, tem uma asa horizontal decorativa. O esmalte é claro em ambas superfícies e tem vestígios de manchas castanhas na superfície interior. Possui um bordo com diâmetro de 14 cm e uma espessura de parede de 0,6 cm. Revela um único paralelo formal com uma escudela escavada no antigo Palácio Côrte-Real, perto do Cais do Sodré, em Lisboa, cujo espólio exumado varia entre o século XV-XVI (SABROSA, 1995: 126).

A outra funcionalidade recorrente das produções de Sevilha é o armazenamento, conservação e transporte de alimentos ou produtos, sendo identificado um *pote*.

- *Pote*

Com um único indivíduo (PF00/2735-76), composto por um corpo esférico, sendo uma forma fechada. Há a ausência de bordo e do fundo, todavia apresenta um arranque de asa de orientação vertical, asa de tipo fita. O revestimento é constituído por esmalte azul na superfície externa e esmalte esbranquiçado na superfície interior, havendo por vezes alguns escorrimentos a azul de menor dimensão. A espessura de parede varia entre os 0,8 cm a 1 cm.

Foi identificado um único paralelo decorativo com um fragmento de forma indeterminada, devido ao seu estado de má conservação, escavado na casa com porta manuelina no Machico, Madeira, em contexto arqueológico datado do século XVI (SOUSA, 2011: 398).

- *Alguidar*

Deteta-se uma forma multifuncional, o alguidar (PF00/1578-421), cujo fundo é plano, apresentando um único indivíduo. Composto por um revestimento em esmalte de tonalidade verde escura na superfície interior. Tem um diâmetro de fundo de 48 cm e uma espessura da parede entre 1,5 a 2 cm.

## 5.4 Outros materiais

### 5.4.1 Vidro

No quotidiano moderno existia o vidro que abrangia diversas funcionalidades, nomeadamente o armazenamento de especiarias, perfumes e em alguns casos o uso medicinal (LOPES, et al, 2012: 204). Algumas formas também eram utilizadas no serviço de mesa, destacando-se o copo ou o cálice, cujo propósito era conter ou servir líquidos apreciados na época (AMARO, 2013: 1020). Estas peças vítreas apresentavam várias tonalidades e elementos decorativos específicos.

Em Lisboa e Almada houve uma produção de vidros que funcionou desde o século XVI ate XVIII, sendo que ao longo dos séculos se modificaram as formas, decorações e tonalidades das produções (BOAVIDA, 2012a: 136-137).

De modo geral identificam-se um total de 22 fragmentos, e 5 NMI de vidro. A maior percentagem corresponde às *garrafas*, com 60% (NMI). Seguem-se o *cálice* e a *taça*, ambos com a mesma percentagem 20% (NMI).

- *Garrafas*

Desta forma reconhecem-se duas variantes, *A* a *B*, sendo bordo o modo de diferenciação. Esta tinha a função de armazenamento.

A variante *A* (PF00/12/08-8) com respetivo gargalo tem um bordo reto e de tipo de espessamento redondo para o exterior. Composta por uma tonalidade translúcida de verde amarelado. Apresenta um diâmetro de bordo de 3,5 cm e espessura de parede de 0,1 cm. Foi encontrado paralelo no conjunto de espólio em exposição e musealização do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, em Coimbra, datado dos séculos XVI-XVII (CÔRTE-REAL, et a, 2004: 125).

De seguida a variante *B* possui um bordo (PF00/2734-4) de orientação reta com espessamento de bisel externo, de cor verde translúcido. Tendo um diâmetro de bordo de 4 cm e uma espessura de parede de 0,1 a 0,3 cm.

Igualmente constata-se um gargalo (PF00/2743-1) de *garrafa* cuja coloração é translúcida verde sendo ligeiramente espessa. A respeito da sua decoração são visíveis linhas brancas verticais e diagonais na superfície exterior. Esta decoração é semelhante

à filigrana “*vetro a fili*” que surgiu em Veneza e Itália, mas também pode ter sido produzida em Catalunha (MEDICI, 2011: 320 e 332). Apresenta uma espessura fina da parede de 0,1 a 0,2 cm.

Reconheceu-se um paralelo formal na escavação do poço SE do claustro do Hospital Real de Todos-os-Santos, em que se verificou a existência do mesmo tipo de vidro com tonalidade a verde, todavia sem a decoração “*vetro a fili*”, sendo ali datado do século XVI (BARGÃO, 2015: 222).

Por último distingue-se um bojo indeterminado (PF00/2726-3) que poderá ser um fragmento de colo de garrafa. Este apresenta uma coloração cinza semi-translúcida, bastante fina com decoração em linhas verticais de cor branca na superfície exterior, que se intitula por filigrana “*vetro a fili*”.

Encerra paralelo decorativo com uma garrafa exumada na intervenção arqueológica na Rua dos Correeiros, em Lisboa. O seu contexto arqueológico foi datado do século XVI (MEDICI, 2011: 320 e 332).

- *Cálice*

Forma associada ao serviço de mesa está representada por um único indivíduo (PF00/1611-6) que é constituído por um fundo fragmentando cujo pé é decorativo. Possivelmente estas decorações foram feitas em molde devido à existência de elaborados elementos estilísticos. É composto por uma cor cinza semi-translúcida e uma espessura da parede que varia entre os 0,2 cm e 1 cm.

- *Taça*

Última forma vitrea (PF00/1589-9), com bordo de orientação exvertida, com tipo de espessamento redondo para o exterior. Forma aberta com um único NMI. Apresenta uma cor cina semi-translúcida. Tem um diâmetro de bordo 11 cm e uma espessura de parede entre 0,1 a 0,2 cm.

#### 5.4.2 Restos de produção da cerâmica comum vidrada

Em Portugal foram reconhecidos vários fornos oleiros de cerâmica comum vidrada, nomeadamente, o forno da Mata da Machada que foi o primeiro a ser alvo de intervenção arqueológica, em 1982-83. A atividade desta estrutura oleira durou cerca de 80 anos, entre 1450-1530 (TORRES, 1982: 127). Por conseguinte contribuiu-se para a compreensão da produção oleira da época moderna.

O poço T1 do hospital também apresenta vestígios associados à produção oleira. Primeiramente identificam-se duas *trempe*s fragmentadas, sendo uma mais fina (PF00/Trem-1578-1), com espessura de 1,2 cm, de cor cinza clara, podendo estar correlacionada à produção de faiança ou cerâmica fina. Esta tem paralelo formal na intervenção arqueológica do Largo de Jesus, em Lisboa, que mostrou um elevado número de *trempe*s finas provenientes de uma oficina oleira datada do século XVI/XVII (SANTOS, 2007: 387).

No entanto a segunda *trempe* (PF00/Trem-1578-2) apresenta características de ser da produção de cerâmica comum vidrada, uma vez que a sua superfície exterior é composta por escorrimentos de vidrado verde e amarelo. Esta particularidade indica que tenha sido utilizada para suportar grandes peças cerâmicas como os alguidares e potes vidrados durante a cozedura. Possui uma espessura de 2,1 cm.

Relativamente aos defeitos de produção constata-se um fragmento de bordo de alguidar (PF00/1611-50) incorporado num resto de forno, pode-se verificar que durante o processo de cozedura houve uma fratura do bordo, em consequência ocorreu um escorrimento de vidrado verde para a fratura do colo da peça. Não foi possível apurar o seu diâmetro de bordo devido à concentração de pastas na zona superior do bordo.

Os restantes vestígios de produção são concentrações de cerâmica com escorrimentos de vidrado de tonalidade verde escura e amarelo escuro, este conjunto forma pequenos “blocos” de cerâmica vidrada. Em relação às dimensões, estas são variadas.



#### 5.4.3 Materiais de construção

No grupo dos materiais de construção identificam-se cinco tijolos, seis estuques, vinte e uma telhas e dois azulejos.

Os tijolos apresentam uma forma retangular, tendo um perfil completo embora a sua maioria esteja fraturada. O estuque revela uma forma concâva ou plana com restos de cal na superfície exterior e interior que servia para a sua fixação em paredes ou em outras superfícies.

Os elementos construtivos com um maior número de vestígios são as telhas que têm a função de cobrir habitações, edifícios ou outras estruturas. Possuem uma forma de tendência concâva e alguns exemplares ostentam leves pinturas a branco ou bege de orientação vertical e diagonal.

Os azulejos eram produzidos nas olarias de “louça branca”, por conseguinte existia em Lisboa uma pequena quantidade de olarias que eram constituídas por um mestre ladrilhador, como o exemplo das olarias da freguesia de Santos-o-Velho (MANGUCCI, 1996: 155-158). Através da consulta de documentos de época confirmou-se que a produção azulejos nas olarias de faiança já estava consolidada na segunda metade do século XVI (MECO, 2003: 305).

No poço T1 reconhecem-se dois fragmentos de azulejos, sendo uma quantidade escassa.

O fragmento (PF00/8/06-46) é composto por uma decoração a vidrado verde escuro. Reconhecido paralelo com um painel de azulejos de tipo enxaquetado, encontrado nos trabalhos arqueológicos do Teatro Romano em Lisboa, sendo datado do século XV/XVI. Este paralelo tem a particularidade de os azulejos ainda estarem agarrados à alvenaria, desse modo consegue-se perceber o padrão decorativo. O azulejo de tonalidade verde faz parte deste padrão geométrico (TEIXEIRA; *et al*, 2015: 44).

O segundo fragmento de azulejo (PF00/8/06-184) é esmaltado a branco sem qualquer tipo de elemento estilístico, tem uma pasta semelhante às faianças, por conseguinte é possível ter sido produzido numa olaria de faiança.

#### 5.4.4 Imagens religiosas e outros objetos trabalhados em osso e madeira

Entre o vasto grupo de achados cerâmicos reconhecem-se três fragmentos de imagens religiosas, nomeadamente iconografia de frades que estão interligados com a ordem religiosa de S. João Evangelista, que teve destaque na história e administração do hospital Real de Todos-Os-Santos, entre 1530 a 1569.

Inicialmente identifica-se uma estatuária incompleta de um frade composto pelo tronco e membros superiores e inferiores, no entanto há a ausência da cabeça e parte da mão esquerda. Esta estatuária de barro vermelho foi cozida, modelada e esculpida em alto-relevo, sendo visível a indumentária característica de um frade (o *hábito* ajustado com uma corda). Do lado inverso da iconografia apresenta uma superfície plana que teria o objetivo de auxiliar a sua fixação numa parede, interior de nicho ou suporte de outra natureza como madeira. Tem 36,5 cm de altura e espessura entre 3 a 6,5 cm.

De seguida constata-se o fragmento de estatuária, possivelmente a base, com a representação do *hábito* e corda da indumentária dos frades. Apresenta a mesma cor de pasta da referida a cima. Tem 9,5 cm de altura e espessura de 5 a 11 cm.

O último fragmento é de menor dimensão (PF00/2684-124) com cerca de 6,5 cm de altura e espessura de 3 cm. É visível parte do *hábito* na sua superfície exterior.

Os séculos XV e XVI foram marcados pela chegada a Portugal de artistas flamengos e do norte de França. Estes deixaram obras de tema religioso esculpidas a terracota, consequentemente semelhantes às composições escultóricas do Poço T1 (TEIXEIRA; et al, 2015: 109).

Constatam-se elementos de fauna trabalhados, existindo exemplares de madeira e de osso.

O primeiro artefacto é uma *agulha* (PF00/1578-fauna) de osso trabalhado com ponta arredondada, de 14 cm de comprimento e varia entre 0,1 a 1,2 de espessura. Este utensílio era utilizado na confecção de artesanato ou tecelagem.

A respeito da madeira trabalhada identificam-se duas “*espátulas*” de madeira (PF00/1614-fauna) tendo as suas pontas trabalhadas, variam entre 10 a 12,5 cm de comprimento e 0,2 a 0,5 cm de espessura. Não se consegue determinar a sua funcionalidade.

#### 5.4.5 Metais

No grupo dos metais existem quatro indivíduos que variam entre 4 a 9 cm de comprimento, tendo grande variedade de dimensões, consequentemente indica a sua funcionalidade.

O primeiro exemplar corresponde ao prego (PF00/m2734-1) de perfil completo, tendo 10,7 cm de comprimento e 0,7 a 1 cm de espessura. A sua “cabeça” apresenta uma forma de tipo disco. Destaca-se a alta percentagem de ferrugem em toda a superfície. Identificado um paralelo no conjunto de metais extraídos da intervenção arqueológica, entre 1979 e 1984, junto à igreja de Santa Maria, Castelo Branco. Contexto arqueológico datado dos séculos XV ao XVIII (BOAVIDA, 2012b: 215).

O segundo exemplar de prego (PF00/m2640-2) apresenta maiores dimensões tendo 12,9 cm e espessura entre 0,8 a 1,2 cm. Devido ao seu estado de degradação a sua “cabeça” encontra-se incompleta, possivelmente também é de tipo disco.

O terceiro elemento (PF00/m2743-3) é composto por uma “cabeça” fragmentada dificultando o apuramento da sua forma. É constituído por 8 cm de comprimento e 0,2 a 0,6 cm de espessura. É de salientar que ainda mostra vestígios de madeira no seu corpo.

O último exemplar de prego (PF00/m2689-4) é de perfil completo tendo comprimento aproximadamente 4,2 cm e espessura de 0,2 cm. Também tem uma “cabeça” em forma de disco. É visível a existência de ferrugem.

Estes pregos poderão estar associados à mobiliária ou a outro tipo de construções em madeira, como no caso do prego (PF00/m2743-3) que ainda mostra vestígios de madeira no sua superfície.

## 6. Fauna

No contexto do poço T1 constata-se vestígios de fauna constituídos por ossos e madeiras. Destaca-se a análise macroscópica dos ossos e conchas (Apêndice VII, tabela 1) e respectivas percentagens (Apêndice VII, tabela 2).

Reconhecem-se diversas espécies de animais com a maior presença do grupo dos mamíferos, nomeadamente a *Ovis/Capra* (ovelha ou cabra) seguida do *Bos taurus* (touro ou boi), animais domésticos relativamente comuns na época moderna.

Em relação a animais de utilização de transporte e carga existem vestígios de ossos das espécies *Equus asinus* (burro) e *Equus asinus caballus* (cavalo), sendo a maior parte deles tíbias e fêmurs. Só há um calcâneo de *Bos taurus* com marcas de corte grosseiras indicado a ação humana resultante de cortes do seu consumo.

Igualmente se verifica o grupo dos moluscos que se dividem em exemplares marinhos e terrestres, como a *ostrea edulis* (Ostra), *cerastoderma edule* (amêijoia) e gastrópode terrestre - cf. *Theba pisana* (caracol).

Os que apresentam menor quantidade de ossos é o grupo das aves com restos de coracoide de *Gallus domesticus* (galo) e o grupo dos reptéis com único um pedaço de carapaça de tartaruga.

A maioria destes vestígios de fauna são despejos domésticos devido à sua elevada fragmentação.

A respeito de vestígios osteológicos identificam-se dois fragmentos de crânio (*homo sapiens*), todavia devido ao seu estado de degradação e de pequena dimensão não é possível o apuramento do sexo e idade dos indivíduos.

## 7. Interpretação dos dados

A edificação do Hospital Real de Todos-os-Santos originou grandes modificações no sistema de administração hospitalar, ao concretizar uma unificação de todas as pequenas unidades de Lisboa. Elemento comprovativo da implantação do pensamento renascentista em Portugal, dele faz parte o investimento numa arquitetura específica influenciada pelas infraestruturas hospitalares italianas. Até aos meados do século XVIII, o edifício permaneceu imprescindível para o sistema médico-assistencial da cidade de Lisboa.

Em 1999-2001, no decorrer da intervenção arqueológica desenvolvida no quadro da construção de um parque automóvel subterrâneo, na Praça da Figueira, se localizou uma estrutura hidráulica no tardo do hospital, a NE. Ela encerrou um contexto fechado equivalente à sua desativação ainda durante o século XVI, eventualmente em resultado da reconversão deste setor do complexo assistencial. Pode, também, esta desativação estar relacionada com vasta campanha de obras mais ampla, ocorridas durante o século XVI e inícios do século XVII, época para as quais se notaram arqueologicamente transformações nos claustros NE e SE na campanha de escavações de 1999-2001.

Pode-se presumir que a construção do poço remonte ao século XV, com grande probabilidade, posicionado na zona de cultivo agrícola do Convento de S. Domingos, servindo para o abastecimento de água às hortas conventuais.

Ao analisar o conjunto material numa perspetiva geral, a cronologia centra-se no século XVI até aos inícios do século XVII, não se podendo, no entanto, ignorar a presença escassa de formas cerâmicas datadas do século XV mais recuado, nomeadamente os *alcatruzes* e um *púcaro* de pé alto e duas asas, morfologia última que está aparentemente ausente dos contextos da segunda metade de quinhentos.

O NMI mais elevado do conjunto associado ao poço corresponde à cerâmica comum, acompanhada por outras típicas produções do lapso cronológico antes indicado: a cerâmica “pedrada”, a porcelana chinesa da dinastia Ming, as majólicas italianas e as produções de Sevilha.

As peças passíveis de ser enquadradas no início do século XVII equivalem aos fragmentos de cerâmica fina e modelada de decoração característica, nomeadamente as asas torcidas dos *púcaros* e *taças*. Algumas das produções de cerâmica comum vidrada,

como da cerâmica “pedrada”, também mostram particularidades datáveis do período seiscentista.

A respeito da localização dos paralelos formais para a cerâmica comum detetou-se, como seria de esperar, uma grande percentagem na região de Lisboa, expandindo para as zonas periféricas, nomeadamente Cascais, Vila Franca de Xira e Setúbal. No Norte do país, naturalmente com menor expressão de paralelos destacaram-se o Porto, Coimbra e Braga. Significativamente todas as zonas tiveram papel relevante na produção da cerâmica comum em época moderna.

Cronologicamente, os paralelos forneceram uma datação que começou na década de 1470 até ao final do século XVI, sendo que, no entanto, algumas formas como o *alguidar* e a *panela* possam ter perdurado até ao século XVII (Apêndice V, tabela 2).

A Cerâmica comum vidrada obteve paralelos sobretudo em Lisboa. No entanto, também surgiram em regiões a norte, como Coimbra e Porto, devido ao facto de terem sido locais de produção e exportação desta cerâmica. Em relação à cronologia destas peças vidradas, os seus paralelos situam-se nos fins do século XV e do 2º e 3º quartel do século XVI, especificamente a forma do *alguidar* vidrado a verde. A forma do *pote* biselado com revestimento a verde alcançou paralelos até 1625, consequentemente o conjunto de cerâmica comum vidrada foi o segundo grupo com um maior alcance cronológico (Apêndice V, tabela 3).

A Cerâmica fina e modelada apresentou grande quantidade de paralelos na região de Lisboa, sendo datados do século XVI, embora a forma *pote* tenha mostrado semelhanças com peças datadas do século XVII. Destacam-se, também, algumas decorações que também eram características da época seiscentista, nomeadamente as asas torcidas (Apêndice V, tabela 4).

A produção de cerâmica “pedrada” detém de igual modo paralelos na região de Lisboa, em contextos arqueológicos datados entre o século XVI e o século XVII. A sua decoração é composta incisões, elementos plásticos e por quartzos, estes últimos determinantes para a sua identificação devido à sua particularidade estilística.

A faiança portuguesa encontrou paralelos em Lisboa, nomeadamente em contextos conventuais e profanos, entre 1520 a 1570. Aqui, a ausência de elementos estilísticos decorativos facilitou o apuramento da cronologia indicada.

As produções de majólica italiana obtiveram um número significativo de paralelos provenientes de diversos contextos arqueológicos de Lisboa onde se estabeleceu uma cronologia do século XVI, sobretudo no caso das peças de Montelupo e Ligúria.

A produção de Sevilha surgiu em vários contextos continentais e insulares portugueses, detendo uma grande abrangência territorial. A maioria dos paralelos foram datados do século XVI, com o destaque para o *prato* de decoração linear azul no bordo e as *taças* carenadas.

Os fragmentos de porcelana chinesa obtiveram paralelos em Leiria em contexto conventual, mas igualmente em coleções de museus portugueses e estrangeiros. Duas das peças do contexto dispõem de marca de oleiro, ou frase de época, que determinou a sua datação, nomeadamente dentro dos reinados da dinastia Ming: do imperador Zhengde (1506-1521) e Jiajing (1522-1566). Os restantes não apresentaram marca de produção. Porém, devido às suas particularidades estilísticas pertenceriam, tal como as anteriores mencionadas, ao século XVI (Apêndice V, tabela 5).

Os artefactos de vidro obtiveram paralelos em Coimbra, tendo semelhanças com outros achados vítreos do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha e de contextos arqueológicos de Lisboa. Estas peças foram datadas do século XVI, no entanto a *garrafa* (PF00/12/08) obteve um paralelo que abrange já o século XVII.

Relativamente à funcionalidade detetam-se nove grupos funcionais (Apêndice 5, gráfico 6), assumindo a maior percentagem a categoria de outros materiais de quotidiano com 52,7%, grupo heterogéneo composto pelas formas de *alcatruz*, *mealheiro*, *copo de medida* e *alguidar*. Desse modo, mais de metade da cultura material pertence a este grupo funcional resultante da anterior função do poço T1 como fornecedor de água, nomeadamente com os 539 NMI (50%) de *alcatruz*.

A segunda funcionalidade que atinge maior representatividade é o serviço de mesa, com 24,2%, sendo uma categoria que existe praticamente em todos os grupos cerâmicos, destacando-se as formas de *pratos* e *tigelas*.

De seguida existe o conjunto de loiça de cozinha, contabilizando 12,8%, em que a *panela* é a forma maioritária com 72 NMI. O grupo de armazenamento e transporte obtém 5,4%, com o destaque da forma de *pote*.

Os restantes grupos têm percentagens bastante baixas, onde os materiais de construção obtêm 3,1%, seguidos das peças das peças destinadas à combustão, que

totalizam 0,8%, e os restos industriais da cerâmica comum vidrada que contabilizam 0,7%. A estatuária de terracota de tema religioso tem 2 indivíduos, correspondendo a 0,2%.

Por último foi reconhecida uma única *peça de jogo* (0,1%), agrupada na funcionalidade de atividades lúdicas.

O grupo da cerâmica comum revela uma significativa percentagem de cerâmicas de cozinha, como a *panela* e o *tacho*. Estes apresentam marcas de fogo na superfície externa, confirmando a sua utilização na confeção de alimentos a lume, embora algumas peças do serviço de mesa também ostentem estas marcas, como alguns casos de *tigela* e *jarro*.

Uma parte da cultura cerâmica do contexto equivaleu a usos de armazenamento, elemento que tem de ser colocado em relação com os conteúdos respetivos: no caso da cerâmica comum vidrada, o revestimento interior a vidro dos potes implica matérias alimentares aderentes, provavelmente mel, melaço, doces, compotas e marmeladas, sendo de notar que a morfologia do colo e a sua modelação em ressaltos discretos visava com otimizar o sistema de selagem dos recipientes, feito muito provavelmente com tecido depois estrangido por corda/cordel.

Reconhece-se um grupo consistente de fragmentos de cerâmica comum bastante rolada, nalguns casos dificultando o apuramento da sua morfologia e tipologia, acabando por ser classificada como indeterminada. No total do contexto do poço T1 identificam-se 106 fragmentos que apresentam este tipo de erosão da superfície, do quais 71 são bojos indeterminados. Este fenómeno pode dever-se ao facto que a superfície exterior destes fragmentos de cerâmica se alterou no processo de formação da única camada no interior da estrutura hidráulica.

A presença das produções forâneas mostra o resultado das interligações comerciais estabelecidas na época da Expansão Portuguesa, nomeadamente os contactos entre a cidade de Lisboa e outras geografias. É de interesse salientar que, mesmo com o reconhecimento de diversas produções importadas do exterior, se deteta a ausência de cerâmicas alemãs, como as típicas garrafas de grés, datadas do século XV/XVI, como de outros tipos cerâmicos orientais.

É sensível a existência de uma percentagem mínima de azulejos, tendo apenas sido identificados dois indivíduos, um com vidrado a verde escuro e o segundo esmaltado a branco. A maioria dos contextos modernos da cidade de Lisboa tem uma



percentagem média ou alta de azulejos, dado que ali estes estão associados a despejos ou destruição de zonas conventuais e habitacionais. Verifica-se um desses exemplos no próprio hospital, no contexto do poço SE do claustro NE (BARGÃO, 2015) que apresenta um número baixo, mas significativamente maior número de fragmentos de azulejo.

Outro fator relevante é o destaque de alguns elementos significantes para a leitura funcional dos processos de formação da UE: por um lado, a importância do contingente de fragmentos de *alcruz*, relacionável com o funcionamento do propriamente dito; em sentido vincadamente oposto, a presença de elementos de estatuária religiosa descartada, certamente relacionável com espaços especialmente simbólicos, então desativados. Neste último sentido, aliás, não deixa de ser sugestiva a circunstância de a iconografia se reportar a frades lóios, ordem que abandona a administração do Hospital Real de Todos-Os-Santos em 1563.

O poço T1 apresenta grande variedade de artefactos de ambiente quotidiano existindo as formas de confeção de alimentos, como o exemplo da *panela*, *tacho*, *fogareiro*. Inclui a presença de peças de serviço de mesa que abrange a maioria dos grupos cerâmicos, dentro dos quais produções de requinte como a porcelana chinesa. Esta era considerada um objeto de prestígio, visto que revelou uma maior longevidade resultante do cuidado no seu manuseamento.

A localização do poço pode ter contribuído para a acumulação de materiais domésticos ou de locais de produção de cerâmica, estes últimos ilustrados pelo aparecimento de restos de produção de cerâmica comum vidrada, pelas *trempe*s e os “blocos” de pasta vidrada. Ainda a respeito de vestígios industriais, também se constata a presença de um bordo de *tigela* de faiança deformado (PF00/1578-373), descartado na sequência de um erro ocorrido na sua cozedura. No seu conjunto, estes elementos comprovam a possibilidade de alguma olaria se ter servido da ocasião de desativação do poço T1 para o utilizar como local de despejo, sendo impossível, a partir dos dados disponíveis, descortinar a localização da unidade de produção cerâmica. No entanto sublinhe-se que nas imediações do hospital demonstrou-se de forma mais expressiva a actividade oleira, nomeadamente no bairro da Mouraria, com actividade desde a baixa Idade média e ao longo da Idade moderna (MARQUES, *et al*, 2012: 123-134).

A posição do poço T1, perto da estrutura hospitalar, aumentou a probabilidade do surgimento de artefactos relacionados com as práticas médico-assistenciais que tiveram lugar no edifício, tais como, os fragmentos de vidro que serviriam para armazenar elementos terapêuticos e/ou auxiliar ao serviço médico, podendo alguns deles, inclusive, terem pertencido à coleção da botica. O *copo de medida* em cerâmica comum estaria associado às cantinas, uma vez que era um utensílio de medição de líquidos ou certos alimentos. Por hipótese talvez se possa considerar no mesmo âmbito um *tacho* com cal no seu interior (PF00/1589-2), particularidade que se pode ligar com a antiga prática de usar esta substância como produto de desinfecção em ambiente hospitalar.

A presença da estatuária de terracota, como se referiu anteriormente, está interligada à história do hospital, sendo possível pertencer ao período em que a administração hospitalar estava nas mãos da congregação de S. João Evangelista.

Como se referiu anteriormente demarcou-se uma significativa presença de materiais interligados à estrutura hidráulica, nomeadamente a alta percentagem de *alcatruzes* que estavam associados à antiga função do poço como fonte de água, possivelmente seria constituído por uma nora de uso de corda. Este fator pode ter contribuído para a queda destes utensílios durante o recolhimento de água. No entanto não se pode desconsiderar a segunda fase funcional do poço, sendo um contexto de lixeira que acumulou materiais domésticos de diversas funcionalidades e fabricos.

A cerâmica comum de cozinha podia também estar associada às cantinas, inclusive aos espaços de armazenamento do hospital, em virtude da existência de uma percentagem de formas como o *pote*, *garrafas* e *bilhas*. Eventualmente proveniente dessa zona do edifício também salienta-se a identificação de peças de uso individual, associadas ao serviço de mesa, que obtiveram uma significativa percentagem numérica.

A respeito da estratigrafia do poço T1, esta era constituída por uma única UE identificada como [1523], onde se obteve o grande número de material arqueológico. O ritmo da recolha das amostras pode, de alguma maneira, ajudar a esclarecer os processos de formação.

A primeira recolha, [1523]-8/06, apresentou grande representatividade de cerâmica comum, com cerca de 50 NMI, compostos por formas de cozinha, mesa e de

armazenamento, tendo poucas percentagens de faiança, majólicas, porcelana chinesa e vidro.

[1523]-1572, por seu turno, revelou uma maior quantidade de cerâmica comum. Todavia demarcou-se da anterior graças à existência do *copo de medida*. Esta peça foi acompanhada pelas outras formas de funcionalidade de cozinha e mesa. Na cerâmica fina constatou-se a presença da *taça de “cesto”* e da *jarrinha* de perfil completo. Verificaram-se poucos fragmentos de porcelana chinesa e cerâmica de Sevilha, datadas do século XVI.

A [1523]-1578 foi a amostra com maior percentagem de fragmentos cerâmicos, por comparação com as restantes. Destacou-se nesta a cerâmica comum com as formas de funcionalidade de cozinha, nomeadamente um elevado número de *panelas*. A cerâmica fina e modelada atingiu o seu número máximo nesta recolha, sendo o *púcaro* a forma mais representativa. Também apresentou uma maior quantidade de fragmentos de faiança e de porcelana chinesa. Foram reconhecidos quatro indivíduos de produções de Sevilha e dois de cerâmica “pedrada”. Constatou-se que esta amostra teve uma maior variedade e quantidade de grupos cerâmicos.

As recolhas [1523]-1589/1611 apresentaram menos quantidade de materiais, quase exclusivamente cerâmica comum de armazenamento e transporte, com a exceção de um *cálice* de vidro na [1523]-1611.

De seguida, [1523]-1608, apresentou um conjunto de fragmentos de cerâmica comum, vidrada e fina, sendo a maioria de cozinha e de serviço de mesa, seguida da [1523]-1614 que revelou poucos fragmentos de faiança, majólica e de Sevilha.

As [1523]-2531/2537/2541/2640/2642 eram compostas com uma grande percentagem de uma forma específica de cerâmica comum, os *alcatruzes*, tendo ausência total de cerâmica comum vidrada e fina. Todavia na [1523]-2642 começaram a surgir pequenos fragmentos cerâmicos de cerâmica modelada, comum vidrada, faiança e cerâmica de Sevilha.

Na [1523]-2684 continuou a proporcionar o reconhecimento da cerâmica comum, fina e comum vidrada, destacando-se a presença de fragmentos de produções forâneas, como de Sevilha e da China.

Seguidamente, as recolhas [1523]-2689/2727/2728/2729 eram compostas por uma grande percentagem de *alcatruzes*, tendo ausência total de cerâmica fina e comum vidrada, fator semelhante às camadas [1523]-2531 a 2642.

A [1523]-2726 era constituída por cerâmica comum, cerâmica fina e vidrada. Denotou-se pela pequena quantidade de cerâmica “pedrada” e fragmentos de vidro.

A recolha [1523]-2734 tinha uma grande quantidade de cerâmica comum, principalmente os *alcatruzes*, no entanto também havia a presença de cerâmica fina e comum vidrada. A respeito de produções forâneas foram reconhecidas majólicas, sendo esta a camada com a maior quantidade de fragmentos desta produção. Igualmente foram identificados fragmentos de porcelana chinesa e a presença de peças de vidro, nomeadamente um fragmento de *garrafa*.

Por último, as [1523]-2735/2735/2737/2742/2743 apresentaram um elevado número de cerâmica comum, seguida pela cerâmica fina, vidrada, faiança, porcelana chinesa, Sevilha e vidro, sendo a ausência de *alcatruzes* total.

Em suma, verificou-se que a UE [1523] incluía cerâmica comum em todas as recolhas. Contudo, a forma *alcatruz* depositou-se sobretudo a meio e na base do poço, confirmando a interligação desta forma à estrutura hidráulica nos momentos a uso.

Contrariamente, a parte superior da unidade revelou materiais de funcionalidade doméstica, resultantes do acumulação de material descartado. Em menor quantidade destacaram-se a cerâmica comum vidrada e a cerâmica fina e modelada, que evidenciaram sempre uma alternância ao longo da potência da deposição.

Após o apuramento das diversas formas dos grupos cerâmicos do poço T1 deparamo-nos com a ausência aparente de certas peças cerâmicas. No grupo da cerâmica comum, constatou-se ausência da forma do *copo*, frequente no serviço de mesa de uso individual, como do *jarro* de boca trilobada de uma asa, também denominada *almotolia*, que não estava incluído no contexto deste poço apesar de ser uma forma bastante comum em outros contextos arqueológicos datados dos séculos XVI-XVII. Como se notou uma ausência significativa no grupo de peças de armazenamento ou de transporte, correspondendo ao *pote* que teria uma asa vertical que iniciava no bordo e terminava no colo da peça, como da *anforeta*. Também peças destinadas à higiene, nomeadamente o *bispote* ou *vaso de noite*, estão ausentes em T1.

No grupo da cerâmica fina e modelada reconheceu-se a ausência das típicas *tampas* ou *testos* de decoração em caneluras, e no caso das cerâmicas “pedradas” também apresentavam testos decorados com quartzos de cor branca de várias dimensões e padrões decorativos.

A respeito das faianças, destacou-se a aparente ausência de peças com referências alfabéticas decorativas das zonas do hospital, todavia este fator não inclui os outros poços e zonas do edifício. Durante as intervenções arqueológicas a essas zonas deparou-se com este tipo de artefactos, sendo datados do século XVII. Estas faianças estavam diretamente ligadas ao funcionamento do hospital (MOITA, 1992: 88).

Alguns dos fragmentos de vidro do poço T1 foram associados ao hospital, no entanto verificou-se uma ausência de outras peças relacionadas com o tratamento medicinal, como o exemplar de uma *ventosa* proveniente do poço SE do claustro do edifício hospitalar (BARGÃO, 2015: 224).

Perante as ausências referidas podem-se retirar diversas ilações sobre a dinâmica do poço T1, que contribuem para a sua compreensão, tais como a ausência dos vasos de noite ou *bispotes* que estariam interligados ao hospital no âmbito da higiene dos pacientes, mas de que se não constata a presença nesta estrutura hidráulica. Este facto mostrou que este tipo de peças teriam sido despejados noutros locais, exteriores ao hospital.

Como foi referido anteriormente, ao contrário dos restantes poços, o T1 não mostrou o tipo de faiança com decorações estilísticas associadas às cantinas ou a outras zonas do edifício hospitalar, revelando que havia uma maior tendência utilização dos poços dos claustros, principalmente aqueles que estavam mais perto das enfermarias, cantina e outros espaços hospitalares.

## 8. Considerações finais

O Hospital Real de Todos-os-Santos partiu de uma reforma de unificação do sistema hospitalar de influencia renascentista que evidenciou resultados positivos na sociedade portuguesa quinhentista. Por conseguinte originou, pela primeira vez em Portugal, um sistema organizado e eficaz. Esta mudança surgiu pela motivação do Rei D. João II, e que foi continuada e concluída pelo seu sucessor D. Manuel I, este conhecido também pelas suas reformas urbanísticas que caracterizaram Lisboa na época moderna.

Com o passar dos séculos, o hospital conseguiu dar resposta às suas alterações administrativas e arquitetónicas. No entanto, em meados do século XVIII o edifício acabou por encerrar, sendo mais tarde demolido e desmantelado em 1770-1773.

Com a supervisão dos trabalhos de construção do metro na zona do Rossio, no ano de 1960, descobriu-se uma das primeiras evidências da arquitetura do Hospital Real e edifícios anexos a este. Em resultado deste conhecimento, criou-se um impulso a futuros estudos e intervenções arqueológicas naquela área.

Seguidamente, nos trabalhos arqueológicos de 1999-2001 foram assinaladas na zona do hospital evidências de profundas reformas do claustro NE, coincidentes com a definição do horizonte cronológico em T1. Os dados assumiram-se, portanto, da maior importância para o conhecimento da dinâmica do edifício, pois determinaram o provável âmbito temporal da profunda reforma sofrida no tardoz do complexo.

A respeito do poço T1, de construção medieval de forma oval, pertenceria à zona das hortas do Convento de S. Domingos, tendo sido adaptado ao tardoz do hospital. Esta estrutura hidráulica proporcionou evidências datáveis maioritariamente do século XVI, e de uma etapa ainda muito inicial do século XVII, pelo mais. A este âmbito pertence a UE [1523], um contexto fechado equivalente a uma lixeira que se acumulou num espaço curto.

A datação de finais do século XVI-inícios do século XVII foi estabelecida através da diversa cultura material resultante da acumulação efetuada no decorrer de campanha de obras que transformaram os claustros NE e SE do hospital, ainda insuficientemente situáveis no tempo com precisão maior do que a indicada.

Em virtude dos factos mencionados, confirmou-se um elevado número de cerâmica comum de diversidade tipológica, funcionalidade e fabrico.

A maior percentagem desta produção cerâmica equivaleu a um conjunto de materiais associados ao quotidiano, em que surgiu um número elevado de *alcatruzes* que foram relevantes para este contexto devido à sua funcionalidade de recolha de água, especificamente a sua interligação com a nora do poço. As suas formas também mostraram bastante variedade, dando algum contributo ao estudo deste tipo cerâmico que nem sempre mereceu a devida atenção. Além disso, estas peças estavam incluídas no quotidiano citadino lisboeta, assim sendo não se podia ignorar a sua importância do contributo no estudo das sociedades quinhentistas.

O conjunto de cozinha e contentores de fogo indicou uma percentagem relevante, mostrando que houve um despejo de formas de confeção de alimentos marcadas por vestígio de fogo nas suas superfícies.

De seguida destacou-se a escassa de produção de cerâmica comum vidrada, nomeadamente formas de armazenamento que estavam associadas ao aprovisionamento de compotas, mel e outros alimentos particulares do quotidiano de época moderna. Igualmente não se podia ignorar a proeminência de peças finas e modeladas, que eram bastante comuns no serviço de mesa e de uso individual, especificamente com as formas de *púcaro* e *taça*. Estas também contribuíram para o aumentar da baliza cronológica do contexto T1, em virtude das suas particularidades decorativas datadas do século XVII.

Continuando no serviço de mesa constatou-se um vasto conjunto de fragmentos de cerâmica forânea de diversas origens e fabricos, nomeadamente a porcelana chinesa, majólica italiana e produções de Sevilha, evocativas da escala-mundo quinhentista. Da mesma forma figuram a existência do gosto por peças de requinte e de prestígio.

Esta dinâmica cultural provém da expansão portuguesa de uma vasta rede comercial mundial, obtendo contratos comerciais favoráveis a Portugal. Os contextos arqueológicos confirmaram estas trocas comerciais com o surgimento de vestígios em ambiente doméstico, mesmo de menor recursos.

O universo cerâmico do poço T1, com exceção dos *alcatruzes*, encontrou paralelos muito próximos no conjunto cerâmico quinhentista do poço SE do claustro NE do Hospital Real de Todos-Os-Santos (BARGÃO, 2015). O resto dos paralelos corresponderam a outros contextos arqueológicos da capital, igualmente a nível nacional com vestígios na região sul e do norte do país. Da mesma forma surgiram

arqueossítios com artefactos semelhantes nos arquipélagos da Madeira e Açores, evidenciando a existência de uma rede comercial entre continente e ilhas.

Este estudo contribuiu para expandir o conhecimento sobre a sociedade da época moderna, refletindo sobre os componentes materiais do quotidiano. Estes vestígios mostraram hábitos e costumes domésticos relevantes, tal como a cerâmica de cozinha, combustão e de serviço de mesa.

O poço T1 também se distinguiu pela presença de elementos ausentes nos outros contextos do hospital, sendo os vestígios de produção oleira de cerâmica comum vidrada constituída pelas *trempes*, blocos de pasta vidradas e o fragmento de faiança portuguesa deformada, um indicador seguro de produção, provavelmente rejeitados de fabrico. Outro contributo inovador para o presente estudo foi o destacar de um fragmento de *alguidar* em pastas locais que reproduz protótipos sevilhanos.

Estes dados compaginados associaram, pela primeira vez, o espaço hospitalar ao fabrico de cerâmica, muito embora de forma indireta, razão pela qual os dados devem ser lidos com as maiores cautelas.

Relativamente a artefactos interligados com o hospital verificou-se a existência fragmentos de *garrafa* de vidro que poderiam ter sido utilizada no armazenamento de produtos na boticária do hospital.

Do mesmo modo reconheceram-se três fragmentos de estatuária religiosa de terracota que evidenciaram a importância da ordem religiosa de S. João Evangelista, que teve um papel importante na administração do Hospital Real de Todos-Os-Santos.

Esta composição escultórica teria um lugar específico no hospital, no entanto com o abandono da ordem da administração hospitalar, a estatuária foi retirada e alguns fragmentos descartados no poço T1.

O hospital teve outra estrutura decorativa típica do século XVI, a celebre porta de entrada de estilo manuelino que estava associada ao tema da expansão marítima portuguesa. Ao analisar a edificação hospitalar também se salientava a influencia renascentista italiana, nomeadamente com a planta quadrangular com respetivos claustros e igreja.

Em suma deparou-se com uma diversidade material que proporcionou fatores importantes sobre a sociedade quinhentista e essa dinâmica também mostrou uma dupla



funcionalidade do poço T1, ao passar de fonte de água a contexto de lixeira doméstica e industrial.

Conferiu-se uma diversidade de fauna que era composta por um conjunto de espécies associadas ao transporte e à alimentação recorrente dos séculos XVI-XVII.

Em virtude de todos os fatores indicados, não se deixa de evidenciar que no início desta dissertação se estabeleceram objetivos para o estudo. No final, os resultados foram positivos ao se conseguir responder às metas definidas, em que se apurou concretamente a datação do poço T1 e o seu respetivo conjunto de material cerâmico como também, e nomeadamente, as suas características tipológicas, morfológicas e de fabrico. Igualmente, realizou-se com sucesso a comparação com outros contextos de poço e arqueossítios próximos de época moderna.

Pela observação e análise dos dados mencionados ao longo deste estudo confirmou-se o contributo dado à investigação das vivências, espaços e quotidianos hospitalares. Neste sentido, em função dos dados disponíveis, deverá destacar-se como resultado mais relevante a ampliação do panorama de reforma ocorrida no edifício original do Hospital Real de Todos-os-Santos num período situável entre os meados do século XVI e os primeiros anos do século XVII, já antes havia sido assinalada a propósito do poço SE e do próprio claustro NE onde se localiza, mas que parece agora ter abrangido todo um extenso quadrante do edifício.

## 9. Fontes e bibliografia

### 9.1 Bibliografia

ALMEIDA, S; SILVA, R; DIAS, V; PERPÉTUO, J. (2012) – O lugar da Torre dos Sinos (Convento Velho de S. Domingos) Coimbra. Notas para o estudo da formação dos terrenos de aluvião, em época moderna. In *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Coord. TEIXEIRA, A; BETTENCOURT, J. A. Volume I. Lisboa: Centro de História de Além-Mar e Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa. pp. 483-488.

ALMEIDA, M. B. (2013) – As cerâmicas de importação do convento de Jesus de Setúbal: majólicas italianas e porcelanas chinesas. In *Arqueologia em Portugal 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. pp 1155-1162.

AMARO, C; FILIPE, V; HENRIQUES, J. P; MANSO, C. R. (2013) – Prisão do Aljude no séc XVI – vidros, majólica italiana e cerâmica esmaltada espanhola. In *Arqueologia em Portugal 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos portugueses. pp 1019-1024.

ARCELIN, P; TUFFREAU-LIBRE, M. (1998) – La quantification des céramiques: conditions et protocole. In *Actes de la table ronde du Centre archéologique européen du Mont-Beuvray, Glux-en-Glenne, 7-9 avril, 1998*. Glux-en-Glenne: Centre archéologique européen du Mont-Beuvray, Glux-en-Glenne, Collection Bibracte, 2.

BARGÃO, A. (2015) – *Evidências do Quotidiano no Hospital Real de Todos-os-Santos, Lisboa: os contextos do poço SE do Claustro NE*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada na Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

BARGÃO, A. (2016) – Problemáticas terminológicas uma breve reflexão e fundamentação em torno da cerâmica de Época moderna. In *Almadan Online II série*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. pp 96-97.

BARGÃO, A; FERREIRA, S. (2013) – Pátio Linheiro, Largo dos Trigueiros: um exemplo da Lisboa Seiscentista. In *Arqueologia em Portugal 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.

BLAKE, H. (1981) – Pottery exported from Northwest Italy between 1450 and 1830: Savona, Albisola, Genoa, Pisa, and Montelupo. In *Archaeology and Italian Society Pre Historic, Roman and Medieval Studies*. Edit. BARKER, Graemer; HODGES, Richard. England: B.A.R.

BOAVIDA, C. (2012a) – Espólio Vítreo de um poço do Hospital Real de Todos-os-Santos (Lisboa, Portugal). In *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Coord. TEIXEIRA, A; BETTENCOURT, J. A. Volume I. Lisboa: Centro de História de Além-Mar e Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa. pp.135-139.

BOAVIDA, C. (2012b) – Evidências de época moderna no castelo de Castelo Branco (Portugal). In *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Coord. TEIXEIRA, A; BETTENCOURT, J. A. Volume I. Lisboa: Centro de História de Além-Mar e Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa. pp. 209-218.

BUGALHÃO, J. (2015) – *Uma casa pré-pombalina na baixa lisboeta: Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros*. Lisboa: CHAM – Centro de História de Além-Mar.

BURTON, W; HOBSON, R. L. (1909) – *Marks on Pottery & Porcelain*. London: St. Martins Street.

CABRAL, J. P; CARDOSO, G; ENCARNÇÃO, J. (2009) – Sondagem arqueológica no Palácio dos Condes da Guarda. In *Testemunhos do Subsolo no final do século XX*. pp. 202-241.

CARDOSO, G; RODRIGUES, S. (1999) – Tipologia e cronologia de cerâmicas dos séculos XVI, XVII e XIX encontradas em Cascais. In *Arqueologia Medieval*. Porto: Afrontamento. Vol. 6. pp 193-211.

CARDOSO, G. (1983) – Trabalhos de Campo: Distrito de Lisboa: Cascais: Casal do Geraldo (1983). In *Informação Arqueológica*. Nº5. Lisboa: Ministério da Cultura. Instituto Português do Património Cultural. Departamento de Arqueologia. pp 80-81.

CARITA, H. (2015) – Lisboa: Da cidade Medieval à Cidade Manuelina. In *Lisboa 1415 Ceuta – História de duas cidades*. Coord. TEIXEIRA, A; PAREDES, F; SILVA, R. B. da S. Ceuta, Lisboa: Ciudad Autonoma de Ceuta/ Câmara Municipal de Lisboa. pp.31-35.

CARMONA, M. (1954) – *O Hospital Real de Todos os Santos da Cidade de Lisboa*. Lisboa.

CARREIRA, C. (2005) – *Cerâmicas Modernas do Palácio de Mogo de Melo de Torres Novas*. Torres Novas: Coleção Estudos e Documentos.

CASEMIRO, T. (2011) – Estudo do espólio de habitação setecentista em Lisboa. In *O Arqueólogo Português*, Série V. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. pp 689-726.

CASEMIRO, T. (2013) – Faiança Portuguesa: datação e evolução crono-estilística. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direcção Geral do Património Cultural. Vol 16. pp 351-367.

COVANEIRO, J; CAVACO, S. (2009) – Gostos e Sabores. O caso do Convento das Bernardas (Tavira). In *XELB – Atas do 7º Encontro de Arqueologia do Algarve*. Nº10. Silves: Câmara Municipal de Silves. pp 635-654.

CORREIA, M. (2014) – Testemunhos dos inícios da Idade Moderna na vila de Alcochete. In *Setúbal Arqueológica*, Vol 15. Setúbal: MAEDS/ADS – Museu de Arqueologia e Etnografia do distrito de Setúbal/ Assembleia distrital de Setúbal. pp 373-382.

CÔRTE-REAL, A; LEAL, C; MUNHÓS, M; MACEDO, F; BERNARDO, L; FERREIRA, M; SANTOS, P. (2004) – O Mosteiro de Santa Clara-A-Velha em Coimbra: investigação, musealização e síntese de aspetos orientalizantes no espólio. In *As idades medieval e moderna na Península Ibérica, Atas do IV Congresso de arqueologia peninsular*. Faro: Universidade do Algarve. pp 113-128.

CRUZ, M. D; CORREIA, V. H. (2007) – *Cerâmica Utilitária*. Arqueologia. Lisboa: Cromotipo.

DIOGO, D; TRINDADE, L. (2000) – Intervenção arqueológica na Rua de São Nicolau, nº 107/111 (Lisboa). In *ARQVEOLOGIA e História*. Lisboa: Associação dos arqueólogos portugueses. Vol 52. pp 231-247.

DIOGO, D; TRINDADE, L. (2000) – Cerâmicas de Barro Vermelho encontrados em entulhos do terramoto de 1531, na intervenção arqueológica da Rua dos Correeiros, Lisboa. In *Revista portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direcção Geral do Património Cultural. VOL 3, Nº2. pp 201-235.

DUARTE, S; SILVA, C. T. (2014) – Faianças Portuguesas em contexto de Lixeira da Setúbal Moderna. In *Musa*. Setúbal: Forum intermuseus do distrito de Setúbal. pp 215-228.

FERNANDES, I. (2012) – O último Convento da Ordem de Santiago em Palmela. Dados arqueológicos da intervenção no Pátio fronteiro à Igreja. In *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Coord. TEIXEIRA, A; BETTENCOURT, J. A. Volume I. Lisboa: Centro de História de Além-Mar e Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa. pp.505-516.

FERNANDES, I. M. (2012) – A loiça preta em Portugal: Estudo histórico, modos de fazer e de usar. Tese de Doutoramento em História especialidade de Idade Contemporânea apresentada à Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais.

FERREIRA, M. A. (1997) – O barroco na cerâmica doméstica portuguesa. In *Atas da 1ª jornadas de Cerâmica Medieval e Pós Medieval*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela. pp 151-161.

GOMES, M. V; GOMES, R. V. (1996) – Cerâmicas vidradas e esmaltadas, dos séculos XIV a XVI, do poço-cisterna de Silves. In *Xelb*. Silves: Museu Municipal de Arqueologia Câmara Municipal de Silves. Nº3. pp 143-205.

GOMES, P. D. (1996) – O livro de cozinha da Infanta D. Maria. In *Estudos arqueológicos, históricos e etnológicos*. Coord. MILHAZES, M. C; FERNANDES, I. M. Barcelos: Câmara Municipal de Barcelos, Museu de Olaria. pp 90-104.

GONZALEZ, C. (2012) – Majólicas italianas do Terreiro do trigo (Lisboa). In *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Coord. TEIXEIRA, A; BETTENCOURT, J. A. Volume II. Lisboa: Centro de História de Além-Mar e Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa.

GRAÇA, L. M. (2005) – Porcelana da China um episódio do encontro da Europa com o Oriente. In *O Chá da China – Uma Coleção particular*. Lisboa: Centro Científico e Cultural de Macau.

LEITE, A. C; PEREIRA, P. (1993) – *Hospital Real de Todos-os-Santos: séculos XV a XVIII*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

LEITE, A. C. (2013) – Irisalva Moita, e a Arqueologia em Lisboa. In *Rossio, estudos de Lisboa*. N.º1. Lisboa: Gabinete de Estudos Olissiponeses. pp.24-31.

LEITE, A. C. (2010) – Hospital Real de Todos-os-Santos, uma obra moderna. In *Omnis Sanctorum – histórias da história do Hospital Real de todos os Santos e seus sucessores*. Lisboa: by the book. pp 19-27.

MANGUCCI, A. C. (1996) – Olarias de louça e azulejo da freguesia de Santos-o-Velho dos meados do século XVI aos meados do século XVIII. In *Al-madan* Nº5. Almada: centro de arqueologia de Almada. pp 155-161.

MARQUES, A; LEITÃO, E; BOTELHO, P. (2012) – Rua do Benfornoso 168/186 (Lisboa – Mouraria/Intendente). Entre Nova e Velha cidade, aspetos da sua evolução urbanística. In *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Coord. TEIXEIRA, A; BETTENCOURT, J. A. Volume I. Lisboa: Centro de História de Além-Mar e Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa. pp 123-134.

MATOS, M. A. P. (2003) – *Porcelana Chinesa na Colecção Calouste Gulbenkian*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

MECO, J. (2003) – Os Azulejos do Forno de Santo António da Charneca. In *Atas da 3ª jornadas de Cerâmica Medieval e Pós Medieval*. pp 305-308.

MEDICI, T. (2011) – O espólio vítreo do núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros, Lisboa. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Volume 14. Lisboa: Direção Geral do Património Cultural.

MENDES, H; PIMENTA, J. ( 2008) – *Contexto Quinhentista das escavações do Museu do Neo Realismo*. Vila Franca de Xira: Museu Municipal de Vila Franca de Xira, Coleção de Arqueologia.

MOITA, I. (1992) – *V Centenário do Hospital Real de Todos-os-Santos*. Lisboa: Correios de Portugal.

MOITA, I. (1993) – As escavações de 1960 que puseram a descoberto parte das ruínas do Hospital Real de Todos-Os-Santos. In *Catálogo Hospital Real de Todos-Os-Santos 500 anos*. Coord. PEREIRA, Paulo. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. pp 20-23.

MOITA, I. (1994) – Lisboa no século XVI – a cidade e o ambiente. In *O livro de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte. pp 139-166.

NUNES, T; FILIPE, I. (2012) – Quarteirão dos Lagares. Contributo para a história económica da Mouraria. In *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Coord. TEIXEIRA, A; BETTENCOURT, J. A. Volume I. Lisboa: Centro de História de

Além-Mar e Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa.  
pp 141-150.

OLIVEIRA, F. A. S. (2012) – *Espólio de Idade Moderna, proveniente do Beco das Barreiras, Alfama, Lisboa*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa.

OSÓRIO, M; SILVA, A. (1995) – Cerâmicas vidradas da época moderna no Porto. In *Atas das 2º jornadas de cerâmicas medievais*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela. pp. 283-314.

PIMENTA, J. (2005) - *As ânforas romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa)*. Instituto Português de Arqueologia, Trabalhos de Arqueologia, 41. Lisboa.

PLEGUEZUELO, A; LAFUENTE, M. (1995) – Cerâmicas de Andalucía Occidental (1200-1600). In *Spanish medieval ceramics in Spain and the British Isles*. Oxford: Tempus Reparatum, pp 217-244.

RAMALHO, M. M. B. M; FOLGADO, D. (1997) – Cerâmica modelada ou o requinte à mesa do Convento de S. Francisco de Lisboa. In *3º Encontro de Arqueologia urbana. Atas 20 a 23 de fevereiro de 1997*. Almada: Câmara Municipal de Almada, Departamento de Ação Sociocultural, Divisão de Museus. Col. Monografias – Arqueologia. pp. 247-268.

RAMOS, L. A. O. (1993) – Do Hospital Real de Todos os Santos à História Hospitalar portuguesa. In *Revista da Faculdade de Letras*. Porto: Universidade do Porto. pp. 333-350.

SABROSA, A. (1995) – As Faianças da Casa côrte-Real, Largo do Corpo Santo, Lisboa. In *Atas das 2º jornadas de Cerâmica Medieval e Pós Medieval*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela. pp 109-142.

SABROSA, A. (1994) – Cerâmicas quinhentistas do Palácio Pragana. In *Al-madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. Nº3. pp 155-168.



SALGADO, A. M. (2015) – *O Hospital de Todos-os-santos, Assistência à pobreza em Portugal no século XVI para o Brasil, Índia e Japão*. Lisboa: By the book.

SANTOS, P. A. (2008) – Cerâmicas de cronologia moderna do edifício do Aljube em Lisboa. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Volume 11. Nº2. Lisboa: Direção Geral do Património Cultural. pp 325-345.

SANTOS, M. J. (2007) – Largo de Jesus: contributo para a história incógnita de Lisboa antiga. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 10, Nº 1. Lisboa: Direção Geral do Património Cultural. pp 381-399.

SARDINHA, O. (2012) – Considerações acerca da Cerâmica pedrada e respetivo comércio. In *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Coord. TEIXEIRA, A; BETTENCOURT, J. A. Volume I. Lisboa: Centro de História de Além-Mar e Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa. pp.789-796.

SARDINHA, O. (1990-1992) – Olarias pedradas portuguesas: contribuição para o seu estudo. Os objetivos procedentes do convento de Santa Ana e do Hospital Real de Todos-os-santos. In *O arqueólogo Português*, série IV. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. pp 487-512.

SEBASTIAN, L. (2010) – *A produção oleira de faiança em Portugal (séculos XVI-XVIII)*. Dissertação de Doutoramento em História especialidade em Arqueologia apresentada na Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

SEBASTIAN, L. (2012) – Faiança portuguesa – Centros produtores, matérias, técnicas de fabrico e critérios de distinção. In *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Coord. TEIXEIRA, A; BETTENCOURT, J. A. Volume II. Lisboa: Centro de História de Além-Mar e Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa. pp.937-951.

SILVA, C. T; SOARES, J; DUARTE, S. (2004) – Preexistência de Setúbal intervenção arqueológica na Rua António Maria Eusébio, 85 – 87. In *Musa Museus, arqueologia e outros patrimónios*. Vol 1. Setúbal: Forum intermuseus do distrito de Setúbal. pp 137-152.

SILVA, R. (2012) – Primeira abordagem a um depósito moderno no antigo paço episcopal de Coimbra (Museu Nacional de Machado de Castro). A cerâmica desde meados do século XV à consolidação da renascença. In *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Coord. TEIXEIRA, A; BETTENCOURT, J. A. Volume II. Lisboa: Centro de História de Além-Mar e Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa. pp 887-890.

SILVA, R. B; RODRIGUES, A. F. (2015) – Cerâmicas finas barrocas de um contexto de finais do séc. XVII – inícios do Séc. XVIII de um poço do Hospital Real de Todos-os-Santos (Lisboa). In *Estudos e Relatórios de arqueologia Tagana*, 1, Lisboa.

SILVA, R. B; MIRANDA, P; VIEIRA, V. N; VICENTE, A. M; LOPES, G; NOZES, C. (2012) – Largo do Chafariz de Dentro. Alfama em Época Moderna. In *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Coord. TEIXEIRA, A; BETTENCOURT, J. A. Volume I. Lisboa: Centro de História de Além-Mar e Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa. pp 71-84.

SOARES, J; DUARTE, S; SILVA, C. T. (2005-2007) – Sismos e arqueologia urbana – intervenção arqueológica na Rua Augusto Cardoso, nº69, Setúbal. In *Musa – museus, arqueologia e outros patrimónios*. Setúbal: Forum intermuseus do distrito de Setúbal. Nº2. pp 83-102.

SOUSA, É. D. M. (2011) – *Ilhas de Arqueologia: o quotidiano e a civilização material na Madeira e nos Açores: (séculos XV-XVII)*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras. Lisboa.

SOUSA, É. D. M. (2012) – A importação de cerâmica europeia para os arquipélagos da Madeira e dos Açores no séc.XVI. In *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Coord. TEIXEIRA, A; BETTENCOURT, J. A. Volume II . Lisboa: Centro de

História de Além-Mar e Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa. pp 797-812.

STOLS, E; FONSECA, J; MANHAEGHE, S. (2015) – *Lisboa em 1514 – O Relato de Jan taccoen van Zillebeke*. Coord. FONSECA, Jorge. 2º serie. Cadernos de cultura 8. Lisboa: Centro de História da Cultura.

TEIXEIRA, A; PAREDES, F. V; SILVA, R. B; RUIZ, J. M. H. R; ALBERTO, E. M. (2015) – *Lisboa 1415 Ceuta: história de duas cidades*. Ceuta, Lisboa: Ciudad Autonoma de Ceuta/ Câmara Municipal de Lisboa.

TEICHNER, F. (2003) – Dois conjuntos de cerâmicas quinhentistas, provenientes do Convento de São Domingos e do claustro da Igreja de São Francisco, em Évora (Alentejo). In *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol 6, nº 2. Lisboa: Direção Geral do Património Cultural. pp 501-520.

TORRES, C. (1982) – Barreiro, Mata da Machada – 1982. In *Informação Arqueológica*. Vol 5. Lisboa: Departamnto de Arqueologia (IPPC). pp 127-128.

TORRES, J. (2011) – *Quotidianos no convento de São Francisco de Lisboa: uma análise da cerâmica vidrada, faiança portuguesa e porcelana chinesa*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Lisboa.

TRINDADE, A. R. (2012) – “Cerâmica dos séculos XV a XVIII do convento de Santana de Leiria. História e vivências em torno da cultura material”. In *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Coord. TEIXEIRA, A; BETTENCOURT, J. A. Volume I. Lisboa: Centro de História de Além-Mar e Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa. pp 527-538.

VALENCIA, M. H; MARTÍN, E. L. (2014) – “Centro cerámica Triana, intervención en un conjunto alfarero”. In *Revista ph – Proyectos y actuaciones*. Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico, nº85. pp 100-123.

## 9.2 Webgrafia

[http://www.britishmuseum.org/research/collection\\_online/collection\\_object\\_details.aspx?objectId=3181116&partId=1&matcult=15502&page=1](http://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=3181116&partId=1&matcult=15502&page=1) (consultado em setembro de 2017).

## 10. Anexos

### Apêndice I - Contexto histórico - planta e localização

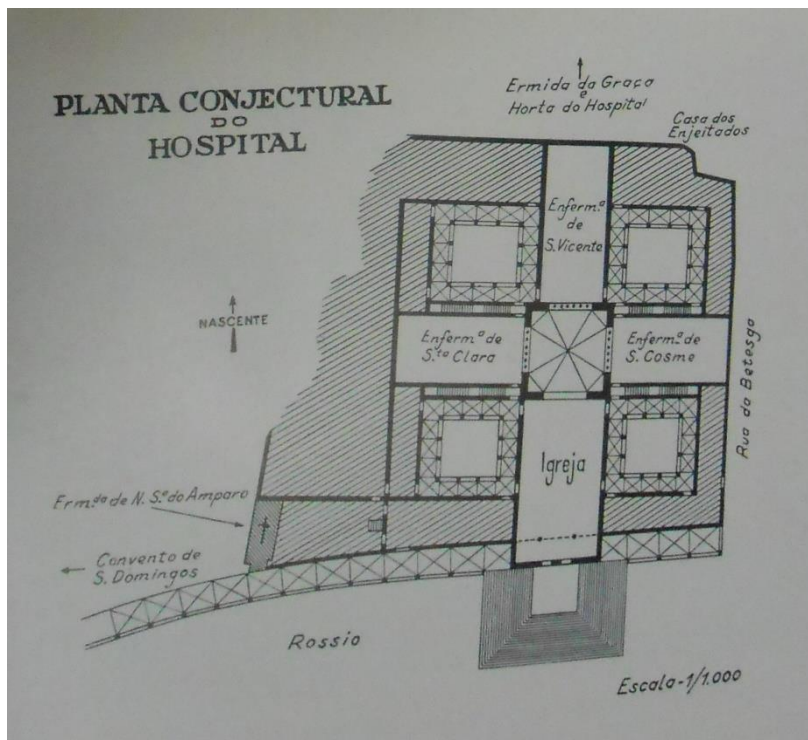


Imagem 1: Planta conjectural do Hospital Real de Todos-os-Santos, em escala 1/1000. (Fonte: CARMONA, 1954: 209).



Imagem 2: Gravura de J. Braunio do século XVI.



Imagem 3: Localização do poço T1.

## Apêndice II - Sítio Arqueológico - Praça da Figueira





Imagem 1: Foto tirada durante a intervenção de 1960, ermida de Nossa Senhora do Amparo e baixos de Enfermaria de Santa Clara. Fotografia de Mário Novais (Fonte: LEITE, 2010a: 25).



Imagem 2: Aspeto da intervenção arqueológica na Praça da Figueira, em 1999-2001 (Fonte: BARGÃO, 2011: 146).

## Apêndice III - Estrutura: Poço T1





Imagem 1: Foto da vista de cima do poço T1 (disponibilizada pelo Professor Rodrigo Banha da Silva).



Imagem 2: Foto do poço T1 (disponibilizada pelo Professor Rodrigo Banha da Silva).





## Apêndice IV – Estratigrafia

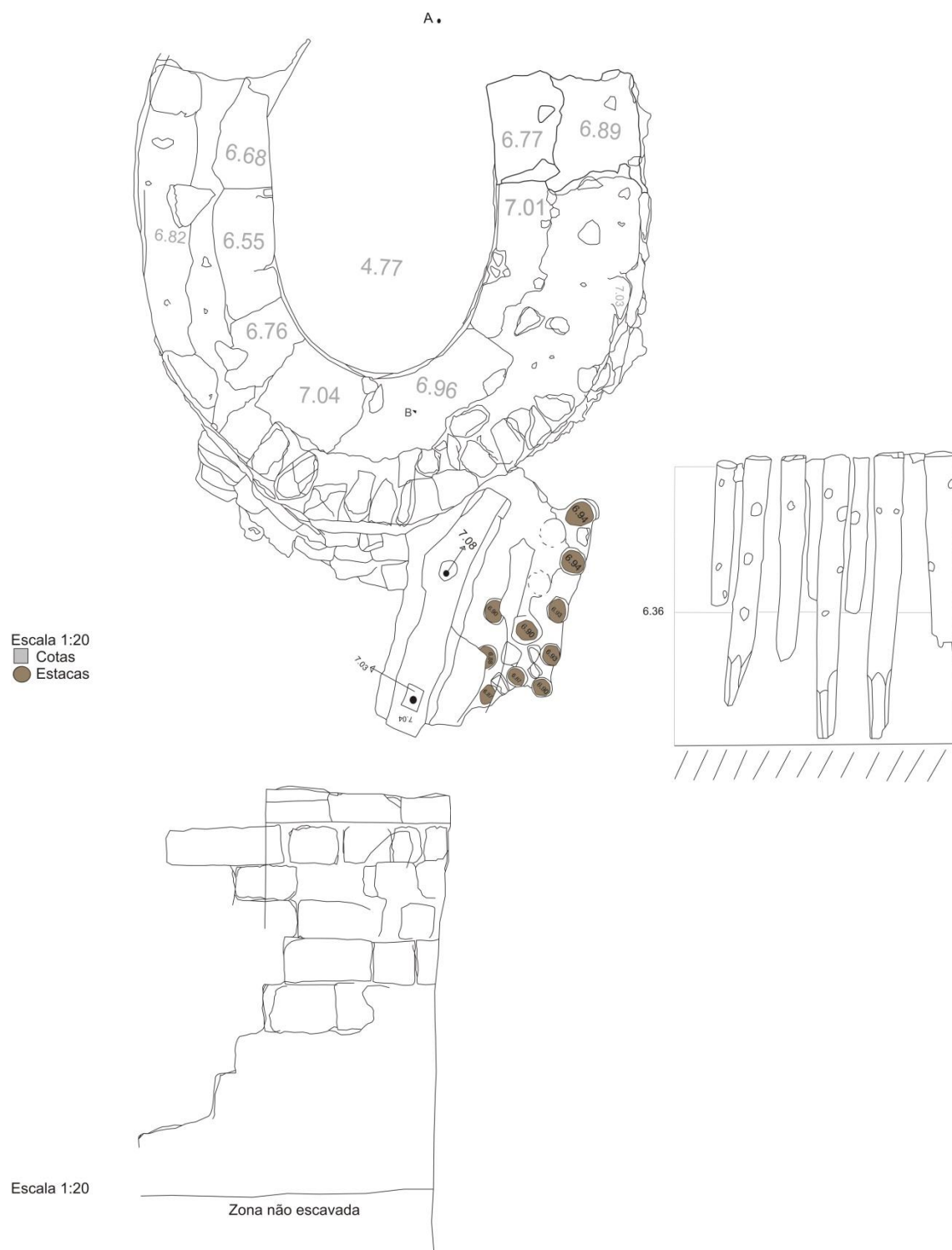


Imagem 1: Desenho da vista de cima e alçado do poço T1.

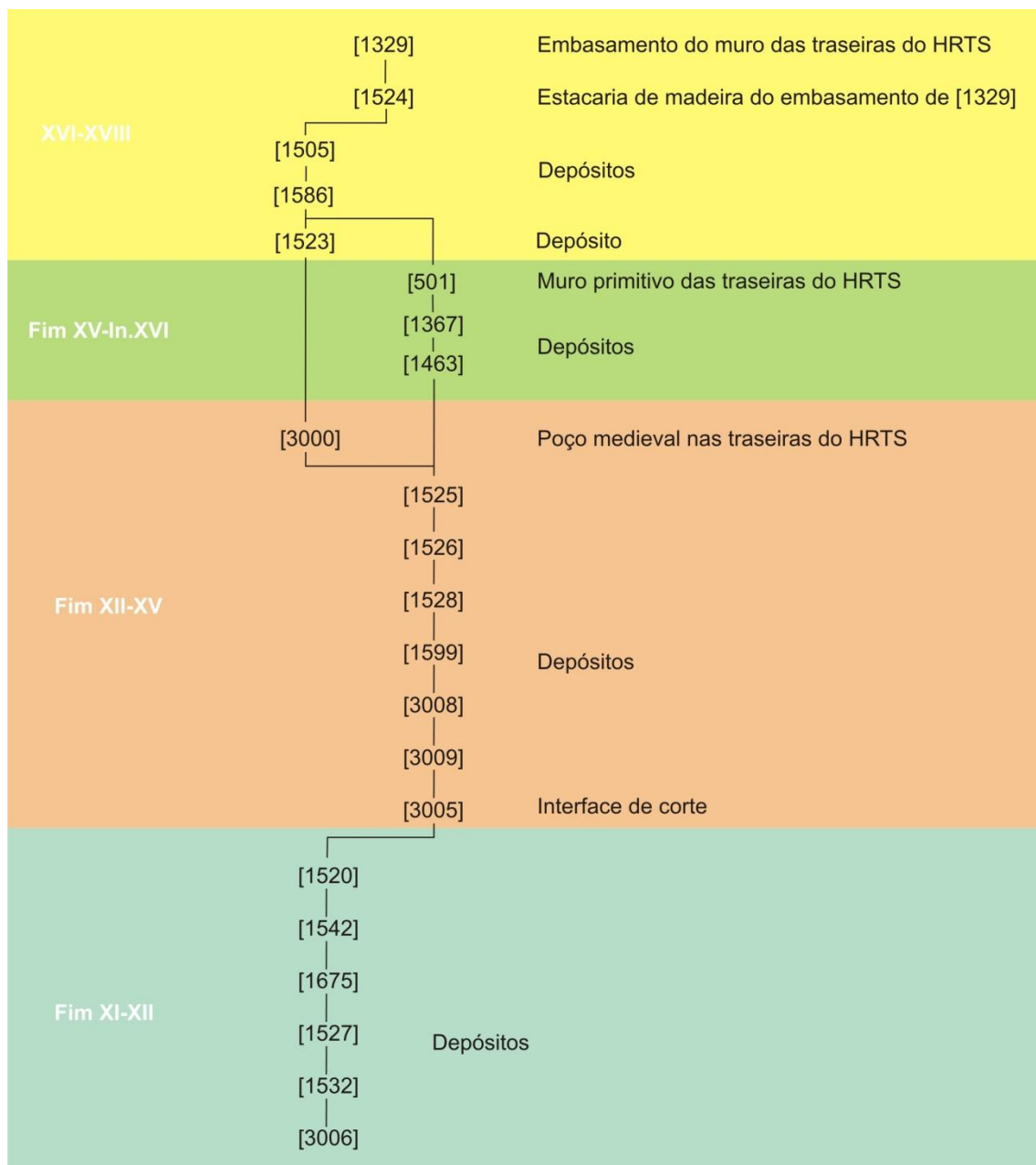


Imagem 2: Matriz de Harris e respetivas datações.

## Apêndice V – A cultura material - tabelas e gráficos



<b>Categoria</b>	<b>MNI</b>	<b>%</b>	<b>NMI</b>	<b>%</b>
Cerâmica comum	<b>4971</b>	83,8	<b>851</b>	80,2
Cerâmica comum vidrada	<b>218</b>	3,7	<b>38</b>	3,6
Cerâmica fina e modelada	<b>595</b>	10	<b>92</b>	8,6
Cerâmica "pedrada"	<b>9</b>	0,2	<b>2</b>	0,2
Faiança portuguesa	<b>23</b>	0,4	<b>9</b>	0,8
Porcelana Chinesa	<b>13</b>	0,2	<b>6</b>	0,6
Majólicas italianas	<b>11</b>	0,2	<b>4</b>	0,4
Cerâmica de Sevilha	<b>25</b>	0,4	<b>11</b>	1
Estatuária religiosa de terracota	<b>3</b>	0,05	<b>2</b>	0,2
Materiais de construção	<b>34</b>	0,6	<b>34</b>	3,2
Vidro	<b>22</b>	0,4	<b>5</b>	0,5
Indeterminado	<b>7</b>	0,1	<b>7</b>	0,7

Tabela 1: Quantificação geral da cultura material.

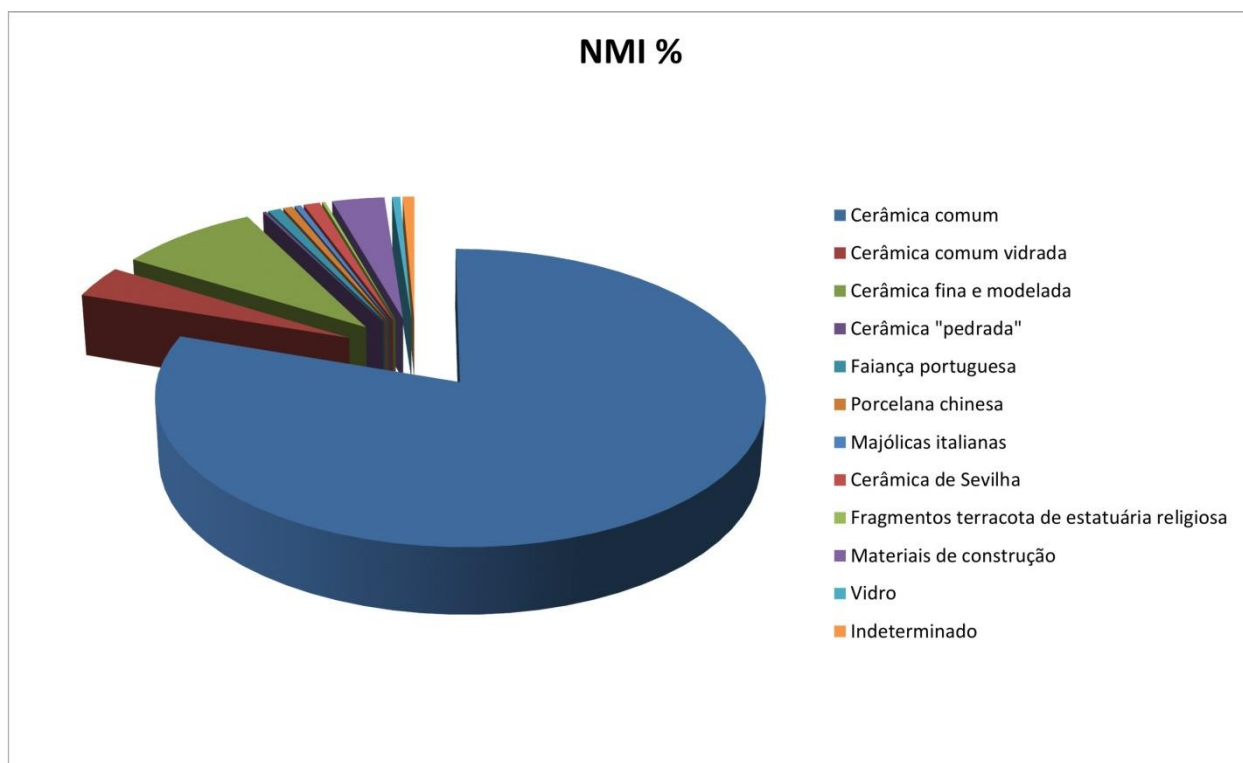


Gráfico 1: Quantificação geral da cultura material (NMI).

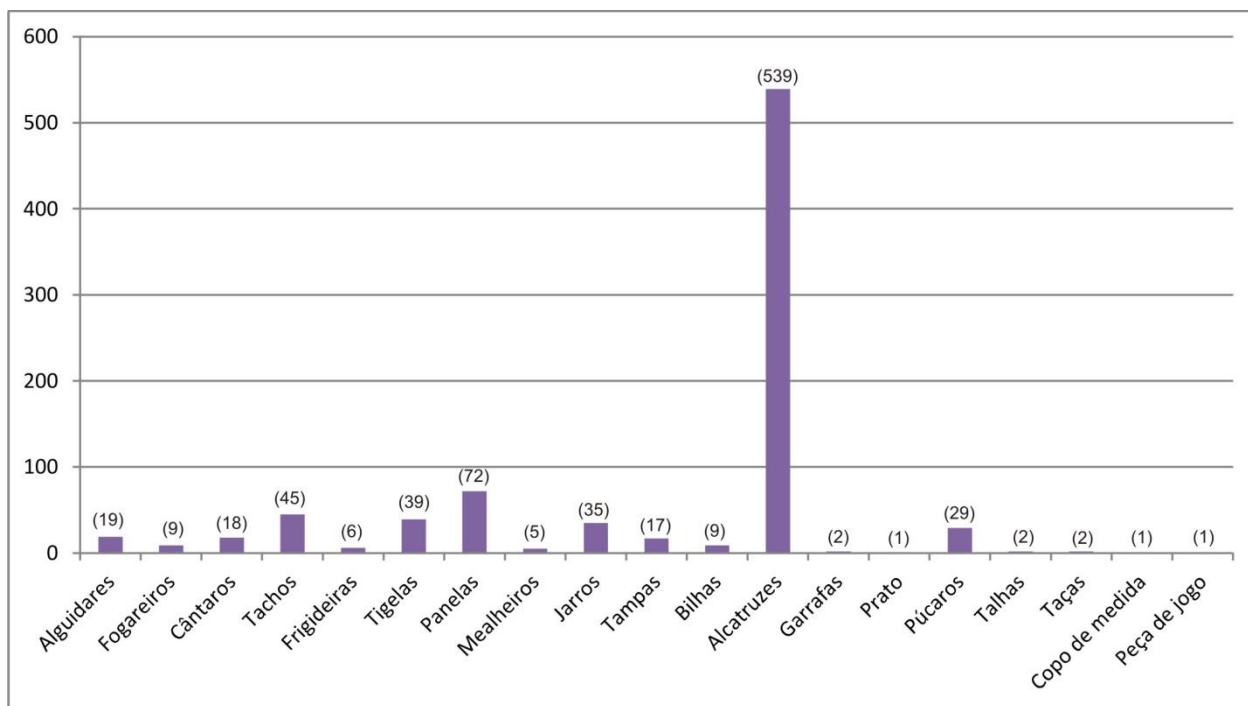


Gráfico 2: Tipologia e NMI da cerâmica comum.

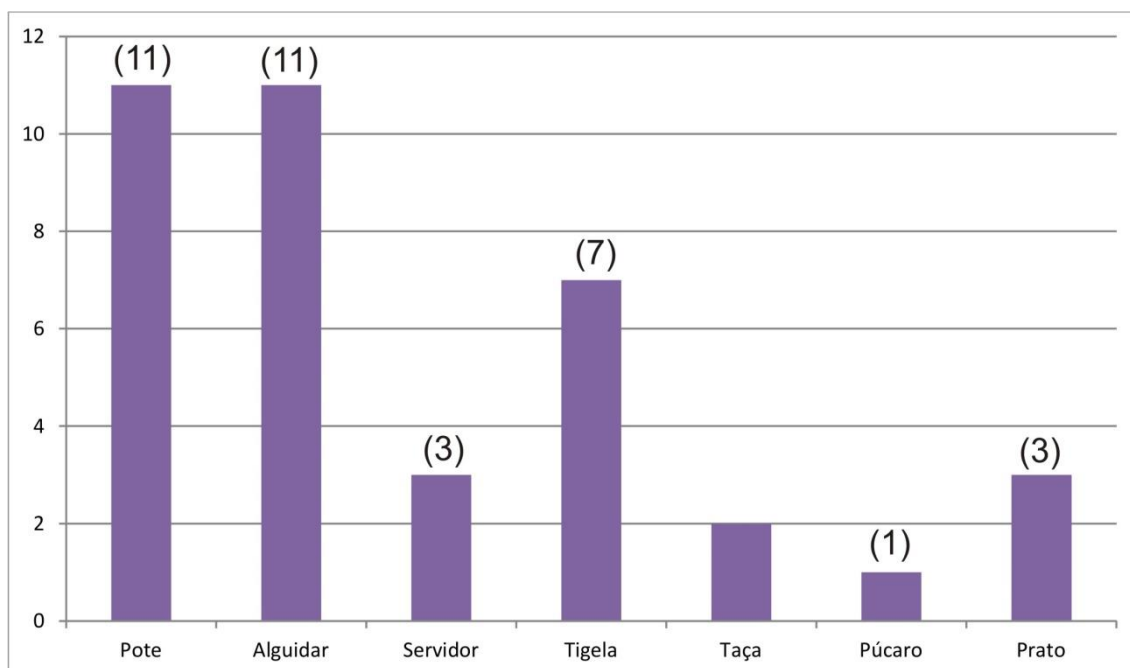


Gráfico 3: Tipologia e NMI da cerâmica comum vidrada.

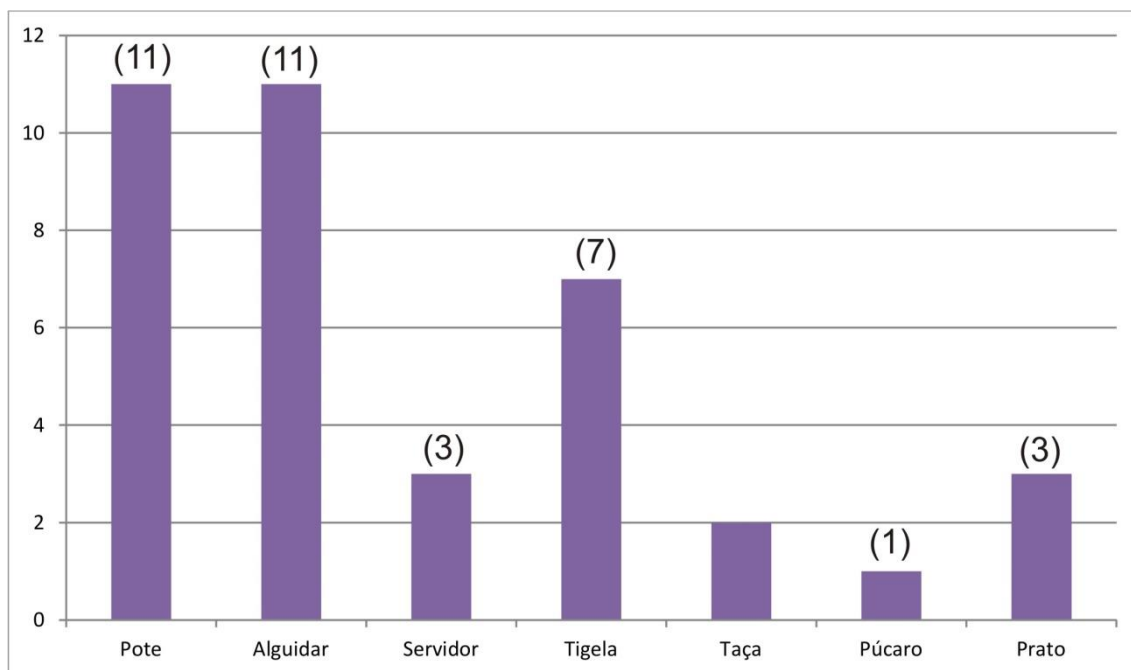


Gráfico 4: Tipologia e NMI da cerâmica fina e modelada.

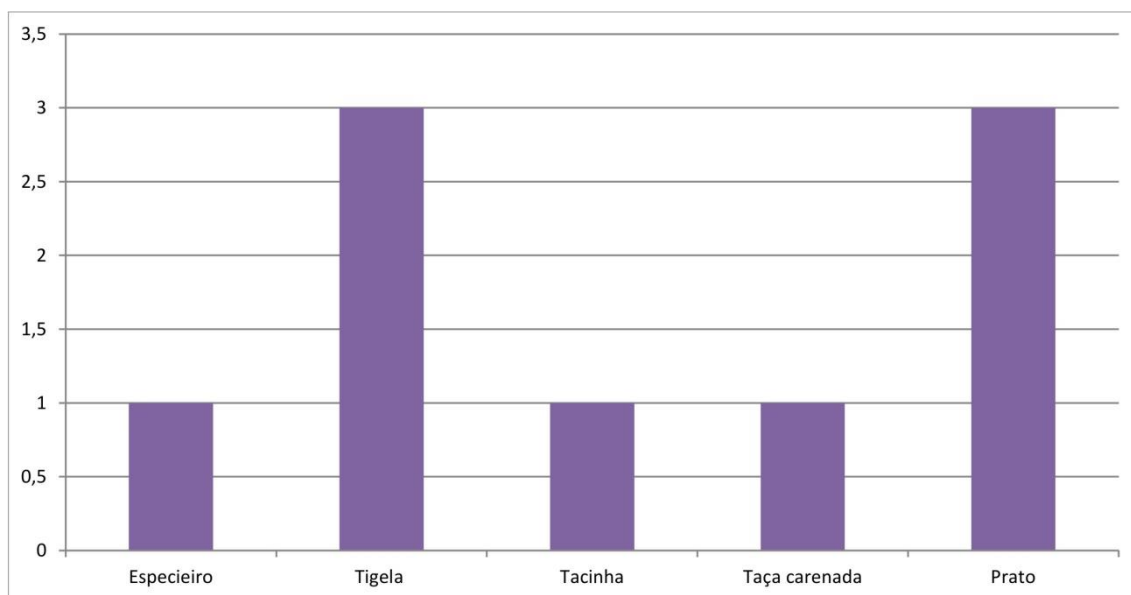


Gráfico 5: Tipologia e NMI da faiança portuguesa.

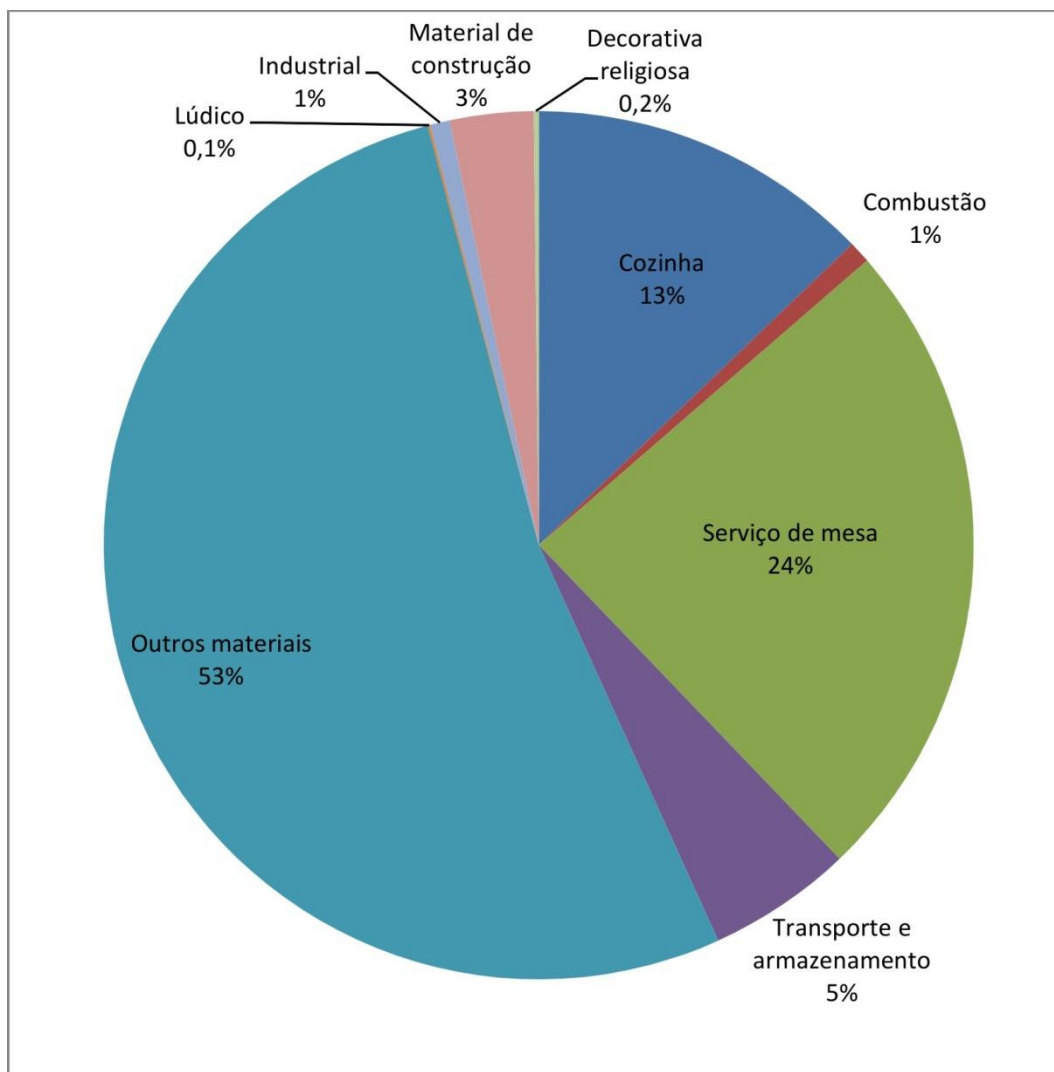


Gráfico 6: Percentagem da cultura material pelos grupos funcionais.

GRUPO	FORMA	VARIANTE	1480	1500	1520	1540	1560	1580	1600	1620	1640	1660	1680
Cerâmica Comum	Panela	A											
		B											
		C											
		D											
		E											
	Tacho	A1											
		A2											
		B1											
		B2											
		C1											
		C2											
		D											
		E											
		F											
		G											
	Frigideira												
	Tampa	A											
		B											
	Fogareiro												
	Tigela	A											
		B											
		C											
		D											
	Jarro	A											
		B											
		C											
	Púcaro												
	Prato												
	Alcatruz	A											
		B											
		C											
	Cântaro												
	Bilha												
	Mealheiro												
	Talha												
	Garrafa	A											
		B											
	Alguidar	A											
		B											
		C											
	Copo de medida												
	Peça de Jogo												

Tabela 2: Datação apurada através dos paralelos formais da cerâmica comum.

GRUPO	FORMA	VARIANTE	1480	1500	1520	1540	1560	1580	1600	1620	1640	1660	1680
Cerâmica Comum Vidrada	Taça												
	Tigela												
	Prato												
	Púcaro												
	Servidor												
	Pote	A1											
		A2											
	Alguidar												

Tabela 3: Datação apurada através dos paralelos formais da cerâmica comum vidrada.

GRUPO	FORMA	VARIANTE	1480	1500	1520	1540	1560	1580	1600	1620	1640	1660	1680
Cerâmica Fina	Púcaro	A1											
		A2											
	Taça	A											
		B											
		C											
	Taça de "cesto"												
	Taça de pé alto												
	Jarrinha												
	Jarro												
	Pote	A											
		B											
		C											
	Garrafa												

Tabela 4: Datação apurada através dos paralelos formais da cerâmica fina e modelada.

GRUPO	FORMA	VARIANTE	1480	1500	1520	1540	1560	1580	1600	1620	1640	1660	1680
Porcelana chinesa	Prato												
	Tigela												
Majólica	Prato												
Sevilha	Prato												
	Taça												
	Escudela												
	Pote												
	Alguidar												

Tabela 5: Datação apurada através dos paralelos formais do conjunto de cerâmica forânea (porcelana chinesa, majólica e produções de Sevilha).

<b>Fabrico</b>	<b>Formas (Cerâmica comum)</b>	<b>%</b>
Oxidante Laranja avermelhado M 7,5 YR 5/8	Alguidares, bilha, cântaro, copo de medida, fogareiro, garrafas, jarros, mealheiros, panelas, púcaros, taças, tachos, frigideiras, talhas, tampas, tigelas e alcatruzes	89,6
Oxidante Vermelha acastanhada M 7,5YR 6/4	Cântaro Tacho	0,5
Oxidante Laranja acastanhado M 7,5YR 7/8	Alguidares Tampas Tigelas	0,3
Oxidante Laranja M 7,5YR 7/6	Cântaro Púcaros	0,2
Oxidante Castanha M 5YR 7/6	Tacho Tigelas	0,1
Oxidante Laranja rosado M 7,5YR 7/4	Cântaro	0,1
Oxidante Redutora Vermelha M 7,5YR 6/6 Cinza M 7,5YR 7/1	Bilhas Alcatruzes	2,2
Oxidante Redutora Laranja M 7,5YR 7/6 Cinza M 7,5YR 7/1	Cântaros, fogareiro, jarro, panelas e tigelas	1,1
Oxidante Redutora Laranja M7,5YR 7/6 Cinza M 7,5YR 6/1	Tacho	0,1
Redutora Castanha M 7,5YR 5/4	Pratos	0,3
Oxidante Castanha clara M 7,5YR 8/6	Alcatruzes	5,4
Redutora Cinza escura M 7,5YR 5/1	Alcatruz	0,1

Tabela 6: Percentagens do fabrico da cerâmica comum.

<b>Fabrico</b>	<b>Formas (cerâmica comum vidrada)</b>	<b>%</b>
Oxidante Vermelha M 5R 5/16	Alguidares, pratos, púcaros, potes, tigelas servidores e taças	84,6
Oxidante Castanho vermelho M 5YR 7/6	Potes Alguidares Tigelas	9,9
Oxidante Bege claro M 7,5YR 8/6	Indeterminados	3
Oxidante Bege escuro M 5YR 8/4	Indeterminados	1,9
Redutora Cinza escura M 7,5YR 4/1	Pote	0,6

Tabela 7: Percentagens do fabrico da cerâmica comum vidrada.

<b>Fabrico</b>	<b>Formas (cerâmica fina e modelada)</b>	<b>%</b>
Oxidante Vermelha M5R 5/12	Taças, potes, potinho e púcaros	66,9
Oxidante Laranja avermelhada M 7,5YR 6/6	Taças, garrafa, púcaros, taça de cesto, jarro taça de pé alto	25,3
Oxidante Bege claro M 7,5YR 8/6	Púcaros Taça	4,6
Oxidante Laranja acastanhado M 7,5YR 5/6	Púcaro	2,6
Oxidante Redutora Vermelha M 5R 5/12 Cinza M 5YR 7/3	Púcaro	0,2
Oxidante Redutora Laranja avermelhada M 7,5YR 6/6 Cinza M 7,5YR 6/1	Púcaro	0,2
Redutora Castanha M 5YR 7/3	Púcaro	0,2

Tabela 8: Percentagens do fabrico da cerâmica fina e modelada.



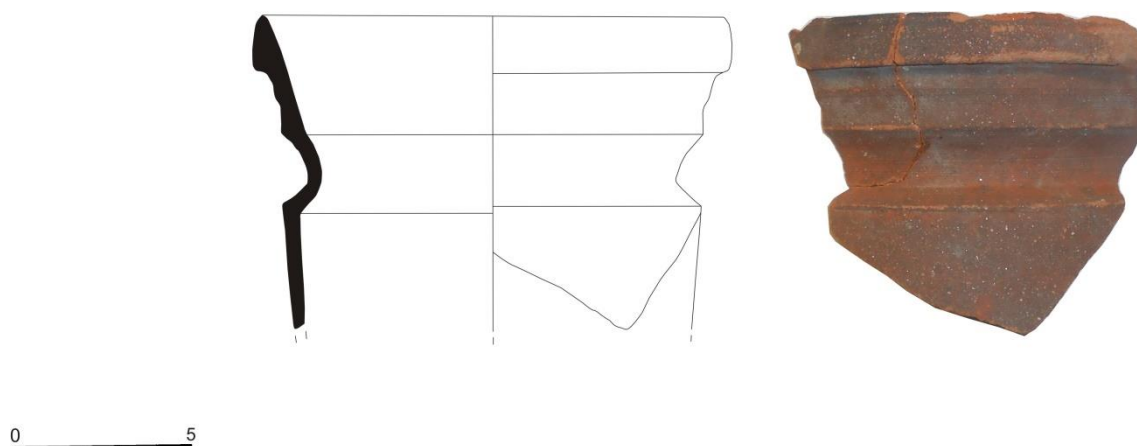
## Apêndice VI - Os grupos cerâmicos - formas e variantes

## Grupos cerâmicos endógenos

### Cerâmica Comum

PF00/2640-17

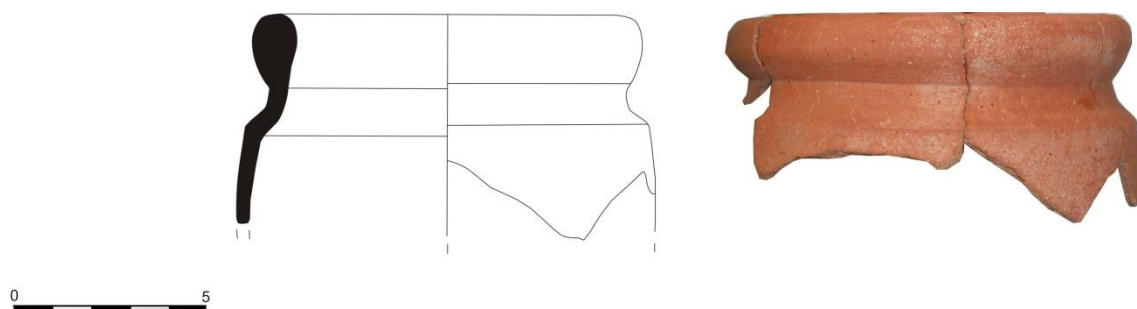
Alcatruz



Bordo de alcatruz, variante *A*, bordo de orientação reta de tipo de espessamento para o exterior, de secção triangular. Pasta oxidante de cor laranja avermelhado (M 7,5YR 5/8) dura com alta percentagem de elementos não plásticos constituídos por quartzo de pequena e media dimensão, micas brancas e elementos finos. Fratura irregular. Decoração com duas carenas no colo. Bordo de Ø11 cm e espessura de bojo entre 0,4 a 0,8 cm.

PF00/2640-55

Alcatruz



Fragmento de bordo de alcatruz, variante *B*, de orientação reta de tipo de espessamento redondo para o exterior. Forma fechada de colo curto. Pasta oxidante de cor laranja avermelhado (M 7,5YR 5/8) dura com alta percentagem de elementos não plásticos constituídos por quartzo de pequena e média dimensão, micas brancas e elementos finos. Fratura irregular. Bordo de Ø 8,5 cm e espessura de bojo entre 0,3 a 1,1 cm.

PF00/2727-57

Alcatruz



Bordo de alcatruz, variante C, de orientação reta de tipo de espessamento para o exterior, bisel externo. Forma fechada de colo curto. Pasta oxidante de cor laranja avermelhado (M 7,5YR 5/8) dura com alta percentagem de elementos não plásticos constituídos por quartzo de pequena e media dimensão, micas brancas e elementos finos. Fratura irregular. Bordo de Ø11 cm e espessura de bojo entre 0,4 a 1,3 cm.

PF00/2451-11

Alcatruz



Fundo de alcatruz, de tipo plano. Forma fechada de corpo de tendência troncocônica. Pasta oxidante redutora, de cor vermelha e cinza (M 7,5YR 6/6) (M 7,5YR 7/1) de alta percentagem de elementos não plásticos dura com quartzo de pequena e media dimensão, micas brancas e outros elementos finos. Fratura irregular. Fundo de 7,5 cm e espessura de bojo entre 0,5 a 0,7 cm.

PF00/2736-82

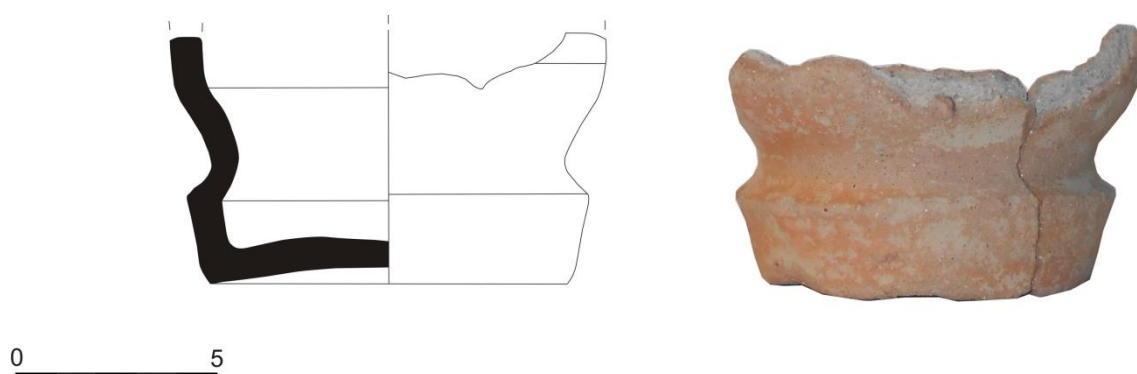
Alcatruz



Fundo de alcatruz, de tipo plano com tendência côncava. Forma fechada de corpo cilíndrico. Pasta oxidante de cor laranja avermelhado (M 7,5YR 5/8) dura com alta percentagem de elementos não plásticos constituídos por quartzo de pequena e media dimensão, micas brancas e outros elementos finos. Fratura irregular. Fundo de Ø 10 cm e espessura de bojo entre 0,4 a 1,8 cm.

PF00/2451-22

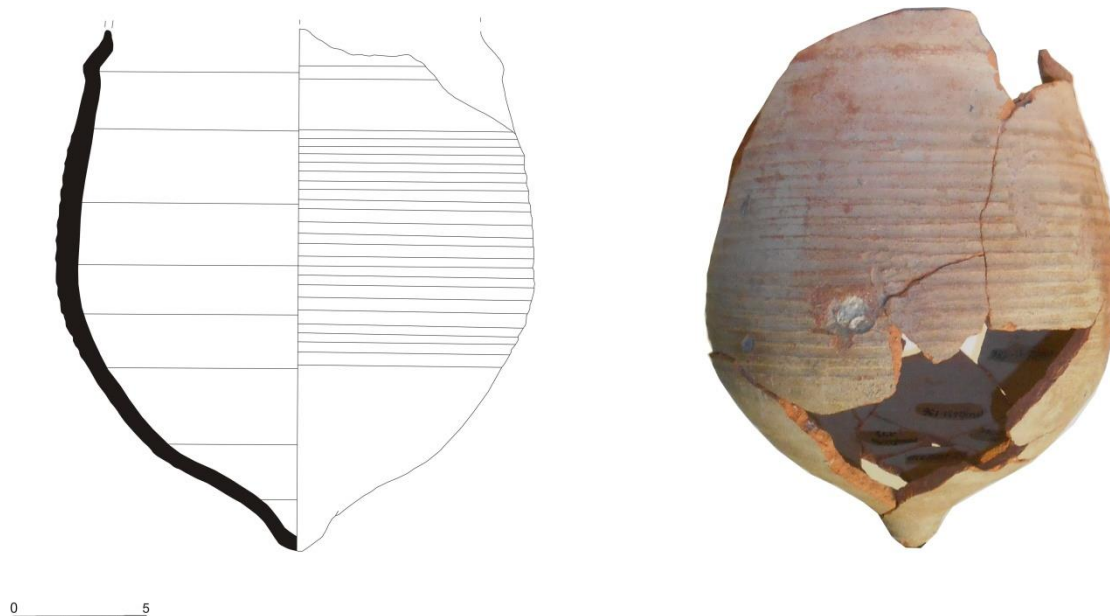
Alcatruz



Fundo de alcatruz, fundo de tipo plano com ressalto perto do fundo. Forma fechada. Pasta oxidante redutora, de cor vermelha e cinza (M 7,5YR 6/6) (M 7,5YR 7/1) de alta percentagem de elementos não plásticos dura com quartzo de pequena e media dimensão, micas brancas e outros elementos finos. Fratura irregular. Fundo de Ø9 cm e espessura de bojo entre 0,8 a 1,3 cm.

PF00/2541-6

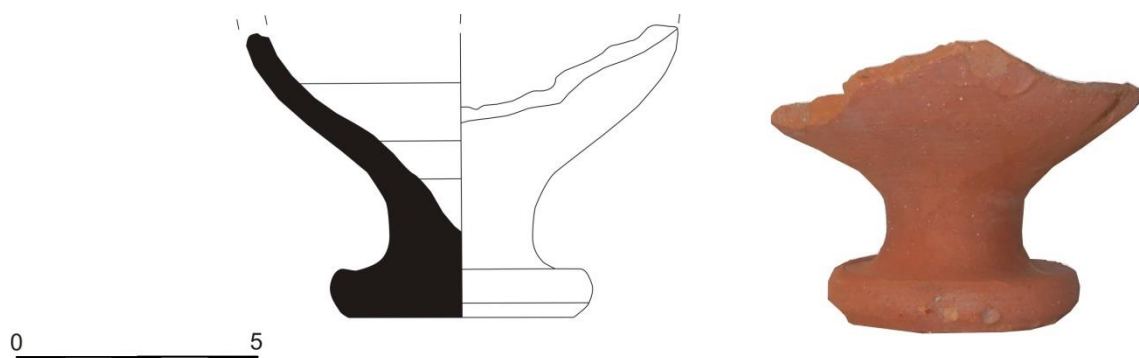
Alcatruz



Fundo de alcatruz, de tipo pontiagudo. Forma fechada. Pasta oxidante de cor laranja avermelhado (M 7,5YR 5/8) dura com alta percentagem de elementos não plásticos constituídos por quartzo de pequena e média dimensão, micas brancas e outros elementos finos. Fratura irregular. Decoração constituída por excisões de linhas horizontais ao longo do seu corpo ovóide. Fundo de Ø 1,8 cm e espessura de bojo entre 0,3 a 2 cm.

PF00/1578-296

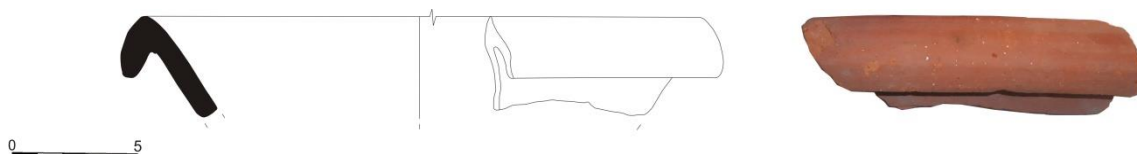
Mealheiro



Fragmento de fundo de mealheiro, com pé. Pasta oxidante de cor laranja avermelhado (M 7,5YR 5/8) média percentagem de elementos não plásticos constituídos por micas brancas e outros elementos de pequena dimensão. Fratura irregular. Fundo de Ø4,6 cm e espessura de bojo de 0,5 cm.

PF00/2737-46

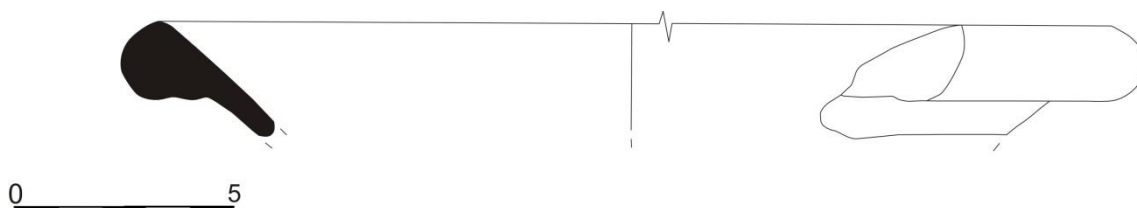
Alguidar



Fragmento de bordo de alguidar, variante A, de orientação exvertida com espessamento de tipo bisel externo. Forma aberta. Pasta oxidante de cor laranja avermelhado (M 7,5YR 5/8) média percentagem de elementos não plásticos constituídos por micas brancas e outros elementos de pequena dimensão. Fratura irregular. Bordo de Ø40 cm e espessura de bojo entre 0,7 a 1 cm.

PF00/1578-130

Alguidar

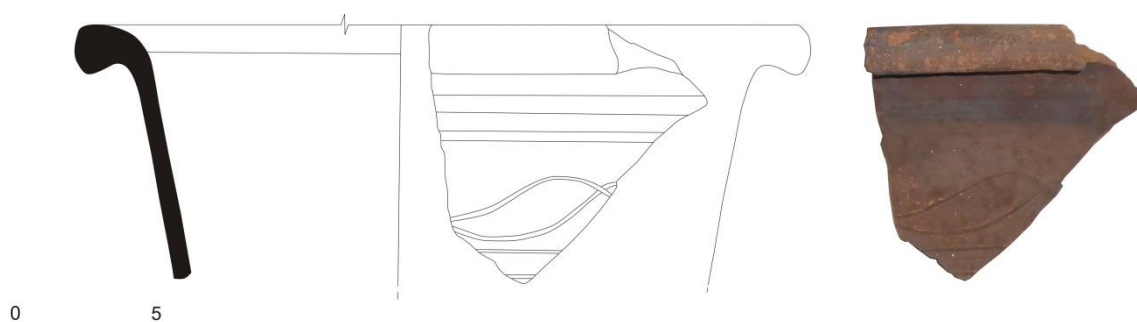


Fragmento de bordo de alguidar, variante B, de orientação exvertida com espessamento de tipo redondo para o exterior. Forma aberta. Pasta oxidante de cor laranja avermelhado (M 7,5YR 5/8) média percentagem de elementos não plásticos constituídos por micas brancas e outros elementos de pequena dimensão. Fratura irregular. Bordo de Ø38 cm e espessura de bojo entre 0,5 a 1,6 cm.



PF00/2736-83

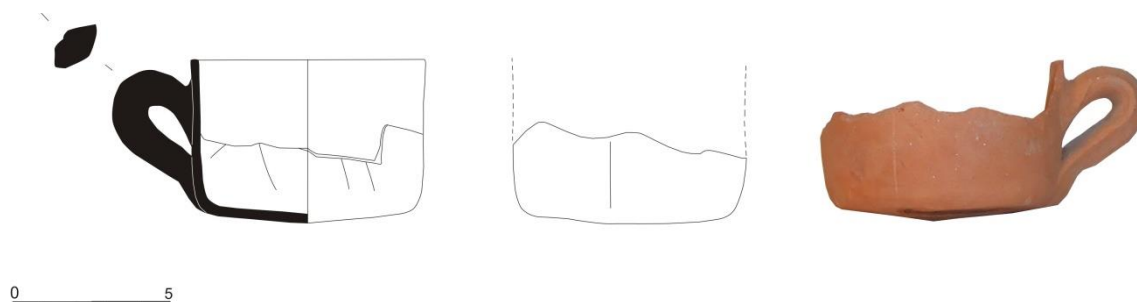
Alguidar



Fragmento de bordo de alguidar, variante C, de orientação exvertida com espessamento, de secção troncocónica. Forma aberta. Pasta oxidante de cor laranja acastanhado (M 7,5YR 7/8) dura com percentagem média de elementos não plásticos sendo elementos finíssimos. Fratura irregular. Decoração com incisões em ondulações no colo na superfície exterior. Bordo de Ø28 cm e espessura de bojo entre 0,6 a 1,6 cm.

PF00/1572-39

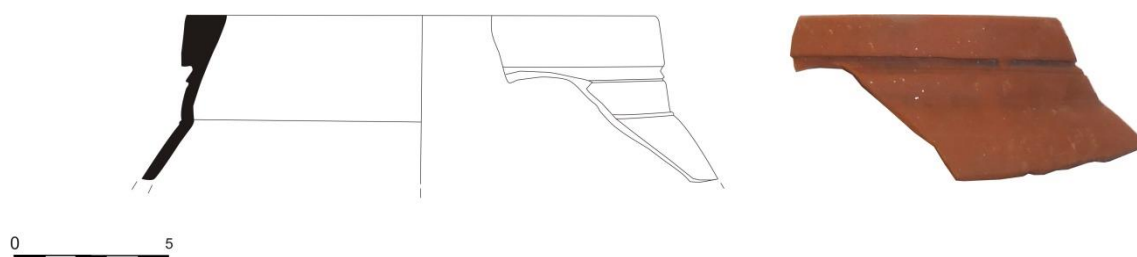
Copo de medida



Perfil completo de copo de medida, bordo de orientação reta de tipo de espessamento direito, asa de tipo fita de orientação vertical e fundo convexo. Forma aberta de corpo cilíndrico. Pasta oxidante de cor laranja avermelhado (M 7,5YR 5/8) média percentagem de elementos não plásticos constituídos por micas brancas e outros elementos de pequena dimensão. Fratura irregular. Composto por marcas de medida sendo uma incisão vertical na superfície exterior. Bordo de Ø7 cm, fundo de Ø6,4 cm, espessura de bojo entre 0,2 a 0,3 cm e altura de 5,4 cm.

PF00/2743-271

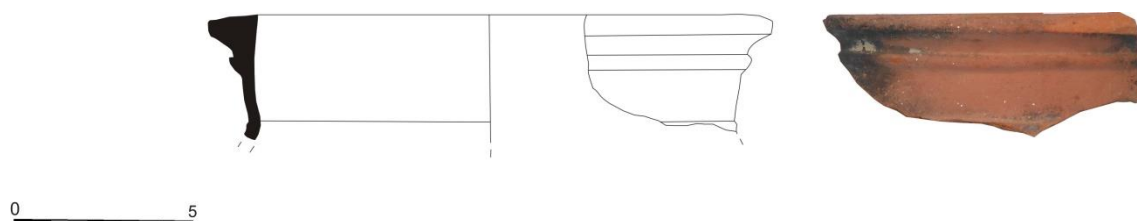
Panela



Fragmento de bordo de panela, variante *A*, de orientação invertida de tipo de espessamento para o exterior, de secção trapezoidal. Forma fechada. Pasta oxidante de cor laranja avermelhado (M 7,5YR 5/8) média percentagem de elementos não plásticos constituídos por micas brancas e outros elementos de pequena dimensão. Fratura irregular. Decoração com duas incisões no colo, na superfície exterior. Bordo de Ø 14,5 cm e espessura de bojo entre 0,5 a 1,2 cm.

PF00/2743-68

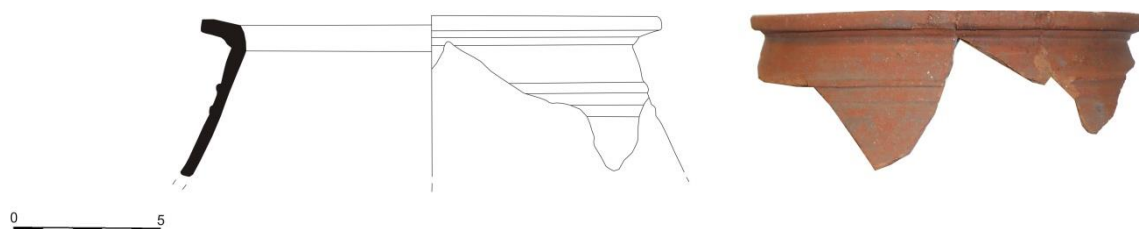
Panela



Fragmento de bordo de panela, variante *B*, de orientação invertida de tipo de espessamento para o exterior, de secção triangular. Forma fechada. Pasta oxidante de cor laranja avermelhado (M 7,5YR 5/8) média percentagem de elementos não plásticos constituídos por micas brancas e outros elementos de pequena dimensão. Fratura irregular. Marcas de fogo na superfície exterior. Bordo de Ø13 cm e espessura entre 0,3 a 1,2 cm.

PF00/2728-46

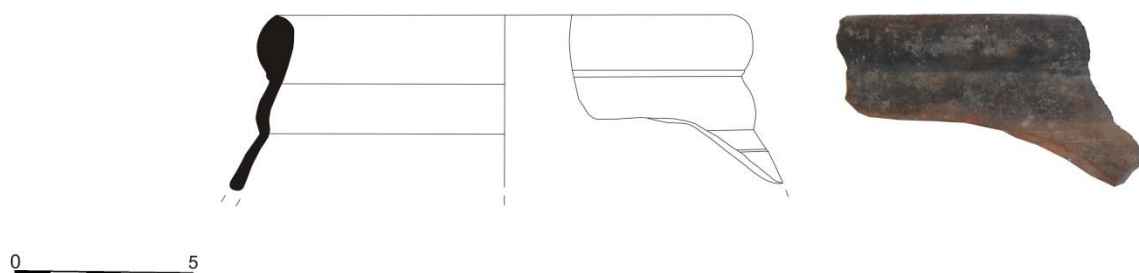
Panela



Fragmento de bordo de panela, variante *C*, orientação invertida de tipo de espessamento para o exterior, em aba. Forma fechada. Pasta oxidante redutora de cor laranja (M 7,5YR 7/6) e cinza (M 7,5YR 7/1) dura com média percentagem de elementos não plásticos sendo micas brancas de tamanho pequeno e outros elementos de pequena dimensão. Decoração com duas caneluras no colo, na superfície exterior. Bordo de Ø14 e espessura de bojo entre 0,3 a 0,9 cm.

PF00/1578-448

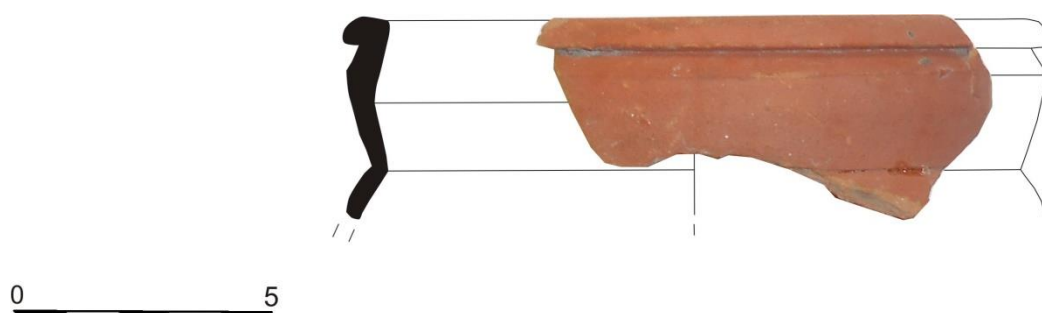
Panela



Fragmento de bordo de panela, variante *D*, de orientação invertida de tipo de espessamento redondo. Forma fechada. Pasta oxidante de cor laranja avermelhado (M 7,5YR 5/8) média percentagem de elementos não plásticos constituídos por micas brancas e outros elementos de pequena dimensão. Fratura irregular. Marcas de fogo na superfície exterior. Decoração composta por duas incisões no colo curto. Bordo de Ø14 cm e espessura de bojo entre 0,4 a 1 cm.

PF00/8/06-12

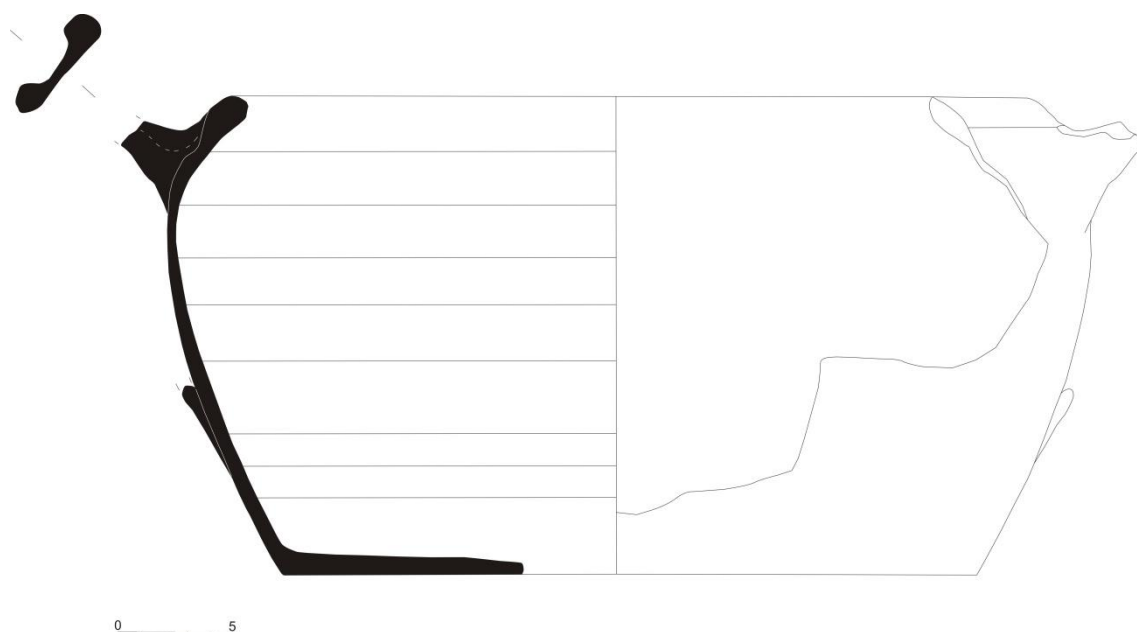
Panela



Fragmento de bordo de panela, variante *E*, de orientação invertida de tipo de espessamento reto, de secção retangular. Ressalto no colo. Forma fechada. Pasta oxidante de cor laranja avermelhado (M 7,5YR 5/8) média percentagem de elementos não plásticos constituídos por micas brancas e outros elementos de pequena dimensão. Fratura irregular. Decoração com uma excisão perto do bordo. Bordo de Ø12 cm e espessura de bojo entre 0,4 a 0,8 cm.

PF00/2742-174

Tacho

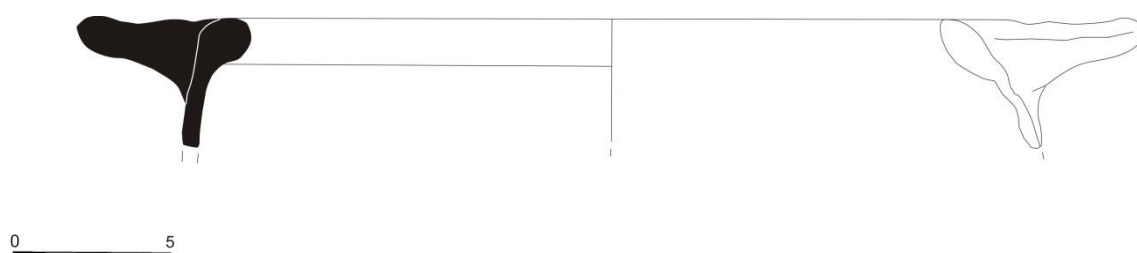


Fragmento de perfil completo de tacho, variante *AI*, bordo de orientação invertida de tipo espessamento redondo para o interior, asa de tipo fita de orientação

vertical e fundo plano. Pasta oxidante redutora de cor laranja (M 7,5YR 7/6) e cinza (M 7,5YR 6/1) arenosa bastante rolada, com percentagem média de elementos não plásticos de micas de dimensão média e outros elementos de pequena dimensão. Bordo de Ø38 cm, fundo de Ø32 cm e espessura de bojo entre 0,7 a 1,4 cm.

P00/2736-84

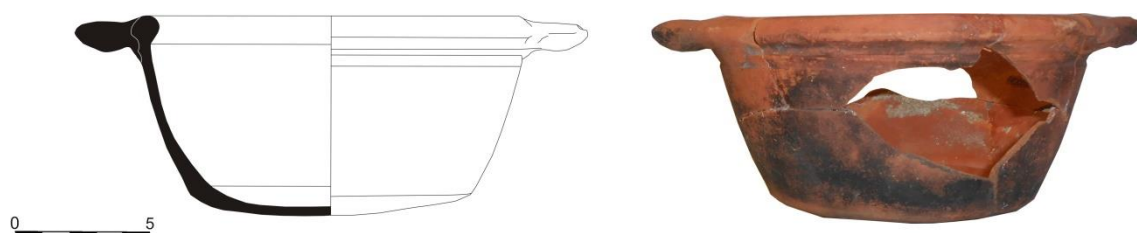
Tacho



Fragmento de bordo de tacho, variante A2, de orientação invertida de tipo espessamento redondo para o interior e asa de tipo triangular de orientação horizontal. Pasta oxidante de cor vermelha acastanhada (M 7,5YR 6/4) dura com média percentagem de elementos não plásticos com micas brancas de tamanho médio e elementos vermelhos de pequena dimensão. Fratura irregular. Bordo de Ø23 cm e espessura de bojo entre 0,5 a 1,7 cm.

PF00/2743-17

Tacho

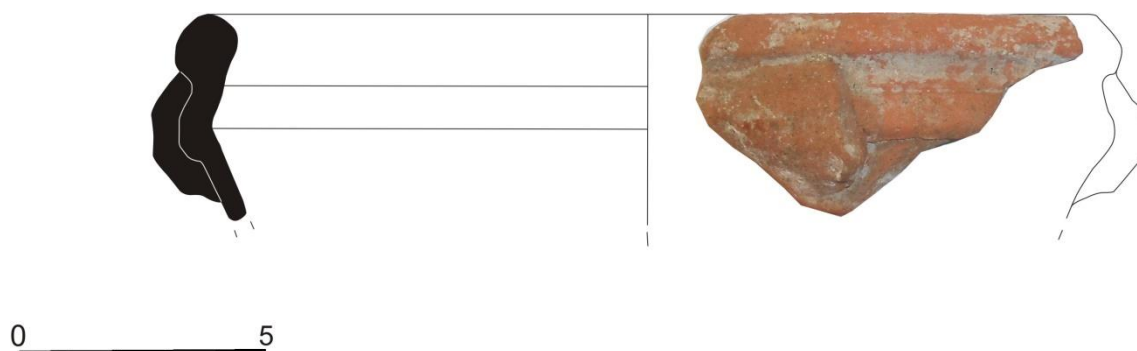


Perfil completo de tacho, variante B1, composto com bordo de orientação invertida de tipo espessamento redondo para o exterior, duas asas de tipo triangulares com orientação horizontal e fundo plano com tendência convexa. Pasta oxidante de cor laranja avermelhado (M 7,5YR 5/8) média percentagem de elementos não plásticos constituídos por micas brancas e outros elementos de pequena dimensão. Fratura

irregular. Marcas de fogo em ambas superfícies e decoração constituída por duas incisões horizontais debaixo do bordo na superfície exterior. Bordo de Ø 13,1 cm, fundo de Ø10,5 cm e espessura de bojo entre 0,2 a 0,9 cm.

PF00/8/06-68

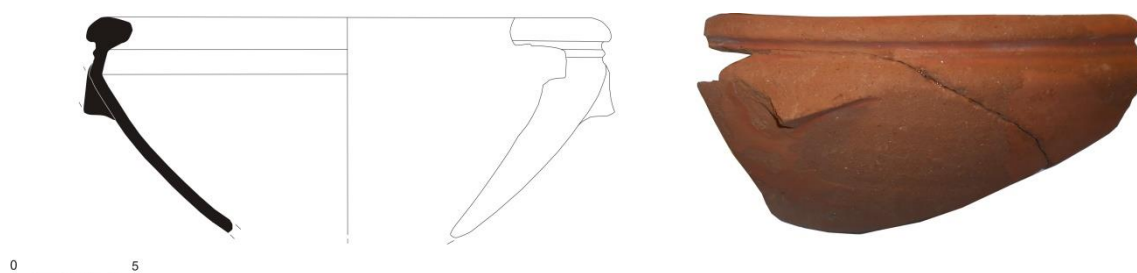
Tacho



Fragmento de bordo de tacho, variante *B2*, bordo de orientação reta de tipo espessamento redondo para o exterior e asa de tipo fita orientação horizontal. Pasta oxidante de cor laranja avermelhado (M 7,5YR 5/8) média percentagem de elementos não plásticos constituídos por micas brancas e outros elementos de pequena dimensão. Fratura irregular. Bordo de Ø17 cm e espessura de bojo entre 0,4 a 1 cm.

PF00/2684-91

Tacho

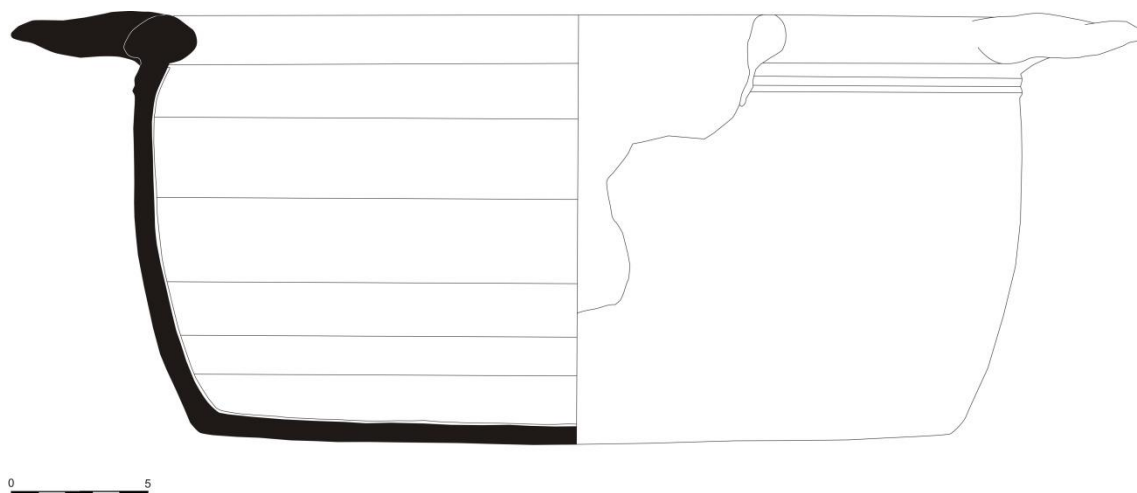


Fragmento de bordo de tacho, variante *C1*, de bordo de orientação invertida de tipo espessamento duplo redondo e asa de tipo fita de orientação horizontal. Pasta oxidante de cor laranja avermelhado (M 7,5YR 5/8) média percentagem de elementos

não plásticos constituídos por micas brancas e outros elementos de pequena dimensão. Fratura irregular. Bordo de Ø20 cm e espessura de bojo entre 0,4 a 1,1 cm.

PF00/1589-2

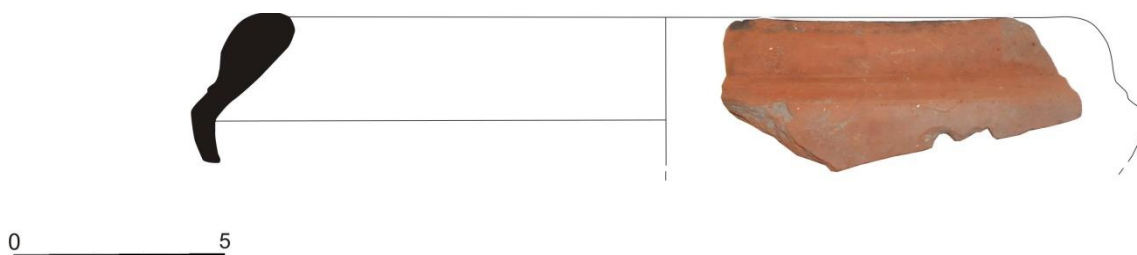
Tacho



Perfil completo de tacho, variante C2, de bordo de orientação invertida de tipo espessamento duplo redondo, asa de tipo triangular de orientação horizontal e fundo plano de tendência convexa. Pasta oxidante de cor laranja avermelhado (M 7,5YR 5/8) média percentagem de elementos não plásticos constituídos por micas brancas e outros elementos de pequena dimensão. Vestígios de cal na superfície interior. Fratura irregular. Bordo de Ø31 cm, fundo de Ø28 cm, espessura de bojo entre 0,7 a 2 cm e altura de 16,2 cm.

PF00/1578-441

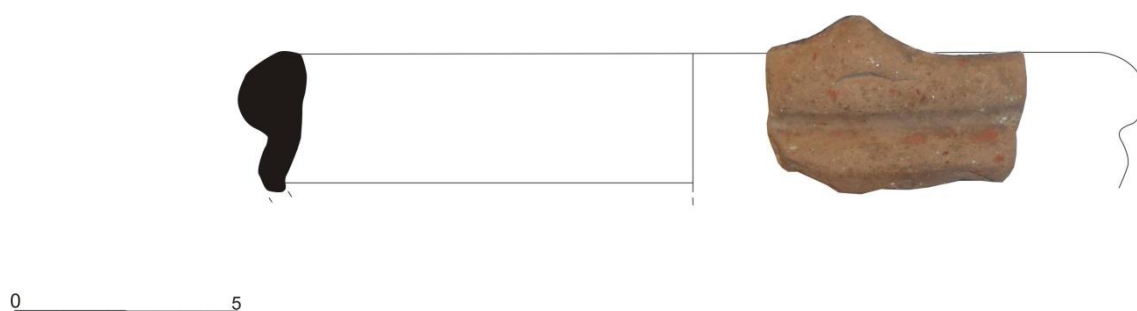
Tacho



Fragmento de bordo de tacho, variante *D*, de bordo de orientação invertida de tipo espessamento redondo. Pasta oxidante de cor laranja avermelhado (M 7,5YR 5/8) média percentagem de elementos não plásticos constituídos por micas brancas e outros elementos de pequena dimensão. Fratura irregular. Marcas de fogo na superfície interior. Bordo de Ø18 cm e espessura de bojo entre 0,6 a 1 cm.

PF00/8/06-96

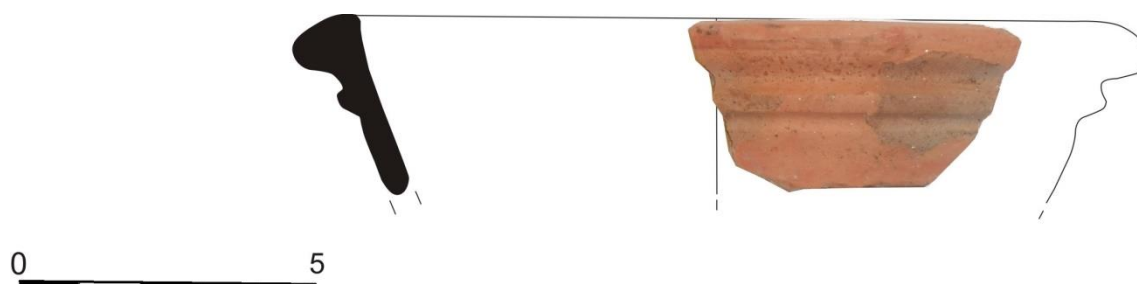
Tacho



Fragmento de bordo de tacho, variante *E*, de orientação invertida de tipo espessamento redondo para o exterior. Pasta oxidante de cor castanha (M 5YR 7/6) dura com média percentagem de elementos não plásticos de micas brancas e elementos vermelhos de média dimensão. Fratura irregular. Marcas de fogo no bordo. Existência de uma saliência no bordo. Bordo de Ø15,5 cm e espessura de bojo entre 0,8 a 1,3 cm.

PF00/1578-381

Tacho



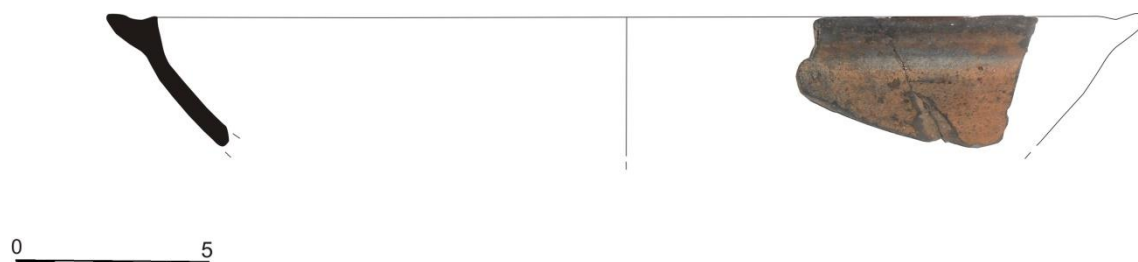
Fragmento de bordo de tacho, variante *F*, bordo de orientação invertida de tipo espessamento direito, de secção trapezoidal para o exterior. Pasta oxidante de cor laranja avermelhado (M 7,5YR 5/8) média percentagem de elementos não plásticos



constituídos por micas brancas e outros elementos de pequena dimensão. Fratura irregular. Bordo de Ø 11,5 cm e espessura de bojo entre 0,3 a 1,1 cm.

PF00/2727-315

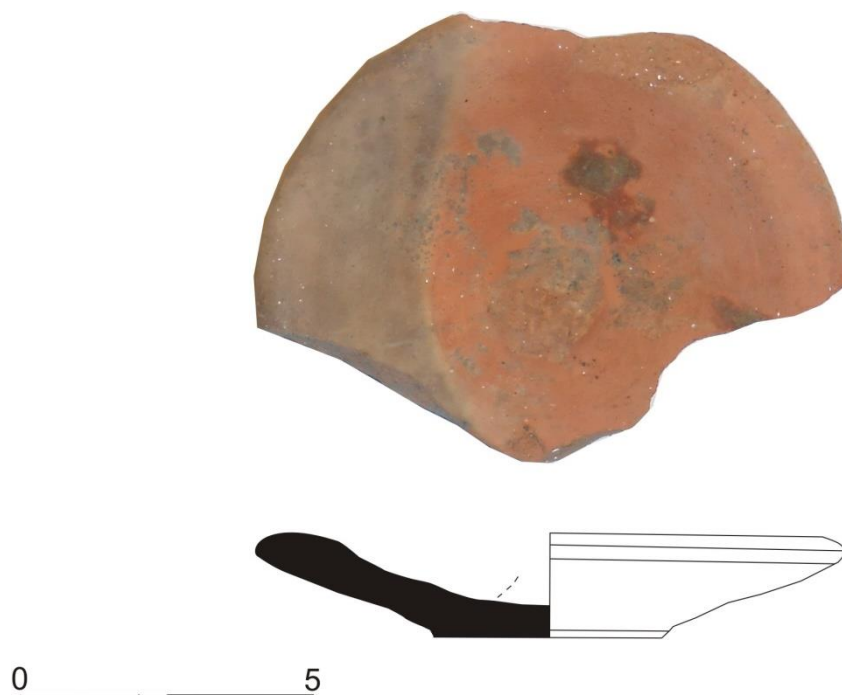
Tacho



Fragmento de bordo de tacho, variante *G*, de bordo de orientação invertida de tipo espessamento de secção triangular para o exterior. Pasta oxidante de cor laranja acastanhado (M 7,5YR 7/8) dura com percentagem média de elementos não plásticos de elementos de menor dimensão. Fratura irregular. Marcas de fogo no exterior e interior. Bordo de Ø24 cm e espessura de bojo entre 0,4 a 1 cm.

PF00/1578-431

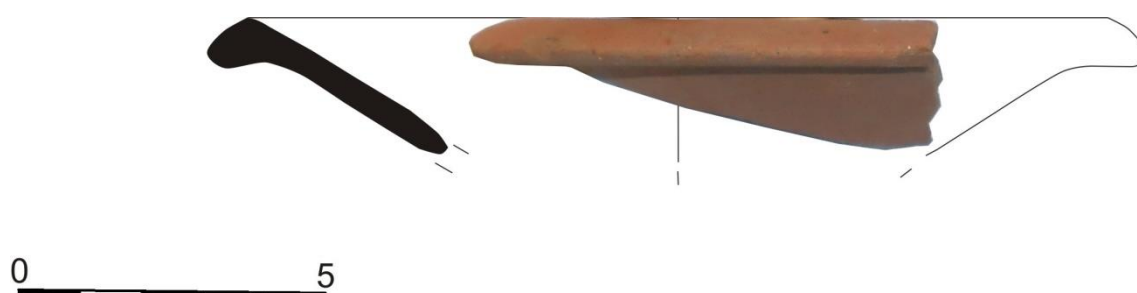
Tampa



Perfil completo de tampa, variante *A*, de orientação exvertida de tipo de espessamento de bisel interno. Fundo plano. Pasta oxidante de cor laranja acastanhado (M 7,5YR 7/8) dura com percentagem média de elementos não plásticos de elementos de menor dimensão. Fratura irregular. Bordo de Ø11 cm, espessura de bojo entre 0,5 a 0,7 cm, fundo de Ø 3,9 cm e altura de 1,9 cm.

PF00/1578-180

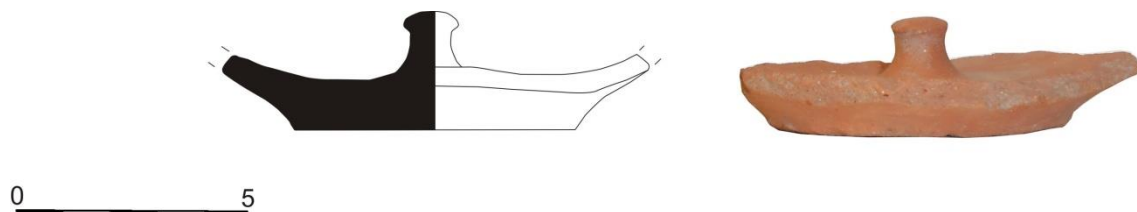
Tampa



Fragmento de bordo de tampa, variante *B*, de Bordo de orientação exvertida de tipo de espessamento de bisel externo. Pasta oxidante de cor laranja avermelhado (M 7,5YR 5/8) média percentagem de elementos não plásticos constituídos por micas brancas e outros elementos de pequena dimensão. Fratura irregular. Bordo de Ø18 cm e espessura de bojo de 0,5 cm.

PF00/2726-67

Tampa



Fragmento de fundo de tampa, tipo plano e asa/pega de forma cilíndrica e ponta circular. Pasta oxidante de cor laranja avermelhado (M 7,5YR 5/8) média percentagem de elementos não plásticos constituídos por micas brancas e outros elementos de pequena dimensão. Fratura irregular. Fundo de Ø6 cm e espessura de bojo de 0,5 cm.

PF00/1578-514

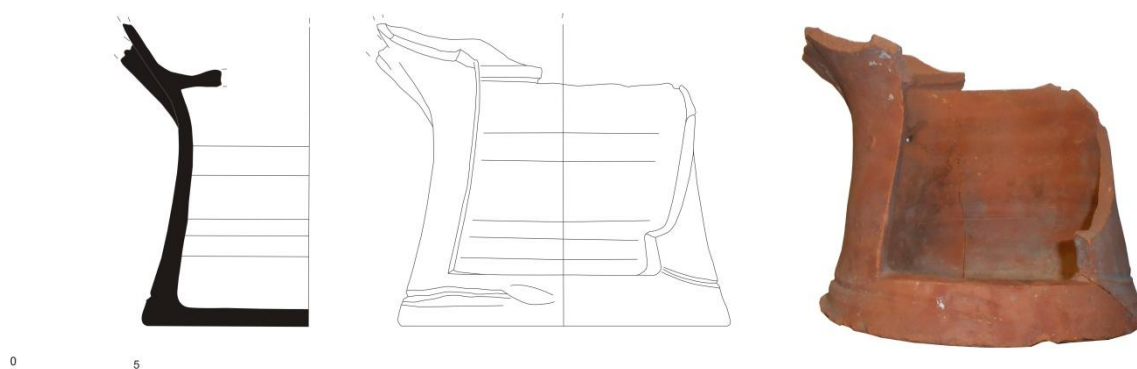
Frigideira



Fragmento de bordo com asa bordo de orientação invertida de tipo espessamento redondo para o interior e asa de tipo triangular de orientação horizontal oxidante. Forma aberta. Pasta dura de cor laranja avermelhado (M 7,5YR 5/8) de média percentagem de elementos não plásticos dura constituído por micas brancas, pequenos restos de cor vermelha escura. Bordo de Ø 15,2 cm e espessura de bojo entre 0,3 a 1,2 cm.

PF00/1611-1

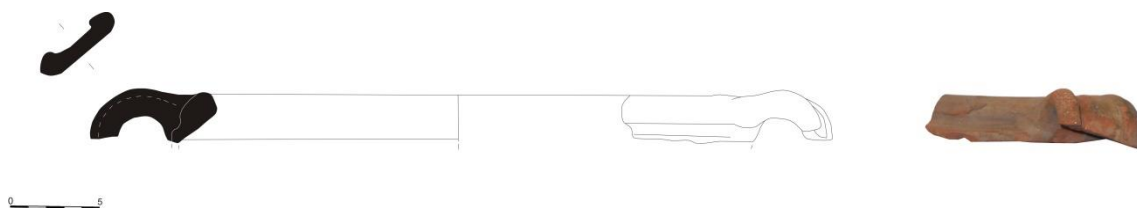
Fogareiro



Fundo de fogareiro de tipo plano e composto com a zona de "estrangulamento" associada a grelha côncava, sendo visível a entrada da zona de combustão. Forma aberta. Pasta oxidante de cor laranja avermelhado (M 7,5YR 5/8) média percentagem de elementos não plásticos constituídos por micas brancas e outros elementos de pequena dimensão. Fratura irregular. Decoração composta por incisão horizontal perto do fundo, na superfície exterior Fundo de Ø 14 cm e espessura de bojo entre 0,4 a 1,3 cm.

PF00/8/06-18

Fogareiro



Fragmento de bordo de fogareiro, de orientação invertida com tipo de espessamento, secção semi-circular para o interior. Asa de tipo fita com orientação vertical. Vestígios de queimadura na superfície exterior. Pasta oxidante de cor laranja avermelhado (M 7,5YR 5/8) média percentagem de elementos não plásticos constituídos por micas brancas e outros elementos de pequena dimensão. Fratura irregular. Bordo de Ø26 cm e espessura de bojo entre 0,6 a 1,7 cm.

PF00/1589-1

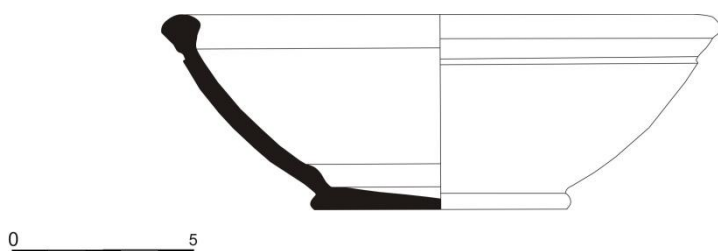
Tigela



Perfil completo de tigela, variante A, bordo de orientação invertida de tipo de espessamento redondo e fundo de tipo disco. Pasta oxidante de cor laranja avermelhado (M 7,5YR 5/8) média percentagem de elementos não plásticos constituídos por micas brancas e outros elementos de pequena dimensão. Fratura irregular. Decoração em engobe vermelho na superfície interior e excisão de linha horizontal debaixo do bordo. Bordo de Ø13,3 cm, fundo de Ø6,4 cm, espessura de bojo entre 0,4 a 1,1 cm e altura de 5,9 cm.

PF00/2726-50

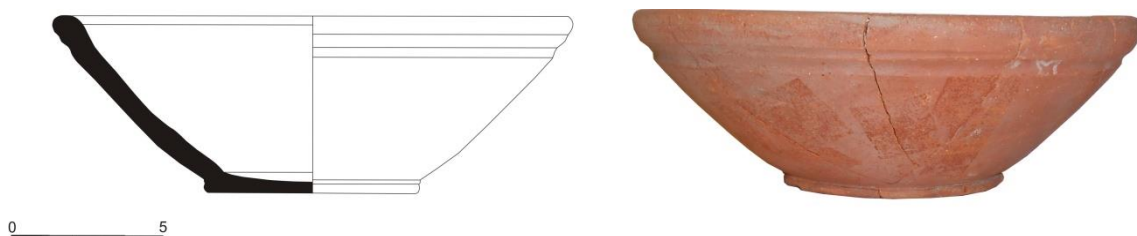
### Tigela



Perfil completo de tigela, variante *B*, bordo de orientação invertida de tipo de espessamento, semi-circular e fundo de tipo disco. Pasta oxidante de cor laranja avermelhado (M 7,5YR 5/8) média percentagem de elementos não plásticos constituídos por micas brancas e outros elementos de pequena dimensão. Fratura irregular. Decoração composta por excisão de linha horizontal debaixo do bordo. Bordo de Ø13,8 cm, fundo de Ø7 cm, espessura de bojo entre 0,4 a 1,1 cm e altura de 5,5 cm.

PF00/2735-227

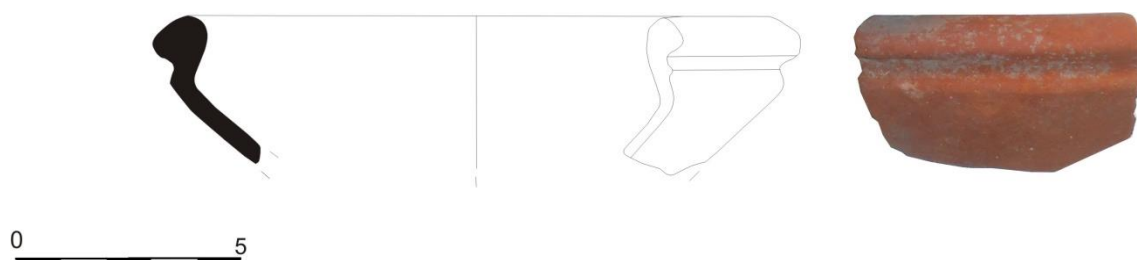
### Tigela



Perfil completo de tigela, variante *C*, bordo de orientação exvertida de tipo de espessamento bisel interno e fundo de tipo disco. Forma aberta. Pasta oxidante de cor laranja avermelhado (M 7,5YR 5/8) média percentagem de elementos não plásticos constituídos por micas brancas e outros elementos de pequena dimensão. Fratura irregular. Decoração com duas excisão horizontais debaixo do bordo. Bordo de Ø15,4 cm, fundo de Ø7,6, espessura de bojo entre 0,4 a 1 cm e altura de 5,9 cm.

PF00/2736-28

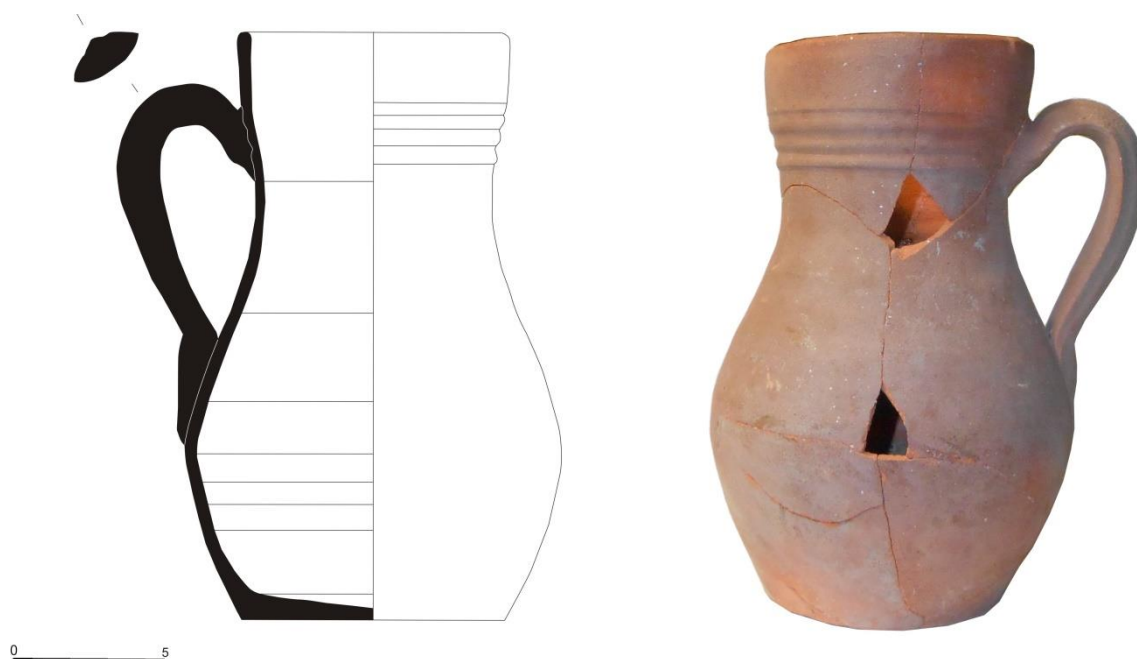
### Tigela



Fragmento de bordo de tigela, variante *D*, de orientação invertida de tipo de espessamento redondo para o exterior. Pasta oxidante de cor laranja avermelhado (M 7,5YR 5/8) média percentagem de elementos não plásticos constituídos por micas brancas e outros elementos de pequena dimensão. Fratura irregular. Decoração com excisão de linha horizontal debaixo do bordo. Bordo de Ø16 cm e espessura de bojo entre 0,3 a 1 cm.

PF00/2747-182

### Jarro

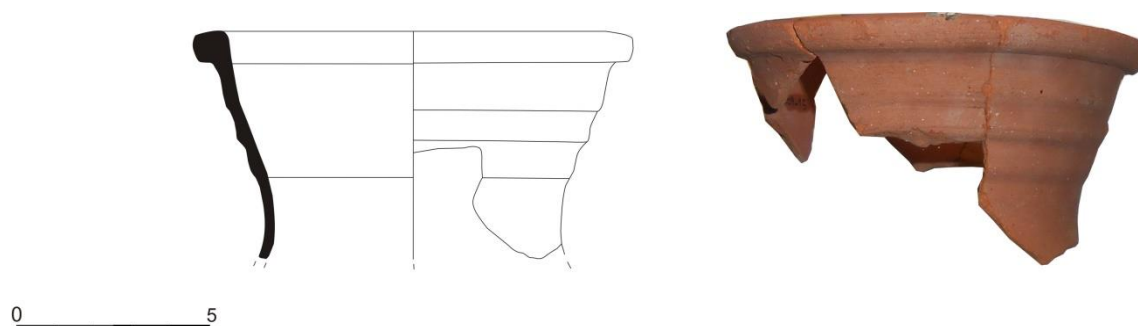


Perfil completo de jarro, variante *A*, constituído por um bordo de orientação reta de tipo redondo, asa de orientação vertical de tipo fita e fundo plano. Forma fechada de

corpo ovóide e colo cilíndrico. Pasta oxidante de cor laranja avermelhado (M 7,5YR 5/8) média percentagem de elementos não plásticos constituídos por micas brancas e outros elementos de pequena dimensão. Decoração com três incisões horizontais no colo. Bordo de Ø8,5 cm, fundo de Ø8,6 cm, altura de 19,4 cm e espessura de bojo entre 0,3 a 0,5 cm.

PF00/2743-214

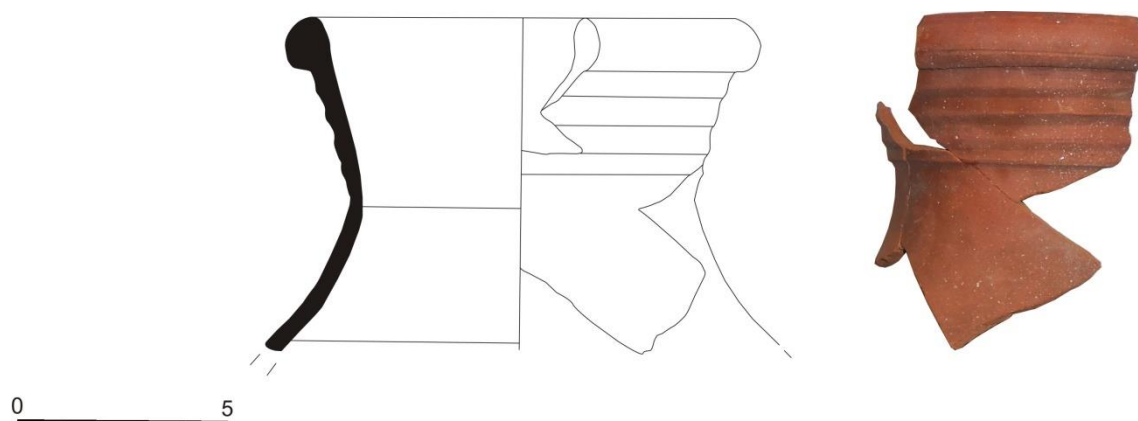
Jarro



Fragmento de bordo de jarro, variante *B*, de bordo de orientação exvertida de tipo de espessamento para o exterior, de secção retangular. Pasta oxidante de cor laranja avermelhado (M 7,5YR 5/8) média percentagem de elementos não plásticos constituídos por micas brancas e outros elementos de pequena dimensão. Fratura irregular. Decoração com três incisões horizontais no colo. Bordo de Ø10 cm e espessura de bojo entre 0,2 a 0,9 cm.

PF00/2735-6

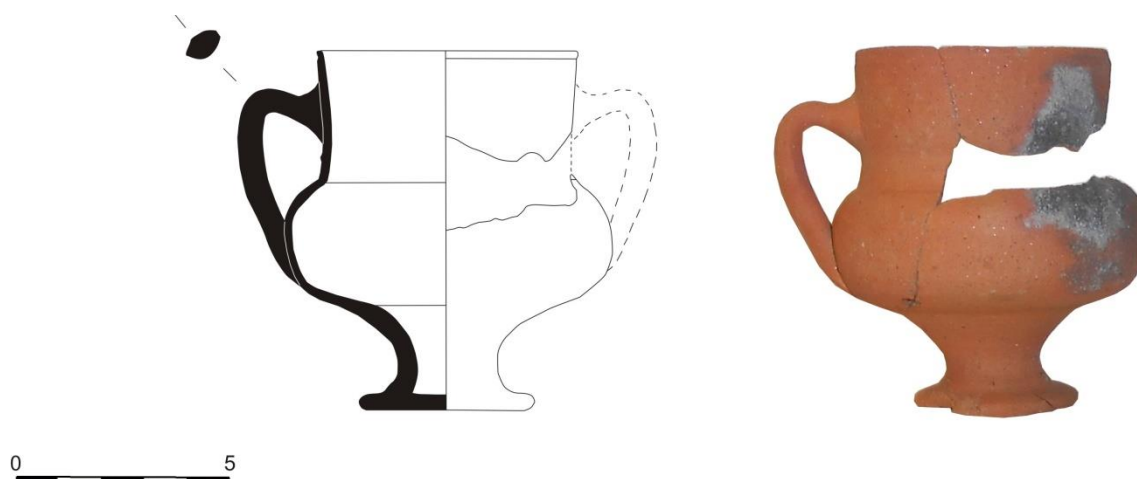
Jarro



Fragmento de bordo de jarro, variante C, de orientação reta de tipo de espessamento redondo para o exterior. Forma fechada. Pasta oxidante de cor laranja avermelhado (M 7,5YR 5/8) média percentagem de elementos não plásticos constituídos por micas brancas e outros elementos de pequena dimensão. Fratura irregular. Decoração com três incisões horizontais no colo. Bordo de Ø10 cm e espessura de bojo entre 0,2 a 0,9 cm.

PF00/2537-3

Púcaro

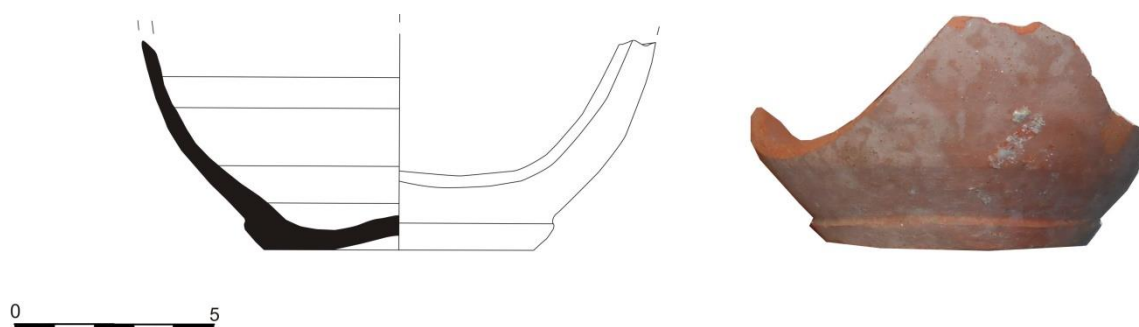


Perfil completo de púcaro, bordo de orientação reta de tipo de espessamento direito, asa de orientação vertical de tipo fita e fundo com pé alto. Forma aberta de corpo esférico e colo cilíndrico. Pasta oxidante de cor Laranja acastanhado (M 7,5YR 7/8) dura com percentagem média de elementos não plásticos sendo elementos de menor dimensão. Fratura irregular. Decoração composta por uma incisão horizontal perto do bordo na superfície exterior. Bordo de Ø5,8 cm, fundo de Ø3,8 cm, espessura de bojo entre 0,1 a 0,2 cm e altura de 8 cm.



PF00/1572-10

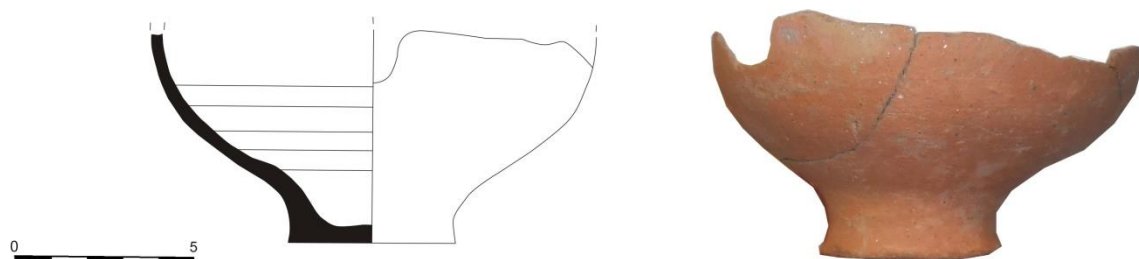
Púcaro



Fragmento de fundo de púcaro, de tipo disco com onfalo. Pasta oxidante de cor laranja avermelhado (M 7,5YR 5/8) média percentagem de elementos não plásticos constituídos por micas brancas e outros elementos de pequena dimensão. Fratura irregular. Fundo de Ø6,8 cm e espessura de bojo entre 0,3 a 0,6 cm.

PF00/2537-232

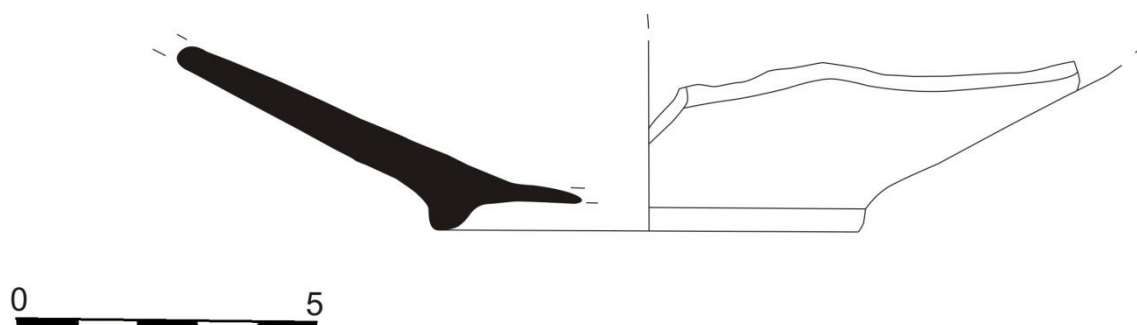
Púcaro



Fragmento de fundo de púcaro, com pé. Pasta oxidante redutora de cor laranja (M 7,5YR 7/6) e cinza (M 7,5YR 7/1) dura com percentagem média de elementos não plásticos com micas brancas de tamanho pequeno e elementos de pequena dimensão. Fundo de Ø 4,5 cm e espessura de bojo de 0,3 cm.

PF00/ 1578-446

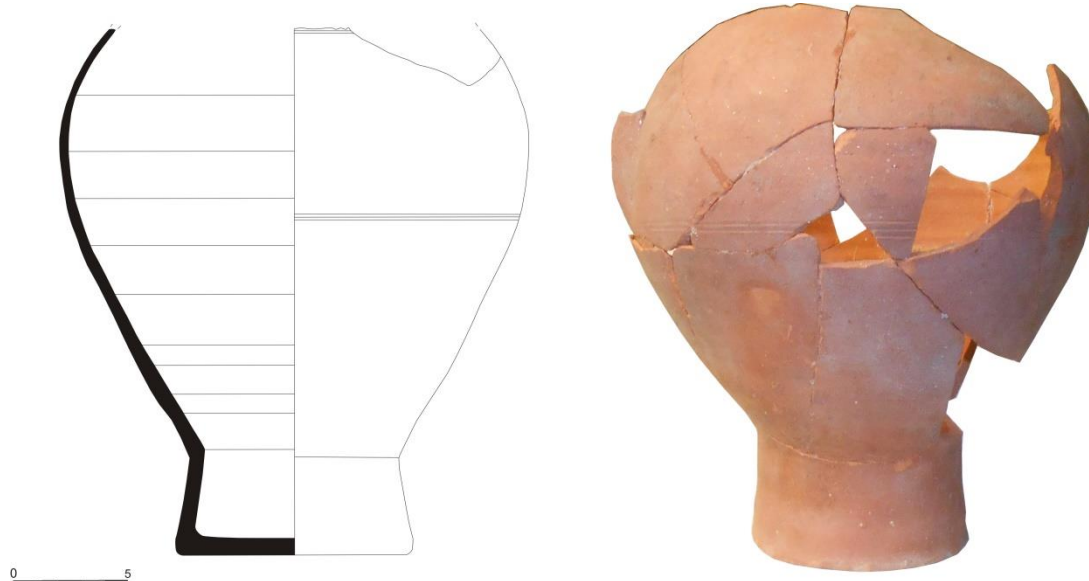
Prato



Fragmento de fundo de prato, em anel. Pasta redutora de cor castanha (M 7,5YR 5/4) dura com percentagem média de elementos não plásticos de micas brancas e outros elementos de média dimensão. Fundo de Ø6 cm e espessura de bojo entre 0,5 a 1 cm.

PF00/1589-15

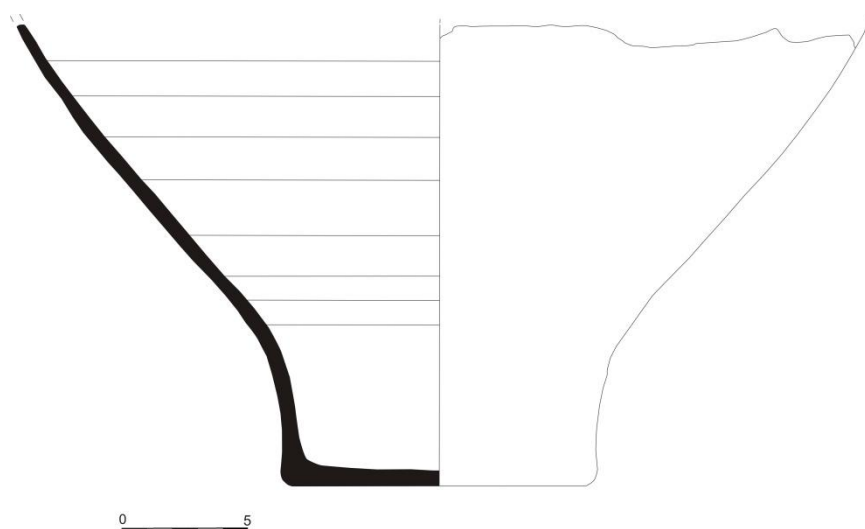
Cântaro



Fundo de cântaro de tipo plano e arranque de asa de orientação vertical de tipo fita. Forma fechada. Pasta oxidante de cor laranja avermelhado (M 7,5YR 5/8) média percentagem de elementos não plásticos constituídos por micas brancas e outros elementos de pequena dimensão. Fratura irregular. Decoração composta por incisões de duas linhas horizontais ao longo do colo. Fundo de Ø9,6 cm e espessura de bojo entre 0,3 a 0,6 cm.

PF00/1589-12

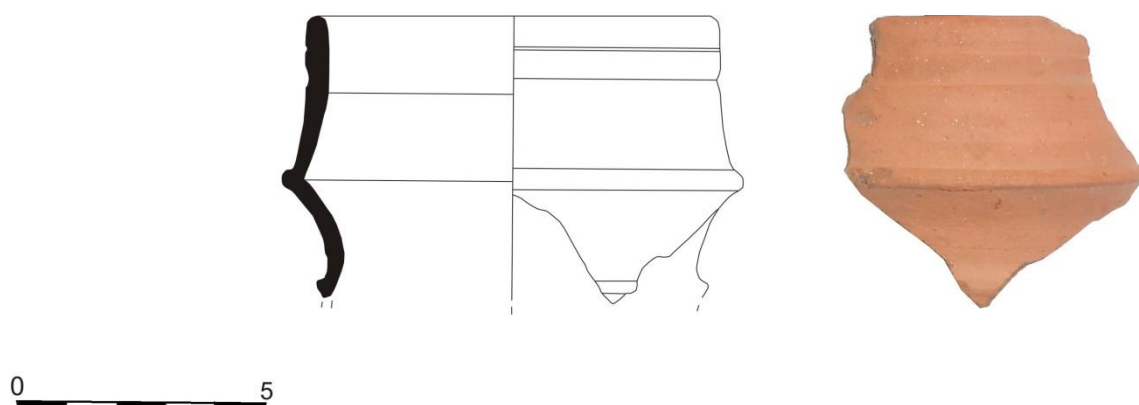
Cântaro



Fundo de cântaro de tipo plano. Forma fechada. Pasta oxidante de cor laranja (M 7,5YR 7/6) dura de média percentagem de elementos não plásticos de micas brancas e outros elementos finos. Fratura irregular. Fundo de Ø11,7 cm e espessura de bojo entre 0,3 a 0,6 cm.

PF00/2727-189

Bilha



Fragmento de bordo de bilha de orientação reta de tipo de espessamento redondo direito. Forma fechada. Pasta oxidante de cor laranja avermelhado (M 7,5YR 5/8) dura com alta percentagem de elementos não plásticos constituídos por quartzo de pequena e media dimensão, micas brancas e elementos finos. Fratura irregular. Decoração com duas carenas no colo. Bordo de Ø9 cm e espessura de bojo entre 0,2 a 0,4 cm.

PF00/2728-1

Talha



Fragmento de bojo de talha. Pasta oxidante de cor laranja avermelhado (M 7,5YR 5/8) de média percentagem de elementos não plásticos sendo micas brancas e outros elementos de pequena dimensão. Constituída com decoração em excisão de padrão circular na superfície exterior. Fratura irregular. Espessura de bojo entre 1 a 1,5 cm.

PF00/2728-149

Talha

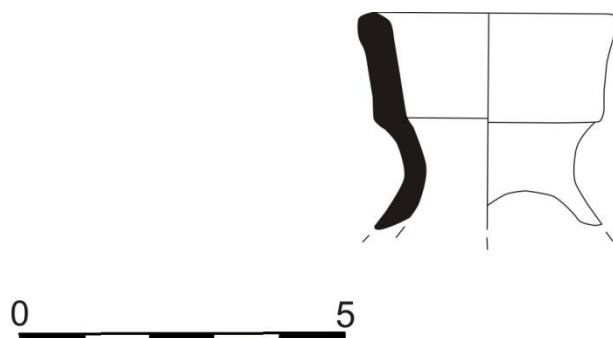


Fragmento de bojo de talha. Pasta oxidante de cor laranja avermelhado (M 7,5YR 5/8) de média percentagem de elementos não plásticos sendo micas brancas e

outros elementos de pequena dimensão. Constituída com decoração em excisão linear. Fratura irregular. Espessura de bojo entre 1 a 1,5 cm.

PF00/2640-368

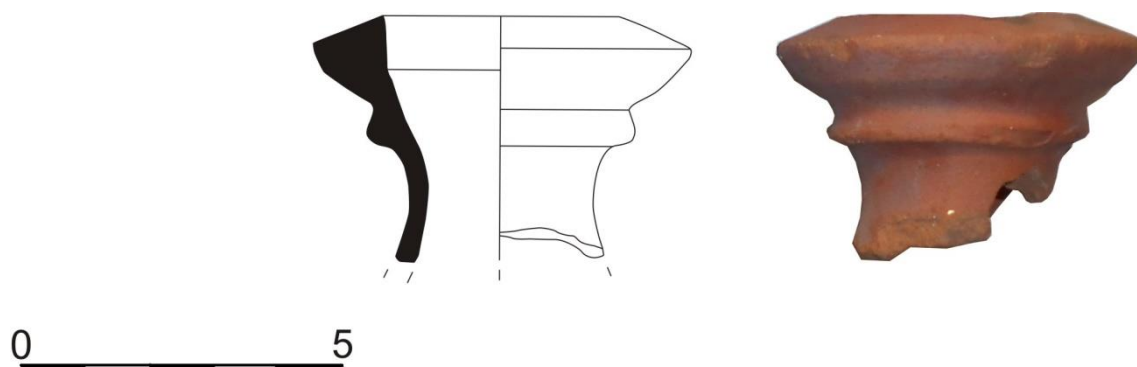
Garrafa



Fragmento de bordo de garrafa, variante *A*, de orientação exvertida de tipo de espessamento redondo para o exterior. Visível o início do gargalo. Forma fechada. Pasta oxidante de cor laranja avermelhado (M 7,5YR 5/8) baixa percentagem de elementos não plásticos constituídos por micas brancas e outros elementos de pequena dimensão. Fratura irregular. Bordo de Ø 4,4 cm e espessura de bojo entre 0,3 a 0,5 cm.

PF00/2734-45

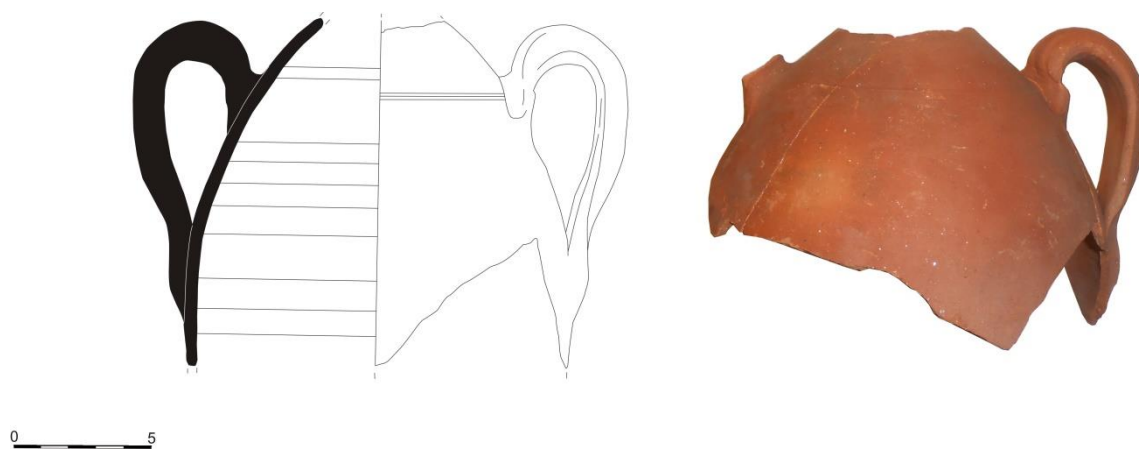
Garrafa



Bordo de garrafa, variante *B*, de orientação reta de tipo de espessamento bisel externo para o exterior. Visível o início do gargalo. Pasta oxidante de cor laranja avermelhado (M 7,5YR 5/8) baixa percentagem de elementos não plásticos constituídos por micas brancas e outros elementos de pequena dimensão. Fratura irregular. Canelura perto do bordo. Bordo de Ø 3,7 cm e espessura de bojo entre 0,3 a 1 cm.

PF00/2736-63

Garrafa



Bojo e asa de garrafa de orientação vertical. Forma fechada de corpo ovoide. Pasta oxidante de cor laranja avermelhado (M 7,5YR 5/8) baixa percentagem de elementos não plásticos constituídos por micas brancas e outros elementos de pequena dimensão. Fratura irregular. Decoração composta por uma incisão horizontal no colo. Espessura de bojo entre 0,3 a 0,4 cm.

PF00/2728-159

Peça de jogo

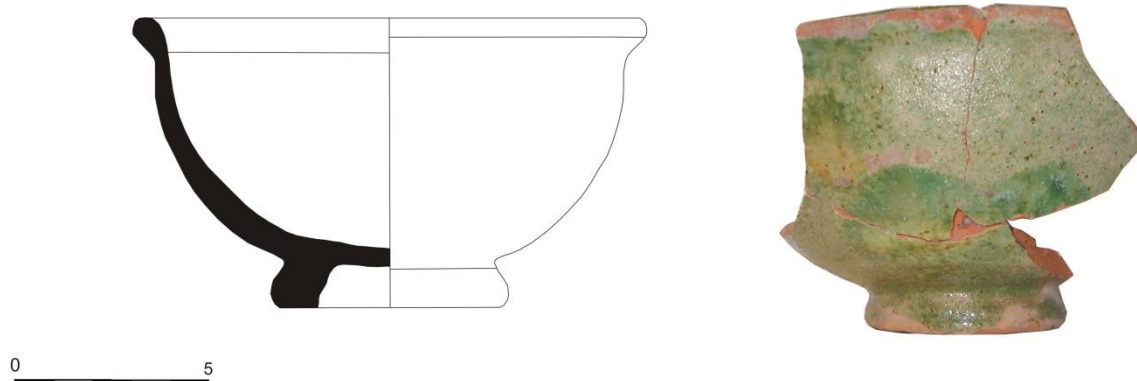


Forma circular de pasta oxidante de cor amarelada esbranquiçada (M 5Y 9/4) de pequena percentagem de elementos não plásticos. Espessura de 1,2 cm.

Cerâmica comum vidrada

PF00/1578-375

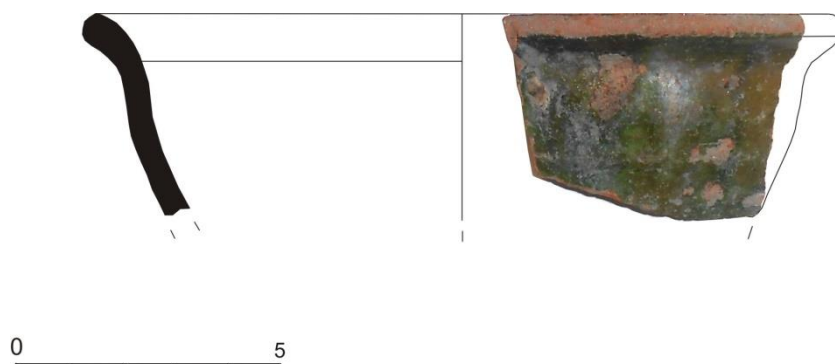
### Taça



Perfil completo de taça com bordo de orientação exvertida de tipo de espessamento redondo para o exterior e fundo de pé alto em anel. Forma aberta com corpo hemisférico. Pasta oxidante de cor vermelha (M 5R 5/16) dura com baixa percentagem de elementos não plásticos com quartzos e micas. O revestimento apresenta um vidrado amarelo na superfície interior (M 7,5YR 7/8) e vidrado a verde na superfície exterior (M 5G 5/18). Bordo de Ø14 cm, fundo de Ø6 cm, espessura de bojo entre 0,3 a 0,6 cm e altura de 7,4 cm.

PF00/1578-439

### Tigela

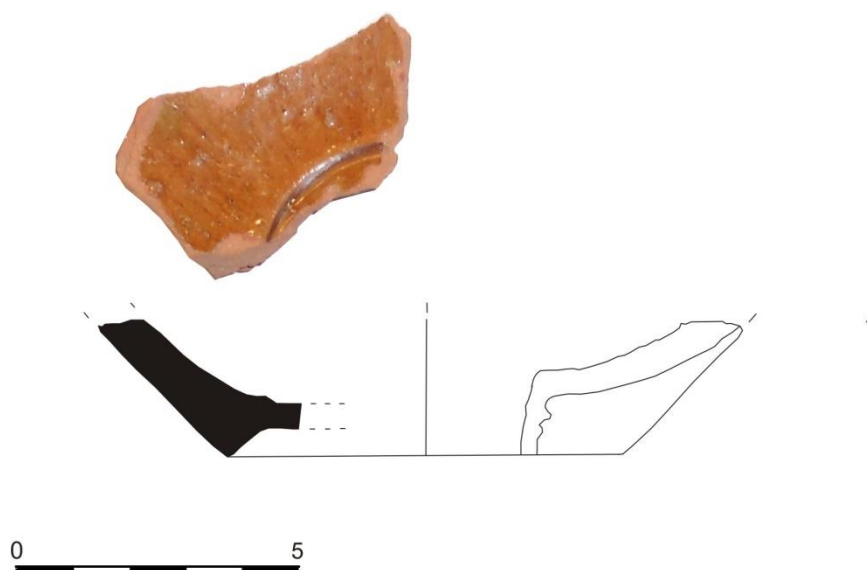


Fragmento de tigela de orientação exterior de tipo espessamento redondo para o exterior. Pasta oxidante de cor castanho-vermelho (Mussell 5 YR 7/6) dura com micas brancas muito finas. Revestimento a vidrado a verde (M 5G 5/8) na superfície total do fragmento. Fratura irregular. Bordo de Ø15 cm e espessura de bojo entre 0,4 a 0,5 cm.



PF00/1578-308

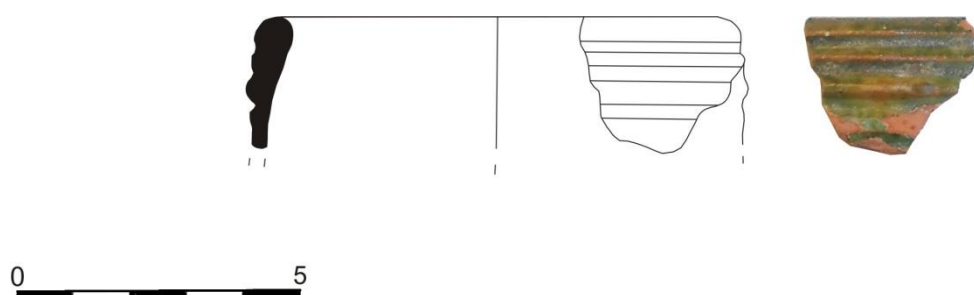
Prato



Fragmento de fundo de prato com pé. Forma aberta. Pasta oxidante de cor vermelha (M 5R 5/16) dura com baixa percentagem de elementos não plásticos com quartzos e micas. Revestimento a vitrado a amarelo na superfície interior (M 7,5YR 6/8). Fratura irregular. Fundo de Ø7 cm e espessura de bojo entre 0,4 a 0,9 cm.

PF00/2743-130

Púcaro



Fragmento de bordo de púcaro com orientação reta e de espessamento redondo interno. Forma aberta. Pasta oxidante de cor vermelha (M 5R 5/16) dura com baixa percentagem de elementos não plásticos com quartzos e micas. Revestimento composto por vitrado a amarelo melado (M 7,5YR 7/8) na superfície interior e vitrado a verde (M 5G 4/8) na superfície exterior complementado com três incisões. Fratura irregular. Bordo de Ø8 cm e espessura de bojo entre 0,3 a 0,6 cm.

PF00/2742-110

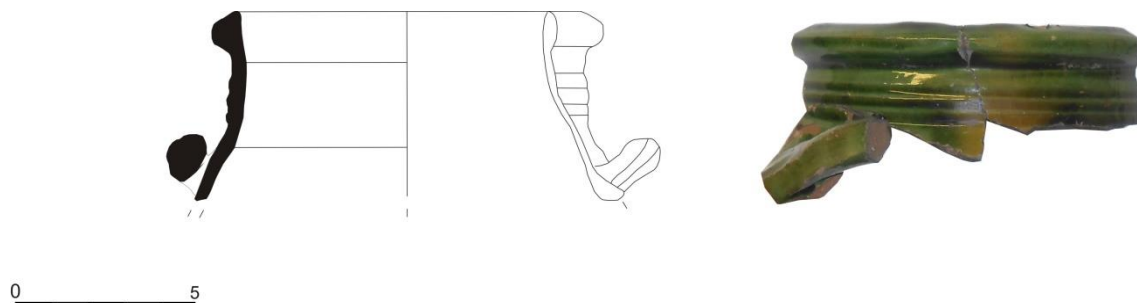
Servidor



Fragmento de bordo de servidor de orientação reta, de tipo espessamento em aba para o exterior. Pasta oxidante de cor vermelha (M 5R 5/16) dura com baixa percentagem de elementos não plásticos com quartzos e micas. Revestimento de vidrado a amarelo melado (M 7,5YR 7/8) na superfície interior e vidrado a verde (M 5G 5/8) na superfície exterior. Vestígios de queimado na pasta. Fratura irregular. Bordo de Ø17 cm e espessura de bojo entre 0,5 a 1,6 cm.

PF00/1614-133

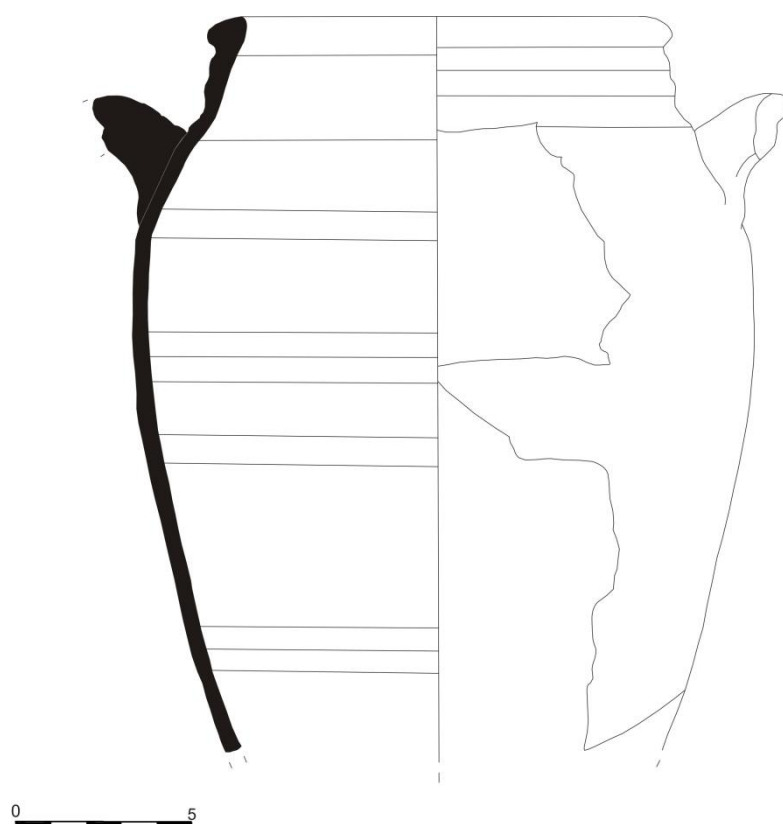
Pote



Fragmento de pote, variante A1, com bordo de orientação reta com tipo de espessamento para exterior, bisel exterior. Apresenta uma asa de tipo fita de orientação horizontal. Pasta redutora de cor cinza escura (Munsell 7,5YR 4/1) dura com média percentagem de elementos não plásticos tendo micas brancas. Revestimento de vidrado a amarelo (M 10Y 6/8) na superfície interior e vidrado a verde (M 5G 5/8) e manchas de amarelo (M 10Y 6/8) na superfície exterior e complementado com três incisões horizontais o colo abaixo do bordo. Fratura irregular. Bordo de Ø10 cm e espessura de bojo de 0,4 a 1 cm.

PF00/1572-36

Pote grande



Fragmento de pote, variante A2, de orientação reta de tipo espessamento para o exterior, bisel externo. Asa de tipo fita de orientação vertical. Pasta oxidante de cor vermelha (M 5R 5/16) dura com baixa percentagem de elementos não plásticos com quartzos e micas. Revestimento de vidrado a amarelo escuro (M 5R 7/12) na superfície interior e vidrado a verde (M 5G 5/12) na superfície exterior. Fratura irregular. Bordo de Ø11 cm e espessura de bojo entre 0,4 a 1,1 cm.

PF00/2743-23

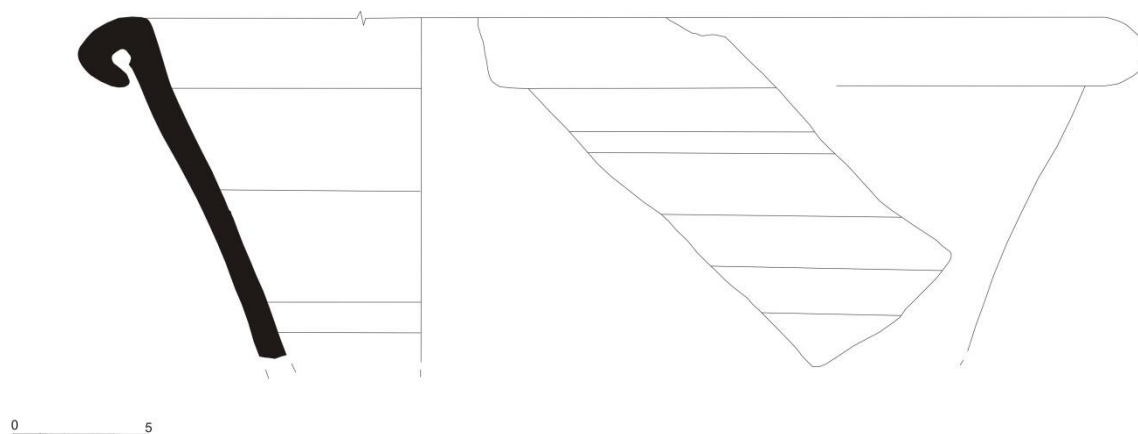
Pote



Fragmento de fundo de pote, sendo um fundo plano com onfâlo. Forma fechada. Pasta oxidante dura de cor vermelha (M 5R 5/16) com baixa percentagem de elementos não plásticos com quartzos e micas. Fratura irregular. Revestimento constituído por vidrado a amarelo escuro (M 5R 7/12) na superfície interior e vidrado a verde (M 5G 5/12) na superfície exterior. Fundo de Ø10 cm e espessura de bojo entre 0,4 a 1,2 cm.

PF00/2734-117

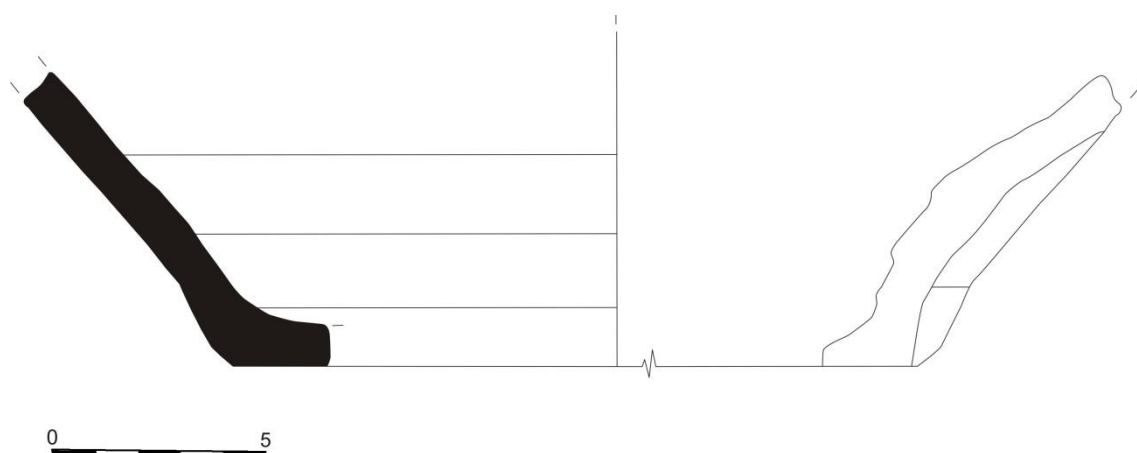
Alguidar



Fragmento de alguidar com bordo de orientação exvertida, de tipo espessamento para o exterior. Pasta oxidante de cor vermelha (M 5R 5/16) dura com baixa percentagem de elementos não plásticos com quartzos e micas. Revestimento com vidrado a verde (M 5G 3/8) na superfície interior. Fratura irregular. Bordo de Ø50 cm e espessura de bojo entre 0,8 a 1,4 cm.

PF00/1611-9

Alguidar



Fragmento de fundo plano. Pasta oxidante de cor vermelha (M 5R 5/16) dura com baixa percentagem de elementos não plásticos com quartzos e micas. Revestimento em vidrado a verde (M 5G 4/12) na superfície interior. Fratura irregular. Fundo de Ø40 cm e espessura de bojo de 0,9 cm.

## Cerâmica fina e modelada

PF00/2642-100

Púcaro



Perfil completo de púcaro com bordo de orientação exvertida, variante *AI*, de tipo espessamento redondo para o exterior. Ressalto no colo do bojo. Fundo em disco com ônfalo e asa em fita com orientação vertical. Forma fechada tendo o bojo de forma elipsóide e o colo troncocónico. Pasta dura oxidante, laranja avermelhada (M 7,5YR 6/6) com baixa percentagem de elementos não plásticos sendo micas brancas e elementos finos de cor vermelha. Fratura irregular. Bordo de Ø 6,7 cm, fundo de Ø 4,2 cm, espessura de bojo entre 0,1 a 0,3 cm e altura de 9,5 cm.

PF00/2736-3

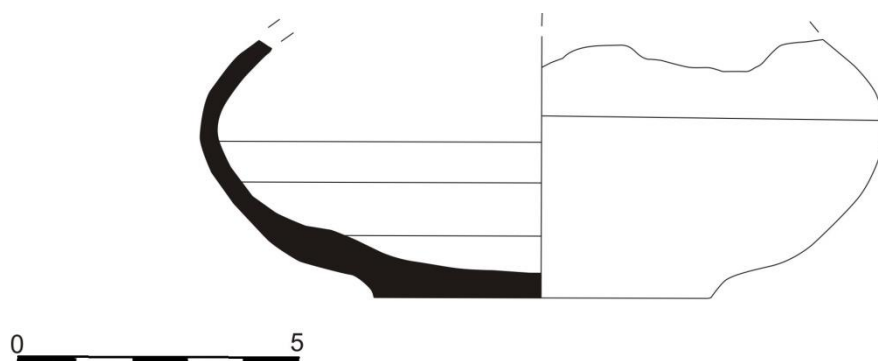
Púcaro



Perfil completo de púcaro com bordo de orientação exvertida, variante A2, de tipo direito com espessamento para o exterior, pequena canelura no colo e fundo em disco com ônfalo. Arranque de asa com orientação vertical. Forma fechada com o bojo de forma ovóide. Pasta dura oxidante, vermelha (M 5R 5/12) com baixa percentagem de elementos não plásticos sendo micas brancas e elementos finos de calcário. Fratura irregular. Bordo de Ø 8 cm e fundo de Ø 4 cm, espessura de bojo entre 0,2 a 0,5 cm e altura de 10,2 cm.

PF00/2742-306

Púcaro



Fragmento de fundo de púcaro de tipo plano. Pasta oxidante de cor vermelha (M 5R 5/12) de percentagem baixa de elementos não plásticos sendo micas brancas e elementos finos de calcário. Fratura irregular. Fundo de Ø 4,6 cm e espessura de bojo entre 0,2 a 0,6 cm.

PF00/1614-25 e PF00/1578-103

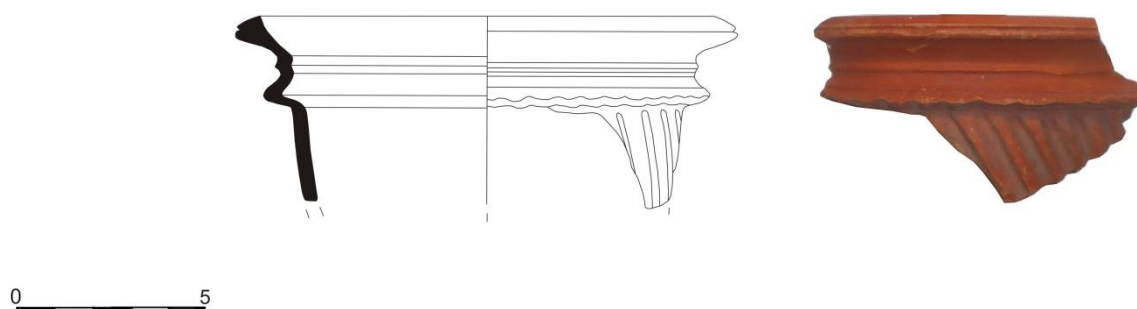


Dois fragmentos de asas torcidas de possível púcaro. Pasta oxidante de cor vermelha (M 5R 5/12) de percentagem baixa de elementos não plásticos sendo micas brancas e elementos finos de calcário. Fratura irregular. 0,5 a 1 cm de espessura.



PF00/1611-48

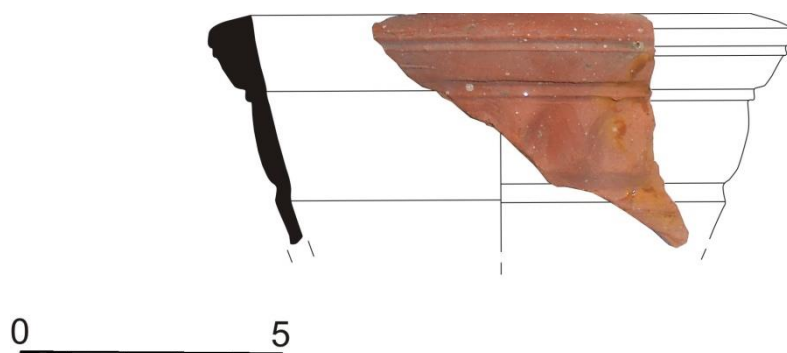
Taça



Fragmento de bordo de taça, variante A, de orientação exvertida e de tipo espessamento bisel para o exterior. Forma aberta. Pasta dura oxidante, de vermelha (M 5R 5/12) com baixa percentagem de elementos não plásticos de micas brancas e elementos finos de calcário. Fratura irregular. Decorações com ondulações na canelura e sete incisões diagonais. Bordo de Ø 12 cm e espessura de bojo entre 0,2 a 0,4 cm.

PF00/2743-145

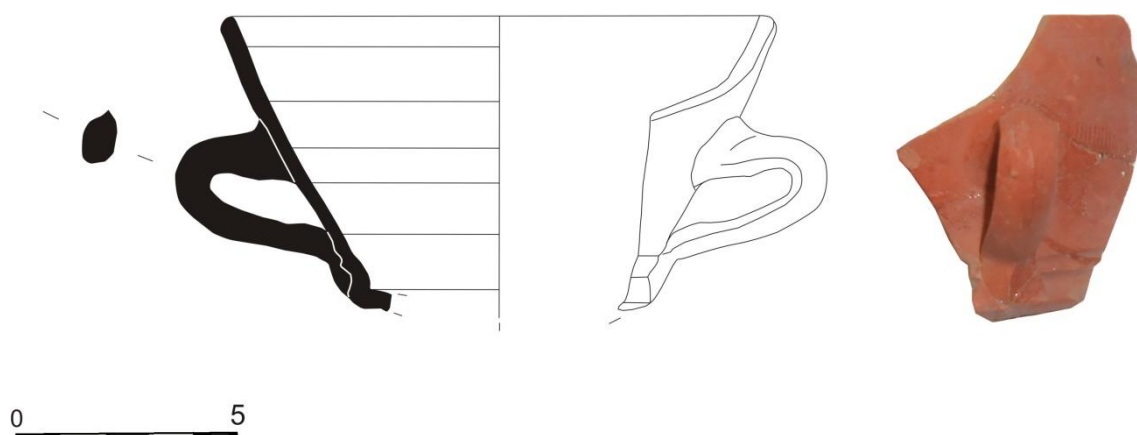
Taça



Fragmento de taça, variante A, com bordo de orientação exvertida com espessamento de tipo bisel externo. Forma aberta. Pasta dura oxidante, vermelha (M 5R 5/12) de percentagem baixa de elementos não plásticos sendo micas brancas e elementos finos de calcário. Fratura irregular. Decoração a Vidrado amarelo e 3 impressões a digitação na superfície exterior. Bordo de Ø10 cm e espessura de bojo entre 0,2 a 0,9 cm.

PF00/1608-109

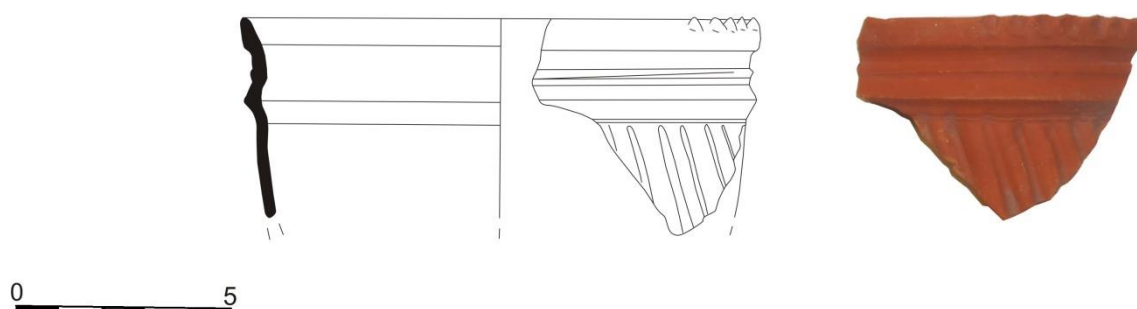
Taça



Perfil completo de taça, variante *B*, de bordo de orientação exvertida de tipo de espessamento redondo para o exterior, asa tipo fita de orientação vertical e fundo de tendência plana. Forma aberta de corpo troncocônico. Pasta dura oxidante, de cor vermelha (M 5R 5/12) de percentagem baixa de elementos não plásticos sendo micas brancas e elementos finos de calcário. Fratura irregular. Bordo de Ø 8 cm, fundo de Ø 6 cm, espessura de bojo entre 0,3 a 0,4 cm e altura de 7 cm.

PF00/1608-2

Taça

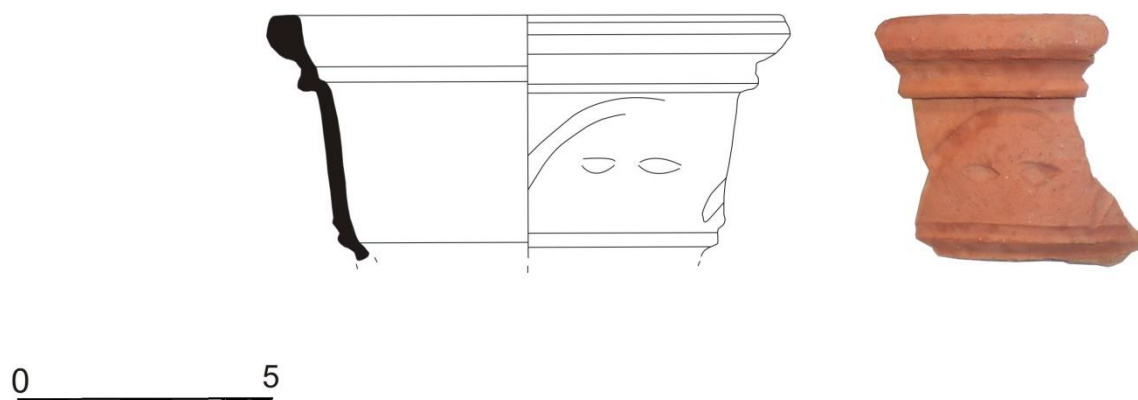


Fragmento de bordo de taça, variante *B*, de orientação exvertida e de tipo espessamento redondo para o exterior. Pasta oxidante de cor vermelha (M 5R 5/12) com baixa percentagem de elementos não plásticos de micas brancas e elementos finos de calcário. Fratura irregular. Decoração com sete incisões diagonais no colo e sete

incisões diagonais de menor dimensão no bordo. Bordo de Ø 10 cm e espessura de bojo entre 0,3 a 0,4 cm.

PF00/2743-143

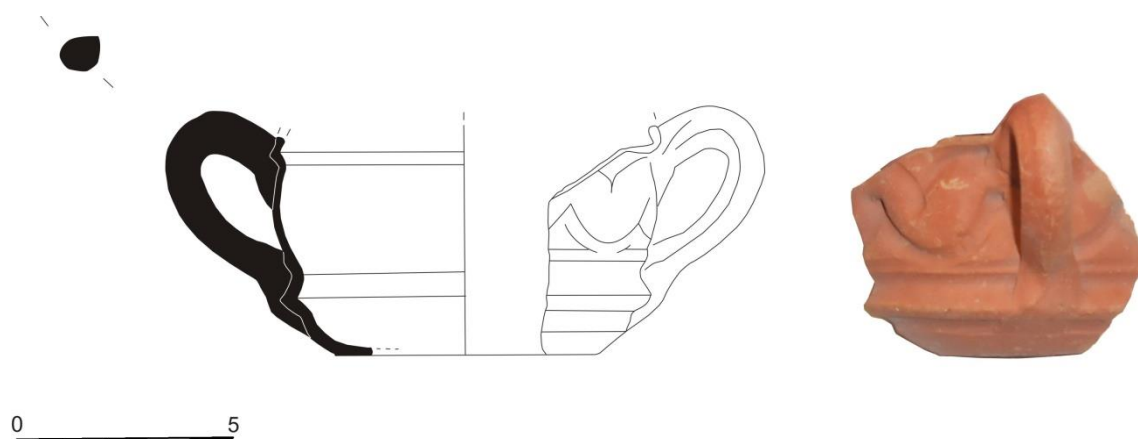
Taça



Fragmento de bordo de taça, Variante C, de orientação exvertida, de tipo de espessamento reto, de secção retangular. Forma aberta. Pasta dura oxidante, de cor laranja avermelhada (M 7,5YR 6/6) de baixa percentagem de elementos não plásticos de micas brancas e elementos finos de cor vermelha. Fratura irregular. Decoração constituída por duas incisões em linha e semi-circulares na superfície exterior, e na superfície interior quatro incisões semi-circulares. Bordo de Ø 9 cm e espessura de bojo entre 0,2 a 0,5 cm.

PF00/1611-18

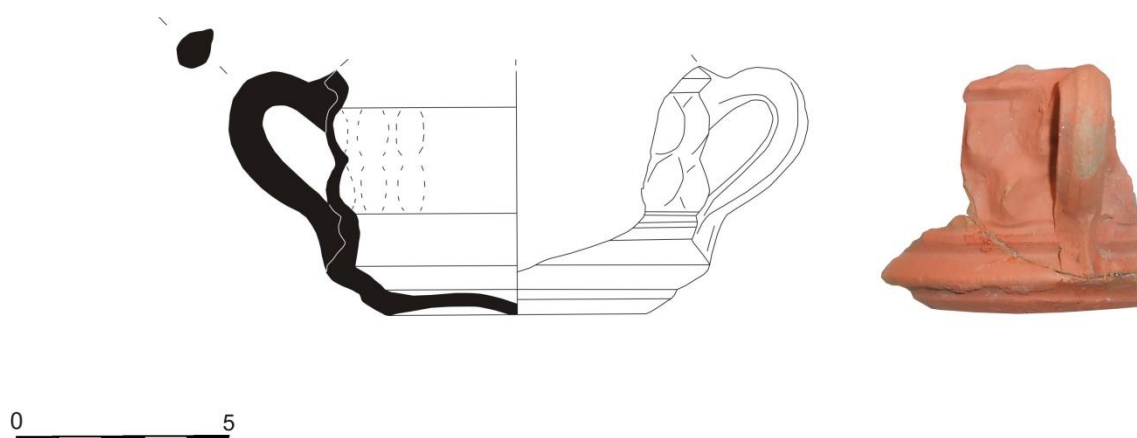
Taça



Fragmento de fundo de taça, de tipo plano e asa de orientação vertical de tipo fita. Forma aberta. Pasta oxidante de cor vermelha (M 5R 5/12) com baixa percentagem de elementos não plásticos de micas brancas e elementos finos de calcário. Fratura irregular. Decoração composta por duas incisões onduladas e caneluras. Fundo de Ø6 cm e espessura de bojo entre 0,2 a 0,4 cm.

PF00/2726-43

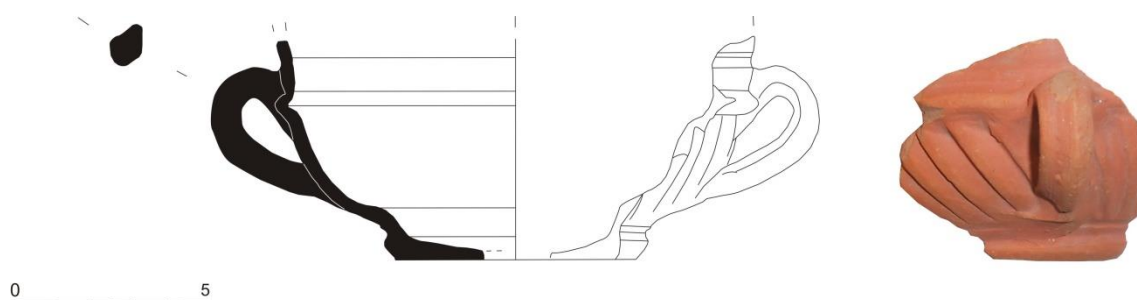
Taça



Fragmento de fundo plano e carena perto do fundo e asa de tipo fita de orientação vertical. Pasta dura oxidante, vermelha (M 5R 5/12) de percentagem baixa de elementos não plásticos sendo micas brancas e elementos finos de calcário. Fratura irregular. Decoração com 6 impressões a digitação na superfície exterior. Fundo de Ø 6 cm e espessura de bojo entre 0,1 a 0,6 cm.

PF00/1572-57

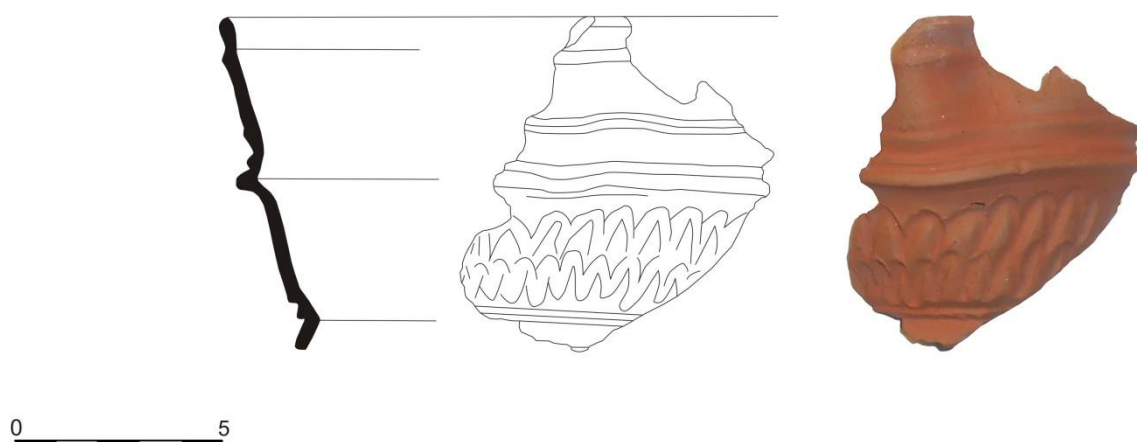
Taça



Fragmento de fundo com asa de taça. Fundo plano cuja asa é de orientação vertical de tipo fita. Forma aberta. Pasta dura oxidante, de cor vermelha (M 5R 5/12) com baixa percentagem de elementos não plásticos de micas brancas e elementos finos de calcário. Fratura irregular. Decoração de carena no colo e seis incisões verticais. Bordo de Ø7 cm e espessura de bojo entre 0,3 a 0,6 cm.

PF00/1572-56

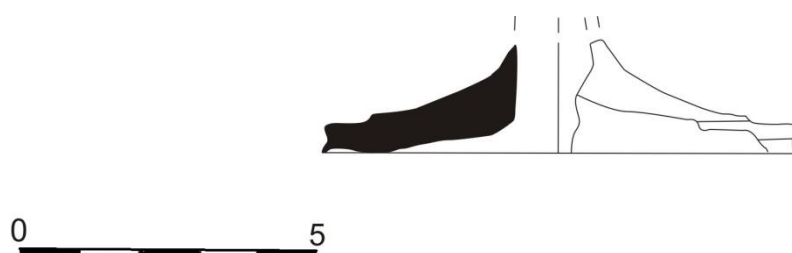
Taça de “Cesto”



Fragmento de bordo de taça de “cesto” de orientação exvertida de tipo de espessamento redondo para o exterior. Forma aberta com 4 “ondulações” no colo. Pasta dura oxidante, de cor laranja avermelhada (M 7,5YR 6/6) de elementos não plásticos de micas brancas e elementos finos de cor vermelha. Fratura irregular. Decoração de ondulações na superfície exterior. A medição do bordo é indeterminada. Espessura de bojo entre 0,1 a 0,2 cm.

PF00/2684-66

Taça de pé alto



Fragmento de fundo de taça de pé alto, de tipo com onfâlo. Pasta dura oxidante de cor laranja avermelhada (M 7,5YR 6/6) dura com poucos elementos não plásticos compostos por micas brancas e elementos finos de cor vermelha. Fratura irregular. Fundo de Ø 8 cm e espessura de fundo entre 0,4 a 1,2 cm.

PF00/1572-58

Jarrinha

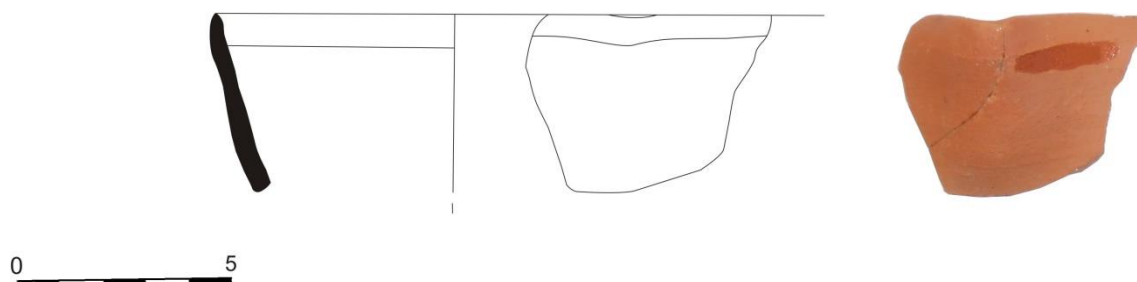


Perfil completo de Jarrinha tendo um bordo de orientação reta de tipo espessamento redondo, fundo em disco com ônfalo. Uma asa de tipo fita com orientação vertical. Forma fechada com colo cilíndrico e bojo de forma ovóide. Pasta Oxidante dura, de cor vermelha (M 5R 5/12) com baixa percentagens de elementos não plásticos sendo micas brancas e elementos finos de calcário. Fratura irregular. Na superfície

interior perto do bordo verifica-se decoração com 13 incisões realizadas por meio da digitação. Bordo de Ø 7,8 cm, fundo de Ø 5 cm, espessura de bojo entre 0,3 a 1 cm e altura de 13,9 cm.

PF00/2743-231

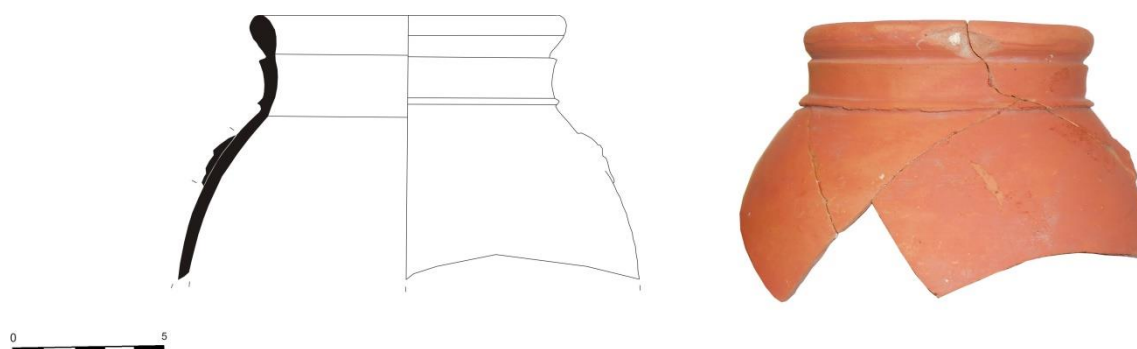
Jarro



Fragmento de bordo de jarro de orientação de tendência exvertida de espessamento redondo. Pasta oxidante de cor laranja avermelhada (M 7,5YR 6/6) dura com poucos elementos não plásticos compostos por micas brancas e elementos finos de cor vermelha. Fratura irregular. Espessura de bojo entre 0,2 a 0,4 cm.

PF00/2735-84

Pote

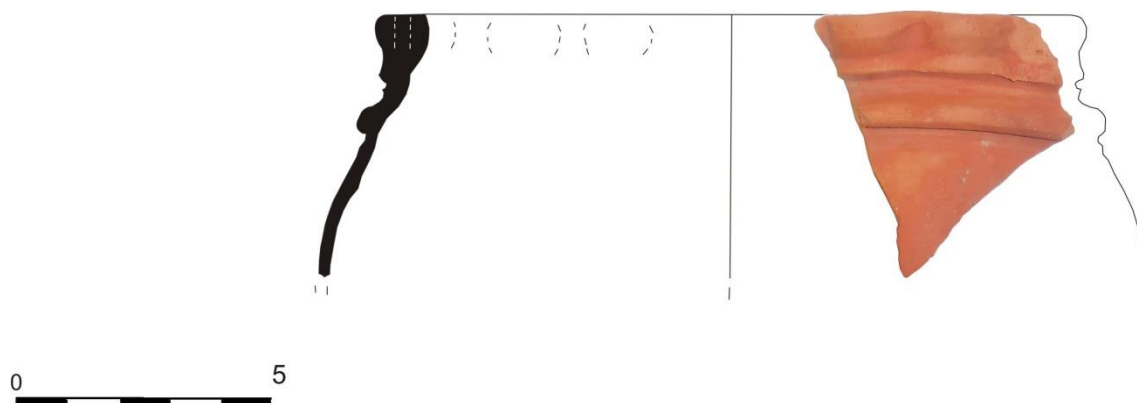


Fragmento de pote, variante A, de bordo de orientação reta, de tipo de espessamento redondo. Vestígios do arranque das asas essas mesmas com orientação vertical. Com arranque de asa com orientação vertical. Forma fechada. Pasta dura oxidante, vermelha (M 5R 5/12) com baixa percentagem de elementos não plásticos

sendo micas brancas e elementos finos de calcário. Fratura irregular. Bordo de Ø 9 cm e espessura de bojo entre 0,4 a 0,8 cm.

PF00/2742-162

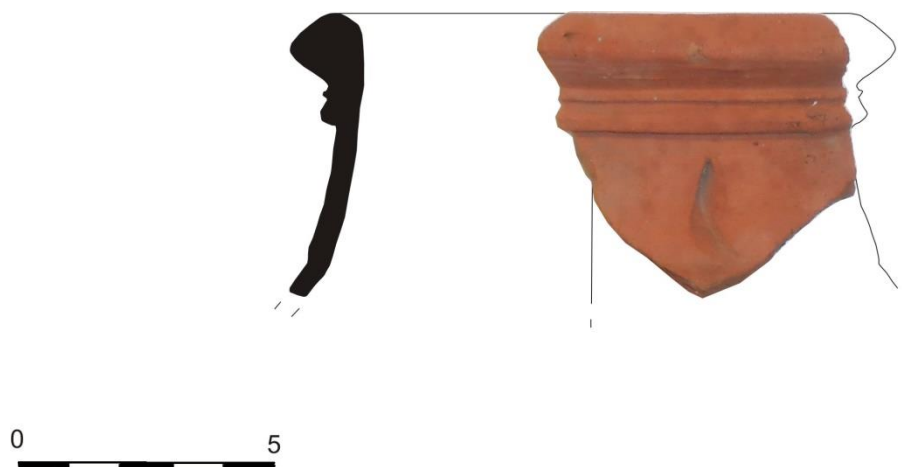
Pote



Fragmento de pote, variante *B*, bordo de orientação invertida, de tipo de espessamento para o exterior, redondo. Forma fechada. Pasta dura oxidante, vermelha (M 5R 5/12) com baixa percentagem de elementos não plásticos sendo micas brancas e elementos finos de calcário. Fratura irregular. Decoração no bordo com ondulações. Bordo de Ø 12 cm e espessura de bojo entre 0,2 a 0,3 cm.

PF00/1578-515

Pote



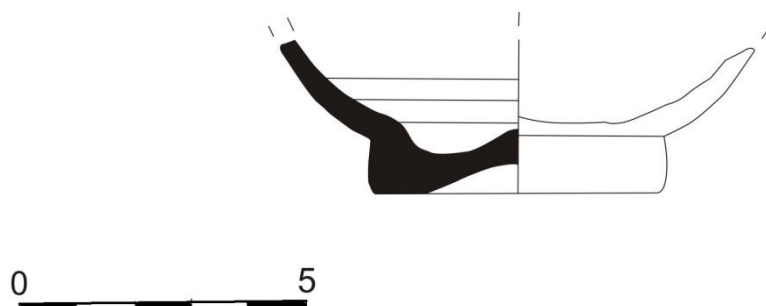
Fragmento de pote, variante *C*, de bordo de orientação reta, de tipo espessamento de bisel externo, ressalto no colo. Forma Fechada. Pasta dura oxidante,



vermelha (M 5R 5/12) com baixa percentagem de elementos não plásticos sendo micas brancas e elementos finos de calcário. Fratura irregular. Decoração com uma incisão vertical na superfície exterior. Bordo de Ø 10 cm e espessura de bojo entre 0,5 a 1,8 cm.

PF00/1578-447

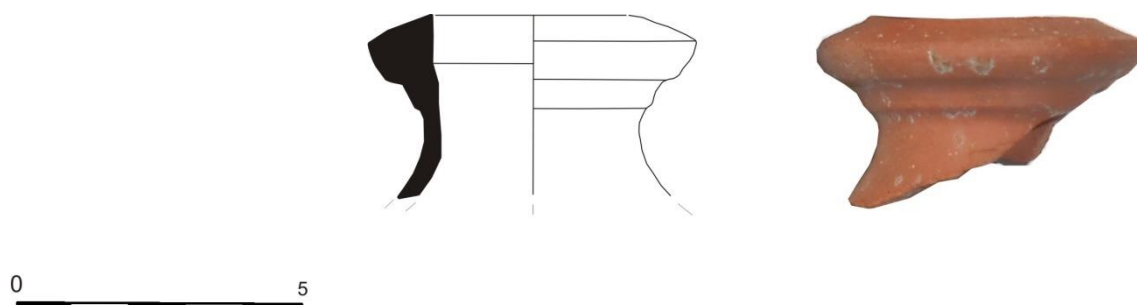
Potinho



Fragmento de fundo de potinho, de tipo pé alto com onfâlo. Pasta oxidante de cor vermelha (M 5R 5/12) de percentagem baixa de elementos não plásticos sendo micas brancas e elementos finos de calcário. Fratura irregular. Fundo de Ø 4,4 cm e espessura de bojo entre 0,3 a 0,9 cm.

PF00/2743-187

Garrafa



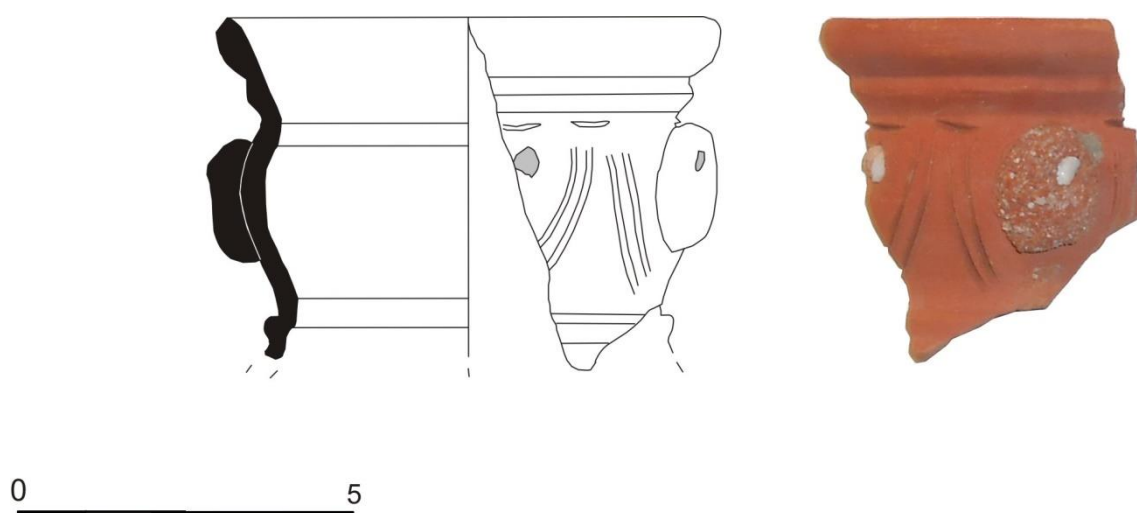
Fragmento de bordo de garrafa de orientação reta, com tipo de espessamento para o exterior apresentando uma pequena aba. Forma fechada. Pasta oxidante dura, laranja avermelhada (M 7,5YR 6/6) com baixa percentagem de elementos não plásticos

sendo micas brancas e elementos finos de cor vermelha. Fratura irregular. Bordo de Ø 3,5 cm e espessura de bojo entre 0,5 a 1 cm.

Cerâmica “pedrada”

PF00/2726-15

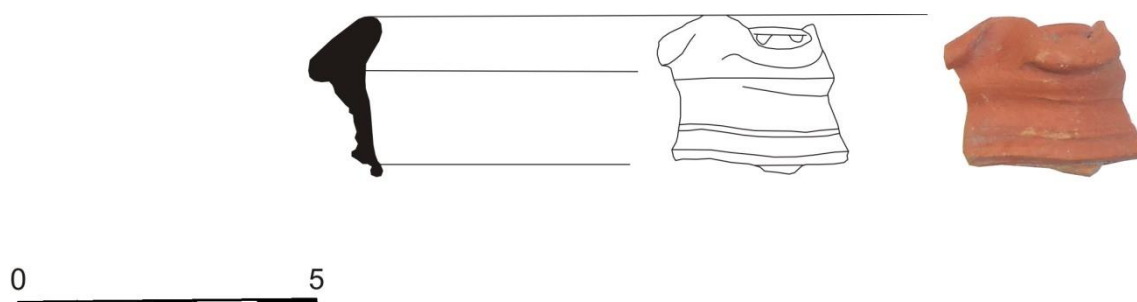
Púcaro



Fragmento de bordo de orientação exvertida, tipo de espessamento redondo para o exterior. Pasta oxidante, de cor alaranja avermelha (M 7,5YR 6/6) dura de baixa percentagem de elementos não plásticos, constituídos por micas brancas e elementos muito finos de quartzo. Fratura irregular. Decoração com duas pedras de quartzo brancas de média dimensão, duas caneluras (perto do bordo e no colo), seis incisões verticais e três horizontais e aplicação de pasta cerâmica constituída por fragmentos de quartzo de pequeníssima dimensão. Bordo de Ø9 cm e espessura de bojo entre 0,4 a 0,3 cm.

PF00/2743-140

Taçinha



Fragmento de bordo de orientação reta, tipo de espessamento redondo para o exterior. Pasta oxidante de cor alaranja avermelhada (M 7,5YR 6/6) dura de baixa

percentagem de elementos não plásticos, constituídos por micas brancas e elementos muito finos de quartzo. Fratura irregular. Decoração com pedras de quartzo, todavia são ausentes os três fragmentos de quartzo. Bordo indeterminado. Espessura de bojo entre 0,4 a 0,3 cm.

PF00/1578-482; PF00/2729-6; PF00/2742-66

Bojos indeterminados



Bojos indeterminados com pasta oxidante de cor alaranja avermelhada (M 7,5YR 6/6) dura de baixa percentagem de elementos não plásticos, constituídos por micas brancas e elementos muito finos de quartzo. Fratura irregular. Decoração com pedras de quartzo de pequena e média dimensão. Espessura de bojo entre 0,4 a 0,3 cm.

Faiança portuguesa

PF00/1578-373

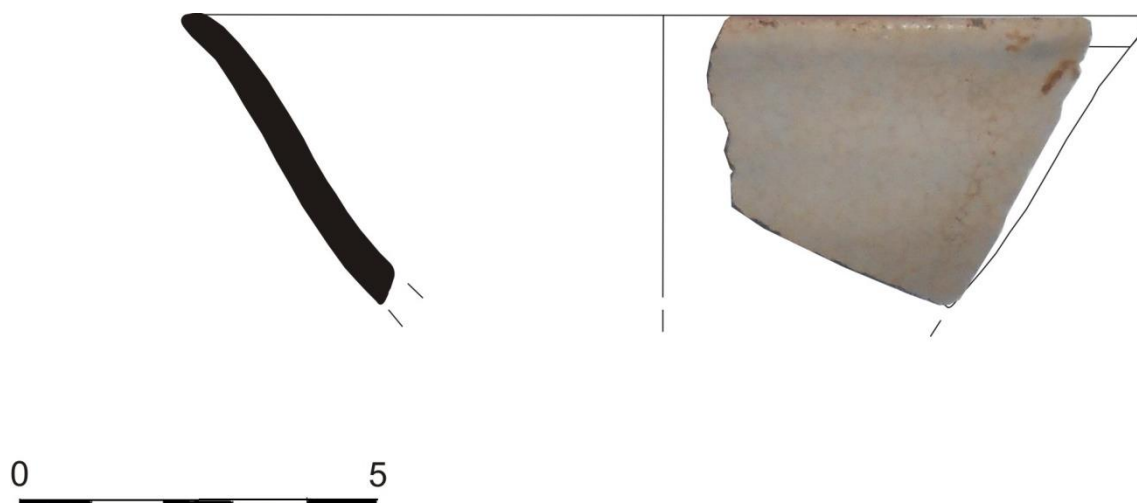
Tigela



Fragmento de bordo de tigela, variante A, de orientação exvertida, de tipo espessamento redondo para o exterior. Fragmento de outro bordo anexado a este sendo uma falha durante a cozedura. Pasta oxidante de cor bege amarelada (M 5Y 9/6) com baixa percentagem de elementos não plásticos sendo de tendência porosa, com elementos não plásticos finos de óxidos de ferro vermelho e micas. Revestimento a branco (M-N 9,5) na superfície total da peça. Fratura irregular. Bordo de Ø12 cm e espessura de bojo de 0,5 cm.

PF00/1572-41

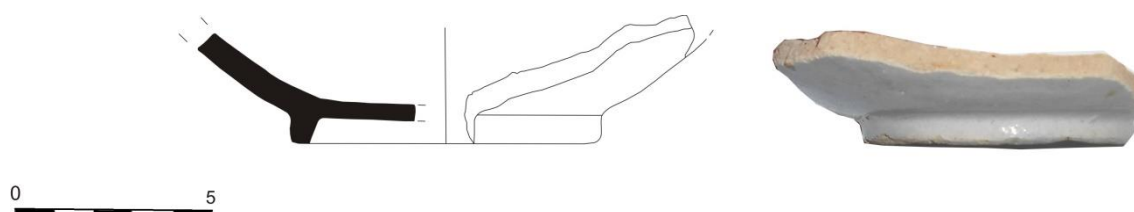
Tigela



Fragmento de bordo de tigela, variante B, de orientação exvertida, de tipo espessamento de bisel interior. Pasta oxidante de cor bege amarelada (M 5Y 9/6) com baixa percentagem de elementos não plásticos sendo de tendência porosa, com elementos não plásticos finos de óxidos de ferro vermelho e micas. Revestimento a branco (M-N 9,5) na superfície total da peça. Fratura irregular. Bordo de Ø14 cm e espessura de bojo de 0,5 cm.

PF00/1578-371

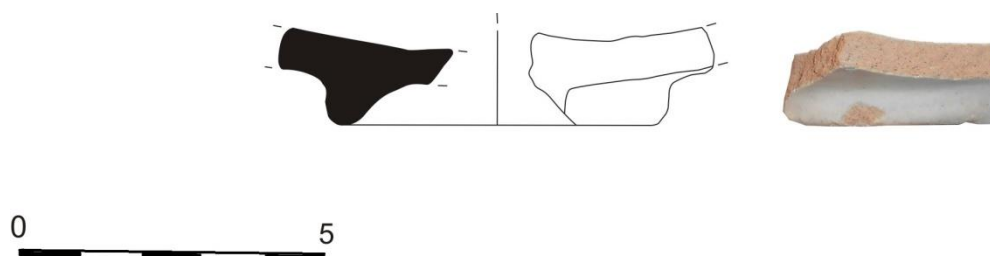
Tigela



Fragmento de fundo de tigela de pé alto anelado. Pasta oxidante de cor bege amarelada (M 5Y 9/6) com baixa percentagem de elementos não plásticos sendo de tendência porosa, com elementos não plásticos finos de óxidos de ferro vermelho e micas. Revestimento a branco (M-N 9,5) na superfície total da peça. Fratura irregular. Fundo de Ø8 cm e espessura de bojo entre 0,4 a 1,3 cm.

PF00/1572-51

Tacinha



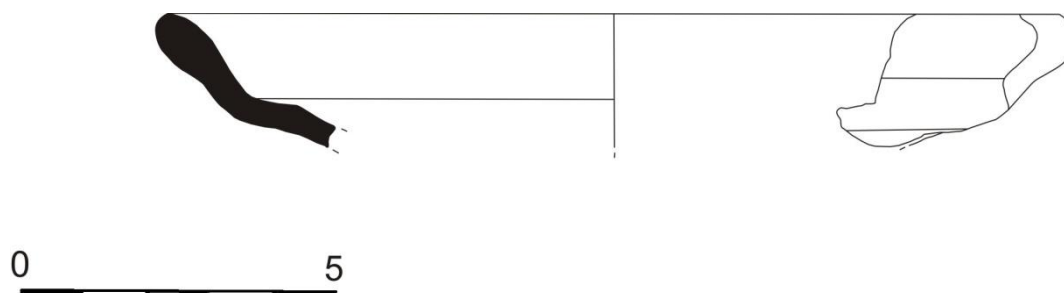
Fragmento de fundo de Tacinha de tipo pé anelado. Forma aberta. Pasta oxidante de castanho avermelhada (M 7,5YR 6/4) dura com baixa percentagem de elementos não plásticos com micas brancas, quartzo, e existência de óxidos de cor vermelha.



Revestimento a branco (M-N 9,5) na superfície total da peça. Fratura irregular. Fundo de Ø4 cm e espessura de bojo entre 0,5 a 1,3 cm.

PF00/1614-97

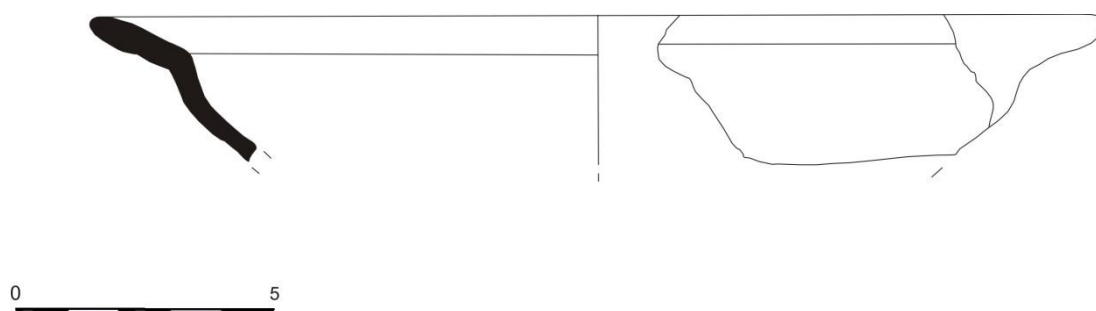
Taça com carena



Fragmento de Bordo de taça com carena de orientação exvertida, de tipo espessamento redondo para o exterior. Apresenta carena no colo. Pasta oxidante de cor bege amarelada (M 5Y 9/6) com baixa percentagem de elementos não plásticos sendo de tendência porosa, com elementos não plásticos finos de óxidos de ferro vermelho e micas. Revestimento a branco (M-N 9,5) na superfície total da peça. Fratura irregular. Bordo de Ø13 cm e espessura de bojo entre 0,4 a 0,6 cm.

PF00/1608-113

Prato

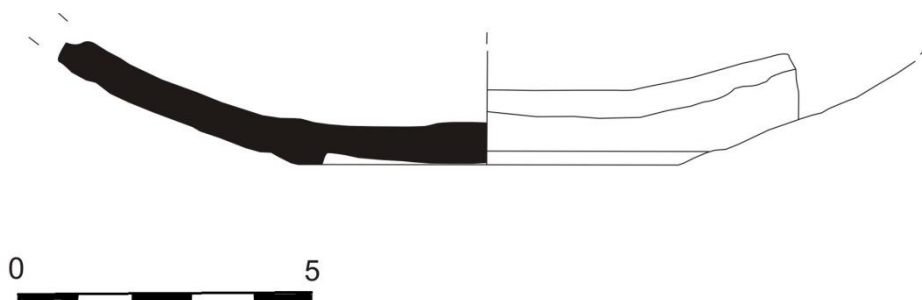


Fragmento de bordo de prato de orientação exvertida, de tipo espessamento redondo para o exterior. Pasta oxidante de cor bege amarelada (M 5Y 9/6) com baixa percentagem de elementos não plásticos sendo de tendência porosa, com elementos não plásticos finos de óxidos de ferro vermelho e micas. Revestimento a branco (M-N 9,5)

na superfície total da peça. Fratura irregular. Bordo de Ø10 cm e espessura de bojo de 0,4 cm.

PF00/2735-79

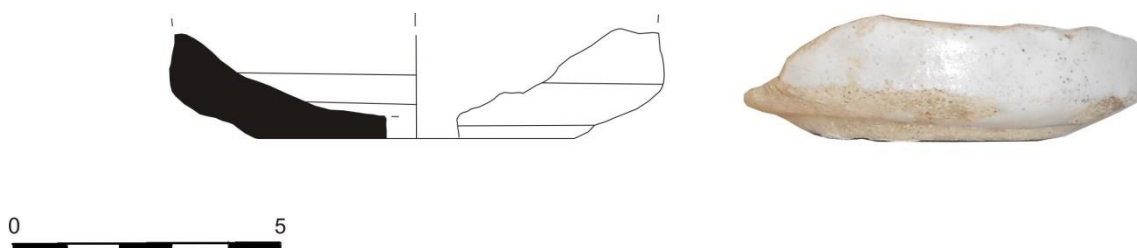
Prato



Fragmento de fundo anelado. Pasta oxidante de castanho avermelhada (M 7,5YR 6/4) dura com média percentagem de elementos não plásticos com micas brancas, quartzo e existência de óxidos de cor vermelha. Revestimento a branco (M-N 9,5) na superfície total da peça. Fratura irregular. Fundo de Ø5 cm e espessura de bojo entre 0,6 a 0,7 cm.

PF00/8/06-73

Especieiro



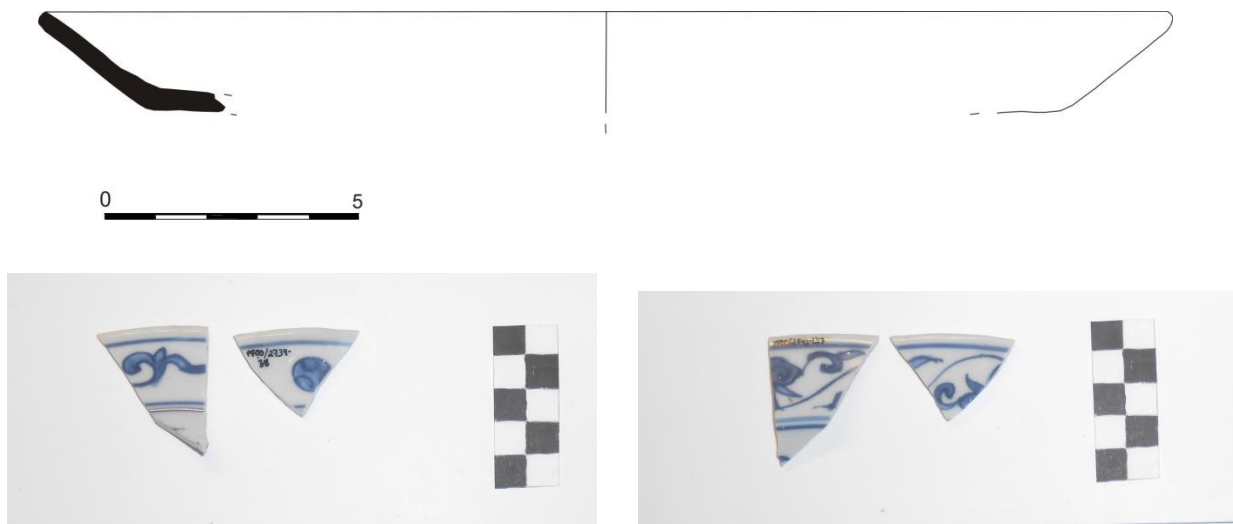
Fragmento de fundo de especieiro de tipo disco. Forma aberta. Pasta oxidante de cor bege amarelada (M 5Y 9/6) com baixa percentagem de elementos não plásticos sendo de tendência porosa, com elementos não plásticos finos de óxidos de ferro vermelho e micas. Revestimento a branco (M-N 9,5) na superfície total da peça. Fratura irregular. Fundo de Ø6 cm e espessura de fundo entre 0,4 a 1 cm.

## Grupos Forâneos

### Porcelana chinesa

PF00/2743-137

Prato



Bordo de orientação exvertida, de tipo espessamento redondo para o exterior. Pasta oxidante de cor branca (M 7,5YR 8/1) sem elementos não plásticos. Forma aberta. Superfície exterior com decorações de duas linhas horizontais junto ao bordo e uma linha horizontal junto à base, onde se situam os elementos vegetativos constituídos por frutos rodeados de folhas. Na superfície interior apresenta duas linhas horizontais perto do bordo, uma linha horizontal perto da base e um possível elemento vegetativo entre as linhas. Bordo de Ø21 cm e espessura de bojo de 0,3 cm.

PF00/2684-75

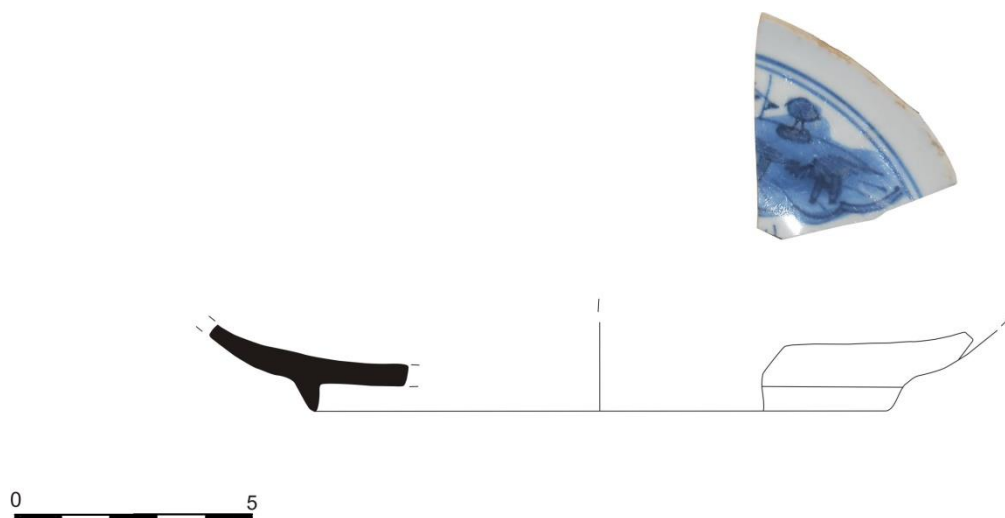
Prato



Perfil completo de prato cujo bordo de orientação exvertida, de tipo espessamento redondo para o exterior. Fundo em anel. Forma aberta com bojo em calote esférico. Pasta oxidante de cor branca (M 7,5YR 8/1) sem elementos não plásticos. Fratura irregular. Decoração composta por um grou rodeado de flores e pássaros de pequena dimensão, linhas concêntricas e pêssegos na superfície interior. Na superfície exterior elementos vegetativos e pêssegos. Metade do selo de produção no centro do fundo. Bordo de Ø21 cm, fundo de Ø9 cm e espessura de bojo 0,4 cm e altura de 3 cm.

PF00/8/06-92

Prato



Fragmento de fundo de prato de tipo pé anelado. Pasta oxidante de cor branca (M 7,5YR 8/1) sem elementos não plásticos. Forma aberta. Decoração interior constituída por uma paisagem com árvore. Superfície exterior com duas folhas perto do fundo. Duas linhas concêntricas no anel. Fundo de Ø 8 cm e espessura de bojo de 0,4 cm.

PF00/1578-2/3

Tigela

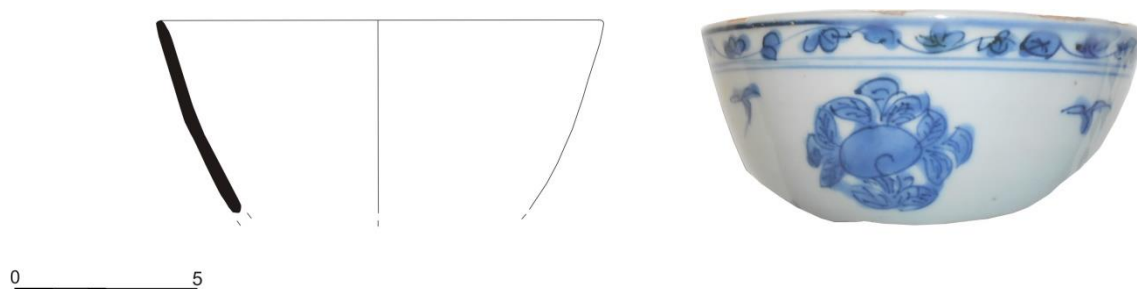


Fragmento de bordo de tigela de orientação exvertida, de tipo espessamento redondo para exterior. Forma aberta. Pasta oxidante de cor branca (M 7,5YR 8/1) sem

elementos não plásticos. Fratura irregular. Decoração exterior com recipiente (vaso) com pássaros acompanhados por uma flor de lotus. Linha de cor azul ao longo do bordo. Na superfície interior não apresenta decoração. Bordo de Ø 10 cm e espessura de bojo entre 0,2 a 0,3 cm.

PF00/1611-49

Tigela



Fragmento de bordo de orientação exvertida de tipo espessamento redondo. Forma aberta. Pasta oxidante de cor branca (M 7,5YR 8/1) sem elementos não plásticos. Superfície exterior é constituído por verniz azul sobre branco com elementos vegetativos tendo um pêssago e folhas interligadas. Três linhas perto do bordo. Superfície interior com linha a azul concêntrica perto do bordo. Bordo de Ø12 cm e espessura de bojo de 0,2 cm.

PF00/1572-1

Tigela



Fragmento de bordo de tigela de Bordo de orientação exvertida, de tipo espessamento direito redondo. Forma aberta. Pasta oxidante de cor branca (M 7,5YR 8/1) sem elementos não plásticos. Decoração a azul- azul quase cinza, na superfície

exterior é composta por elementos vegetativos e duas linhas perto do bordo. Na superfície interior é também composto por duas linhas ao longo do bordo. Bordo de Ø13 cm e espessura de bojo de 0,2 cm.



Majolica italiana

PF00/8/06-94

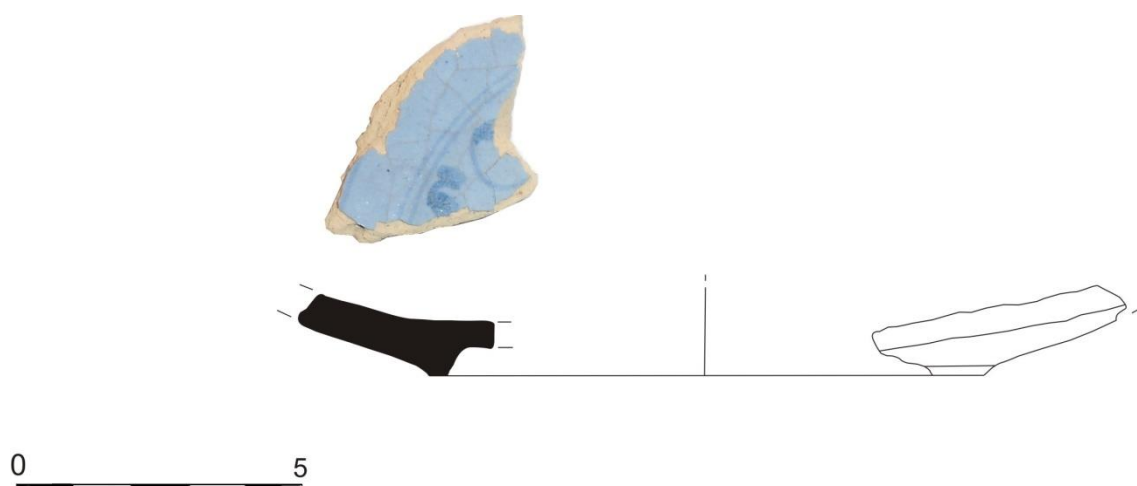
Prato - Ligúria



Fragmento de bordo de prato, de orientação exvertida de tipo de espessamento redondo para o exterior. Forma aberta. Pasta oxidante de cor bege rosa (M 5YR 8/4) dura com elementos não plásticos muito finos. Fratura irregular. Decoração de azul sobre azul na superfície total, no interior constituído com elementos vegetativos e na superfície exterior duas linhas que se cruzam. Bordo de Ø23 cm e espessura de bojo ente 0,5 a 0,7 cm.

PF00/2734-35

Prato - Ligúria



Fragmento de fundo de prato, em anel e arranque de asa de orientação vertical. Forma aberta. Pasta oxidante de cor bege amarelada (M 5Y 8/12) de tendência rugosa com elementos não plásticos muito finos. Fratura irregular. Decoração a azul sobre azul com elementos decorativos de duas linhas na superfície exterior e duas linhas na superfície interior e elementos vegetativos. Fundo de Ø8 cm e espessura de bojo de 0,7 cm.

PF00/1614-91

Prato - Montelupo



Fragmento de bordo de prato de orientação exvertida, de tipo espessamento redondo para o exterior. Pasta oxidante de cor bege esbranquiçada (M 7,5YR 8/6) dura com percentagem baixíssima de elementos não plásticos. Decoração a amarelo com

linhas azuis e pequenos medalhões azuis na superfície. Bordo de Ø22 cm e espessura de bojo de 0,8 cm.

## Cerâmica de Sevilha

PF00/2742-64

Prato



Perfil completo de prato com bordo de orientação exvertida, de tipo de espessamento redondo para o exterior. Fundo em onfalo. Forma aberta. Pasta oxidante de cor bege claro (M 7,5YR 8/4) dura com baixa percentagem de elementos não plásticos finos. Fratura irregular. Revestimento a esmalte claro em ambas superfícies (M 7,5YR 8/4). Bordo de Ø21 cm, fundo de Ø6 cm, espessura de bojo entre 0,6 a 1,2 cm e altura de 4,3 cm.

PF00/1578-460

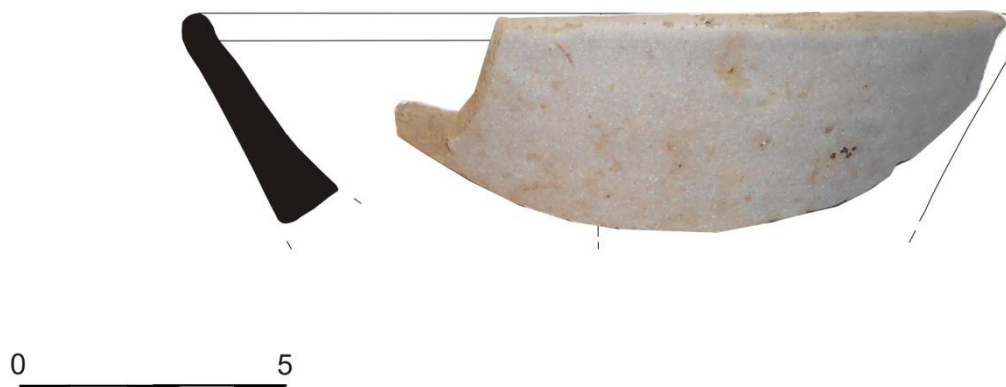
Prato



Fragmento de bordo prato que apresenta orientação exvertida, tipo de espessamento redondo para o exterior. Forma aberta. Pasta oxidante de cor bege claro (M 7,5YR 8/4) dura com baixa percentagem de elementos não plásticos finos. Fratura irregular. Revestimento a esmalte claro em ambas superfícies (M 7,5YR 8/4) e duas linhas ao longo do bordo de cor azul. Bordo de Ø21 cm e espessura de bojo entre 0,6 a 1 cm.

PF00/1578-443

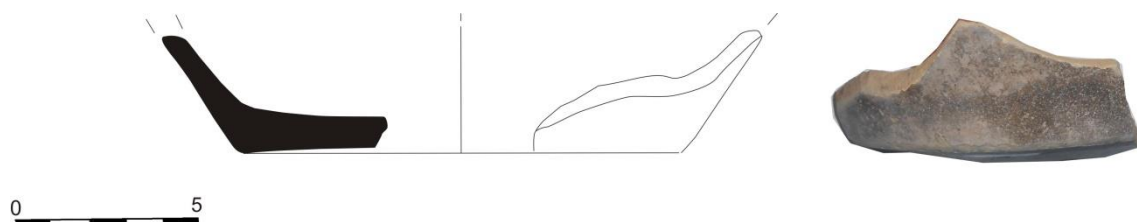
Taça



Fragmento de bordo de taça que apresenta uma orientação exvertida, de espessamento redondo para o exterior. Forma aberta. Pasta oxidante de cor bege claro (M 7,5YR 8/4) dura com baixa percentagem de elementos não plásticos finos. Fratura irregular. Revestimento a esmalte claro em ambas superfícies (M 7,5YR 8/4). Bordo de Ø15 cm e espessura de bojo entre 0,8 a 1,3 cm.

PF00/2735-257

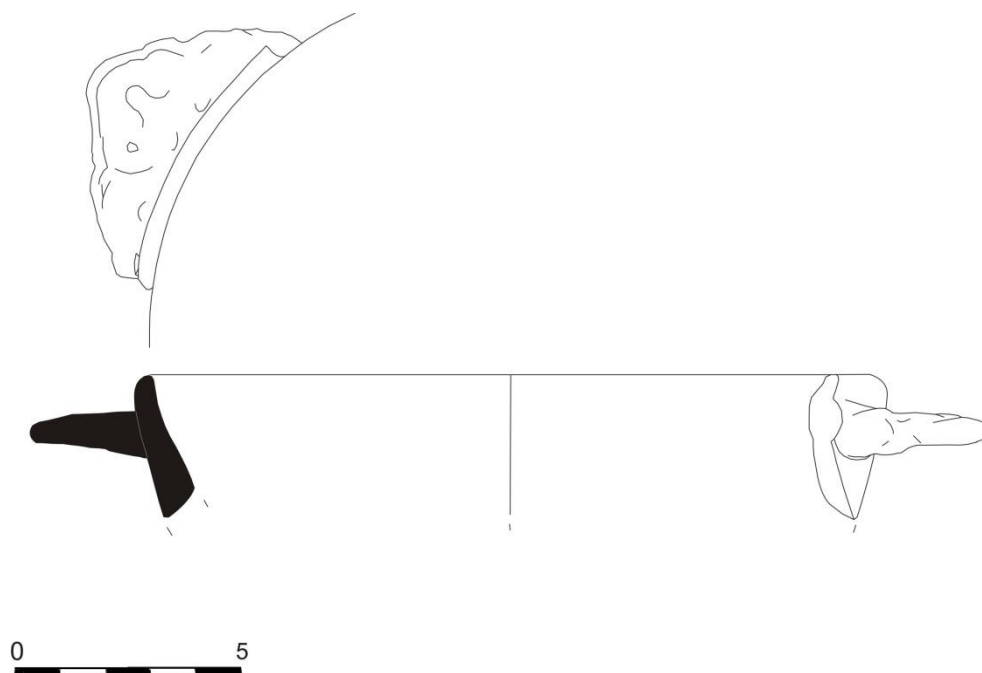
Taça



Fragmento de fundo de taça morfologicamente de tipo côncavo. Forma aberta. Pasta oxidante de cor bege claro (M 7,5YR 8/4) dura com baixa percentagem de elementos não plásticos finos. Fratura irregular. Revestimento a esmalte claro em ambas superfícies (M 7,5YR 8/4). Fundo de Ø12 cm e espessura de bojo entre 0,5 a 1,3 cm.

PF00/1572-2

Escudela



Fragmento de bordo e asa de escudela, em que o bordo apresenta orientação reta, de tipo de espessamento redondo exterior. Asa decorativa de orientação horizontal. Forma aberta. Pasta oxidante de cor bege claro (M 7,5YR 8/4) dura com baixa percentagem de elementos não plásticos finos. Fratura irregular. Revestimento a esmalte claro em ambas superfícies (M 7,5YR 8/4). Bordo de Ø14 cm e espessura de bojo de 0,6 cm.

PF00/2735-76

Pote

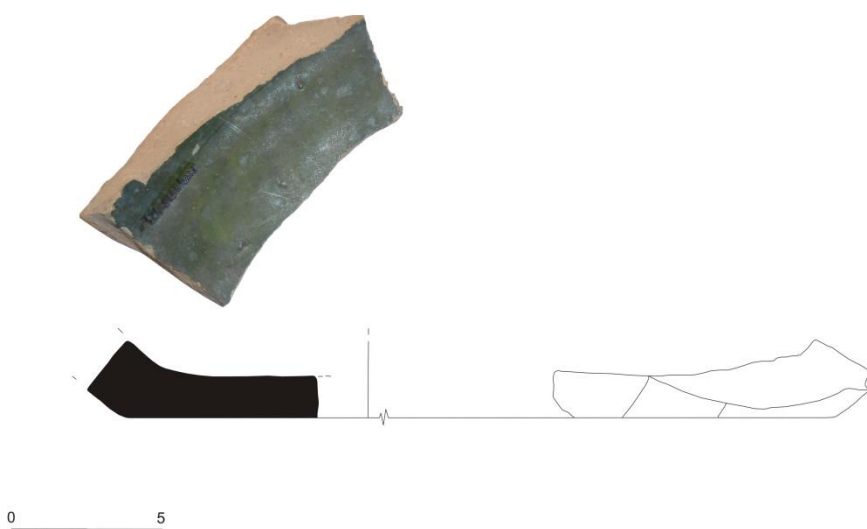


Fragmento de bojo e asa de pote. Forma fechada. Arranque de asa de orientação vertical. Pasta oxidante de cor bege claro (M 7,5YR 8/4) dura com baixa percentagem de elementos não plásticos finos. Fratura irregular. Esmaltado a azul-liso na superfície exterior e esmaltado esbranquiçado na superfície interna. Espessura de bojo entre 0,8 a 1 cm.

PF00/1578-421

Alguidar



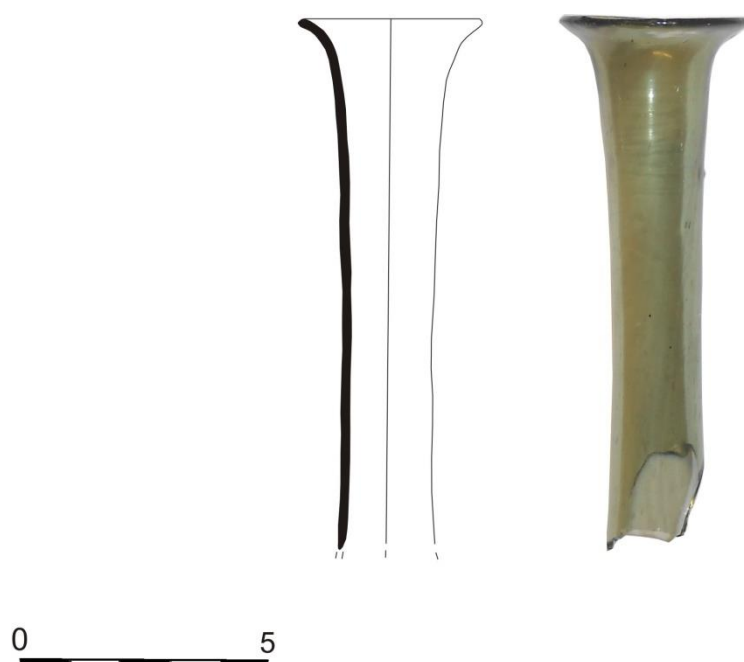


Fragmento de fundo de alguidar, de tipo Plano. Forma aberta. Pasta oxidante de cor bege claro (M 7,5YR 8/4) dura com baixa percentagem de elementos não plásticos finos. Fratura irregular. Revestimento a esmalte verde (M 5G 5/8) na superfície interior. Fundo de Ø48 cm e espessura de fundo entre 1,5 a 2 cm.

Outros materiais  
Vidros

PF00/12/08-8

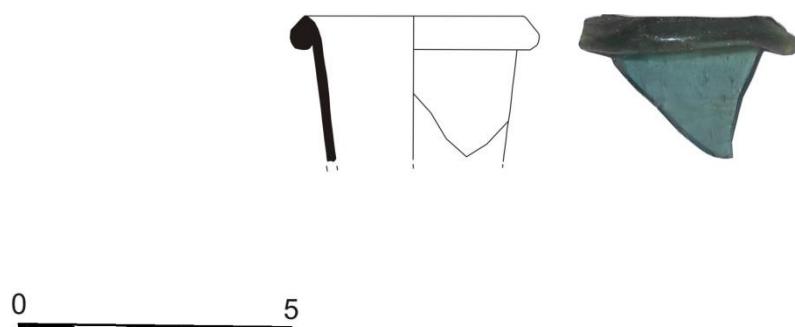
Garrafa



Fragmento de bordo de garrafa de orientação reta e de tipo de espessamento redondo para o exterior, Variante A. Forma fechada. Vidro translúcido de cor verde amarelado (M 5YG 6/16). Fratura irregular. Bordo de Ø3,5 cm e espessura de bojo de 0,1 cm.

PF00/2734-4

Garrafa



Fragmento de bordo de garrafa de orientação reta com espessamento de bisel externo, Variante B. Forma fechada. Vidro translúcido de cor verde (M 5G 7/6). Fratura irregular. Bordo de Ø4 cm e espessura de bojo entre 0,1 a 0,3 cm.

PF00/2743-1

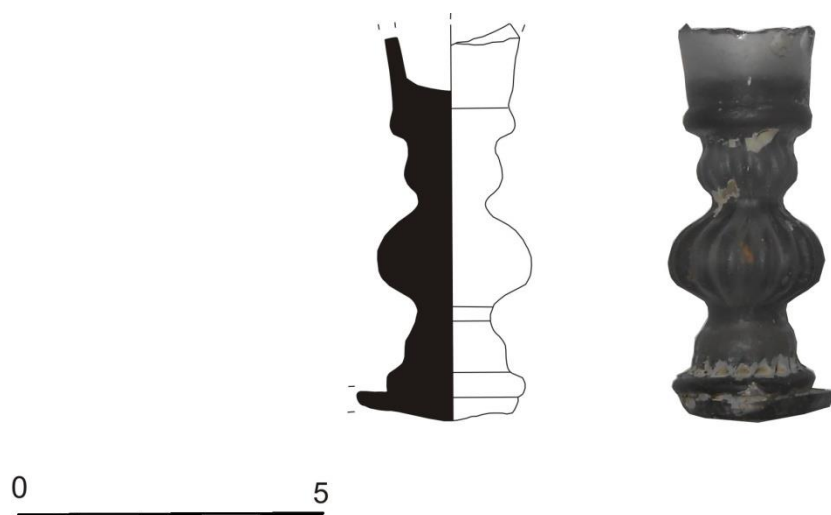
Garrafa



Fragmento de gargalo de garrafa. Forma fechada. Vidro semi-translúcido de cor verde claro (M 5G 7/4). Decoração com linhas brancas verticais e diagonais na superfície exterior. Fratura irregular. Espessura de bojo entre 0,1 a 0,2 cm.

PF00/1611-6

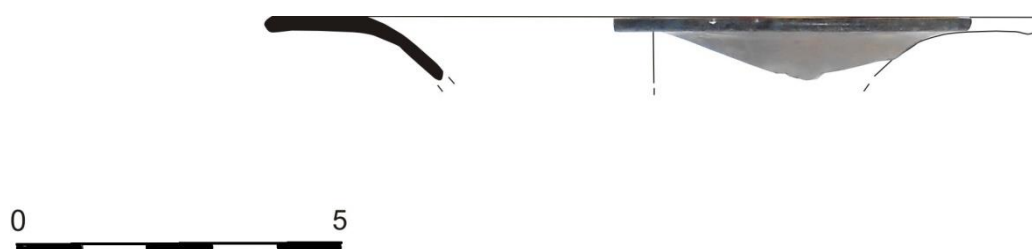
Cálice



Fragmento de cálice fundo de pé alto decorativo. Vidro semi- translúcido de cor cinza (M 5R 7/1). Decoração com saliências possivelmente feitas em molde e incisões no início do fundo. Espessura de bojo entre 0,2 a 1 cm.

PF00/1589-9

Taça



Fragmento de taça cujo bordo é de orientação exvertida, com tipo de espessamento redondo para o exterior. Forma aberta. Vidro semi-translúcido de cor cinza (M 5R 7/1). Bordo de Ø11 cm e espessura de bojo entre 0,1 a 0,2 cm.

PF00/2726-3

Bojo indeterminado



Bojo indeterminado de coloração cinza semi-translúcida (M 5R 7/1), bastante fina, com decoração em linhas verticais de cor branca na superfície exterior. Espessura de bojo de 0,1 cm.

Restos de produção da Cerâmica Comum  
Vidrada

PF00/Trem-1578-1



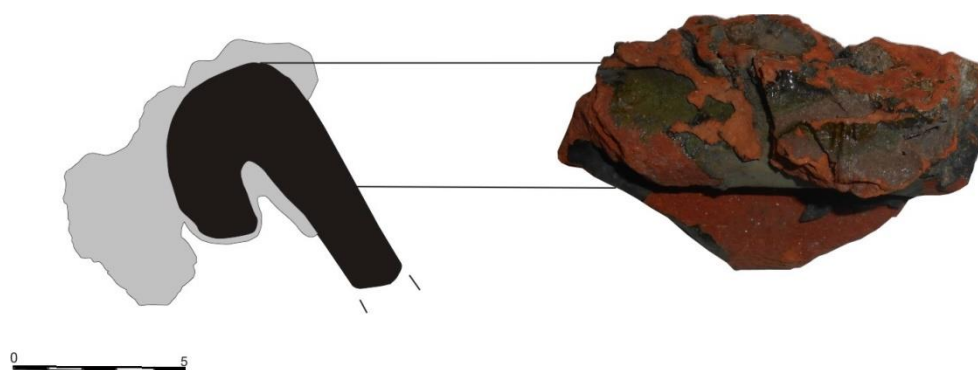
Trempe fragmentada com comprimento de 7 cm e espessura de 1,2 cm. Apresenta uma pasta de cor cinza clara.

PF00/Trem-1578-2



Trempe fragmentada de pasta oxidante de cor laranja avermelhado (M 7,5YR 5/8) média percentagem de elementos não plásticos constituídos por micas brancas e outros elementos de pequena dimensão. A sua superfície exterior é composta por escorrimentos de vidrado verde e amarelo, apresentando comprimento de 13 cm e uma espessura de 2,1 cm.

Bordo de alguidar PF00/1611-50

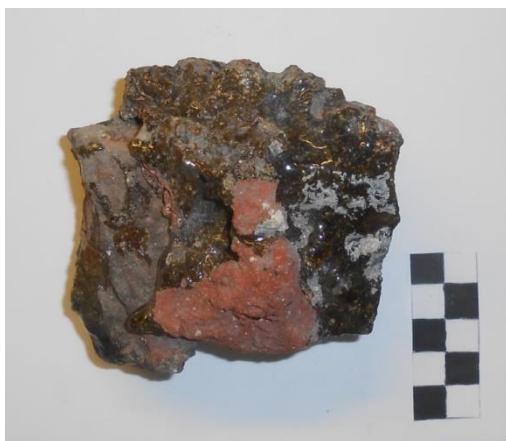


Fragmento de bordo de alguidar, pasta oxidante de cor laranja avermelhado (M 7,5YR 5/8) média percentagem de elementos não plásticos constituídos por micas brancas e outros elementos de pequena dimensão. Na sua superfície apresenta vários escorrimentos do vidrado verde. Espessura entre 1,5 a 2,5 cm.

PF00/v1589



PF00/v1611

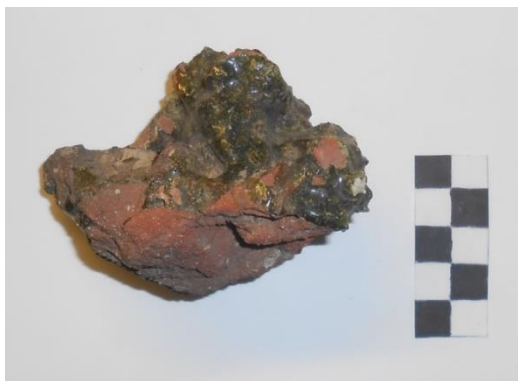




PF00/v2726



PF00/v2736



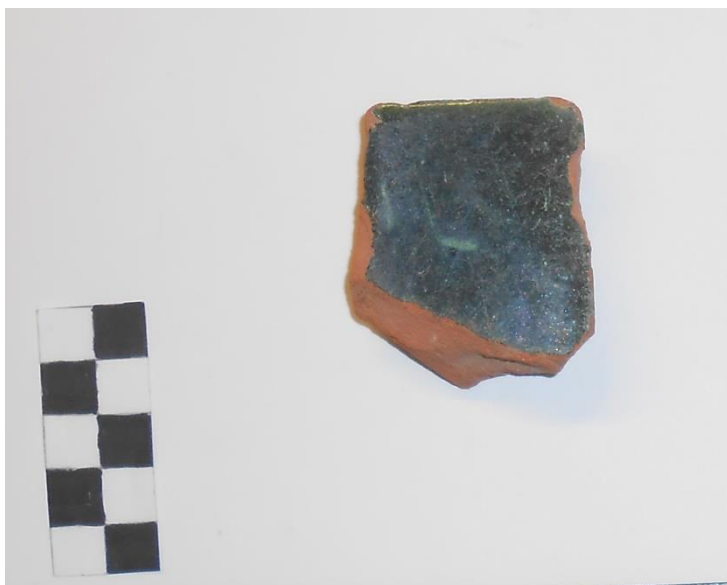
PF00/1578



## Materiais de construção

PF00/8/06-46

Azulejo



Fragmento de azulejo de pasta oxidante de cor laranja avermelhado (M 7,5YR 5/8) e decoração composta por vidrado a verde escuro na superfície exterior. 5 cm de comprimento e espessura de 1,5 cm.

PF00/8/06-184

Azulejo



Fragmento de azulejo com pasta oxidante de cor bege amarelada (M 5Y 9/6) com esmaltado a branco na superfície exterior. 7,5 cm de comprimento e espessura de 1,2 cm.

## Imagens religiosas e outros objetos trabalhados em osso e madeira

### Estatuária incompleta de iconografia religiosa



Iconografia composta por tronco e membros superiores e inferiores com a ausência da cabeça e parte da mão esquerda. Presente indumentária característica de um frade da ordem religiosa franciscana. Do lado inverso apresenta uma superfície plana. Pasta oxidante de cor vermelha (M 5R 4/10) com presença de micas. Altura de 36,5 cm de altura e espessura entre 3 a 6,5 cm.

### Fragmento de estatuária



Base de estatuária fragmentada de pasta oxidante de cor vermelha (M 5R 4/10) com presença de micas. 9,5 cm de altura e espessura entre 5 a 11 cm.

PF00/2684-124

Fragmento de estutuária



Fragmento de estutuária. Pasta oxidante de cor vermelha (M 5R 4/10) com presença de micas. Tem 6,5 cm de altura e espessura de 3 cm.

Fauna trabalhada

PF00/1578-fauna

Agulha de osso



Agulha de osso trabalhado. 14 cm de comprimento e 0,1 a 1,2 cm de espessura

“espatulas” de madeira

PF00/1614-fauna



Madeira trabalhada. A primeira com 12,5 cm de comprimento e 0,2 a 0,5 cm de espessura. O segundo fragmento com 10,4 cm de comprimento e 0,2 a 0,5 cm de espessura.

Metals



PF00/m2734-1; PF00/m2640-2; PF00/m2743-3 e PF00/m2689-4



(PF00/m2734-1) de perfil completo, tendo 10,7 cm de comprimento e 0,7 a 1 cm de espessura. (PF00/m2640-2) apresenta 12,9 cm e espessura entre 0,8 a 1,2 cm. (PF00/m2743-3) é constituído por 8 cm de comprimento e 0,2 a 0,6 cm de espessura. (PF00/m2689-4) é de perfil completo tendo comprimento aproximadamente 4,2 cm e espessura de 0,2 cm.

## Apêndice VII - Fauna – tabelas

UE	Espécies
[1523]-8/06	Duas conchas de <i>Ostrea edulis</i> (Ostra) Metacarpo de <i>Ovis/Capra</i> Tíbia fragmentada não fundida de <i>Ovis/Capra</i> Mandíbula de <i>Ovis/Capra</i> sem dentes Molar superior queimado de <i>Bos taurus</i> Mandíbula Molar 3 de <i>Ovis/Capra</i>
[1523]- 1572	Rádio proximal de <i>Ovis/Capra</i>
[1523]- 1578	Calcâneo de <i>Bos taurus</i> com marcas de corte grosseiras Escápula distal de <i>Ovis/Capra</i> Coracóide de <i>Gallus domesticus</i> Fragmento de crânio humano ( <i>homo sapiens</i> )
[1523]-1608	Chifre de <i>Ovis/Capra</i>
[1523]-1611	Fragmento de úmero de <i>Bos taurus</i>
[1523]-1614	Diáfise de <i>Ovis/Capra</i> Metáfise distal de <i>Bos taurus</i>
[1523]-2541	Metacarpo de equídeo de pequeno porte (burro/ <i>Equus asinus</i> )
[1523]-2640	Cúbito de <i>Felis catus</i> (gato) Fragmento de carapaça de tartaruga
[1523]-2642	Concha de <i>Cerastoderma edule</i> (amêijoia)
[1523]-2684	Concha de gastrópode terrestre - cf. <i>Theba pisana</i>
[1523]-2726	Fémur de <i>Bos taurus</i> Fragmento de crânio humano ( <i>homo sapiens</i> )
[1523]-2727	Fémur completo de equídeo de pequeno porte (burro/ <i>Equus asinus</i> ) Metacarpo de equídeo de pequeno porte (burro/ <i>Equus asinus</i> ) Metatarso de equídeo (cavalo/ <i>Equus asinus caballus</i> ) Concha de búzio
[1523]-2728	Concha de <i>Ostrea edulis</i> (Ostra)
[1523]- 2729	Tíbia completa de equídeo de pequeno porte (Burro/ <i>Equus asinus</i> ) Carapaça de tartaruga
[1523]-2737	Concha de gastrópode terrestre - cf. <i>Theba pisana</i> .
[1523]-2742	Fémur de <i>Ovis/Capra</i> <i>Cerastoderma edule</i> (amêijoia)

[1523]-2743	<p>Falange II de <i>Bos taurus</i></p> <p>Duas mandíbulas do mesmo animal, <i>Ovis/Capra</i>: Pré-molar3 e Pré-molar4 e Molar1 e Molar2. Uma das mandíbulas só tem Pré-molar3 e Molar2. Pré-molar 2 não existe.</p>
-------------	---

Tabela 1: Apuramento das espécies e respectivos tipos de osso

Espécie	Quant.	%
<b>Mollusca</b>		
<i>Ostrea edulis</i> (ostra redonda)	2	6,5
<i>Cerastoderma edule</i> (amêijoia)	2	6,5
cf. <i>Theba pisana</i> (gastrópode terrestre)	2	6,5
<b>Reptilia</b>		
Testudines (tartaruga)	2	6,5
<b>Mammalia</b>		
<i>Bos taurus</i> (gado bovino)	6	19,3
<i>Ovis aries</i> / <i>Capra hircus</i> (ovelha ou cabra)	10	32,2
<i>Equus caballus</i> (cavalo)	1	3,2
<i>Equus asinus</i> (burro)	4	12,9
<i>Felis catus</i> (gato doméstico)	1	3,2
<b>Aves</b>		
<i>Gallus domesticus</i> (galinha doméstica)	1	3,2

Tabela 2: Percentagem das espécies do poço T1